



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de São José do Rio Preto

Glener Cruz Ochiussi

Tradicionalismo e modernidade no Brasil de Antonio Callado: uma leitura de  
*Quarup*.

São José do Rio Preto

2018

Glener Cruz Ochiussi

Tradicionalismo e modernidade no Brasil de Antonio Callado: uma leitura de  
*Quarup*.

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Franco Junior

São José do Rio Preto  
2018

Ochiussi, Glener Cruz.

Tradicionalismo e modernidade no Brasil de Antonio Callado: uma leitura de *Quarup* / Glener Cruz Ochiussi. -- São José do Rio Preto, 2018  
123 p.

Orientador: Arnaldo Franco Junior

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e  
Ciências Exatas

1. Literatura brasileira - História e crítica. 2. Literatura e história. 3.  
Callado, Antonio, 1917 – 1997 – Quarup – Crítica e interpretação. 5.  
Literatura – História e crítica – Teoria, etc. I. Universidade Estadual  
Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e  
Ciências Exatas.  
II. Título.

CDU – B869.09

Glener Cruz Ochiussi

Tradicionalismo e modernidade no Brasil de Antonio Callado:  
uma leitura de *Quarup*.

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Arnaldo Franco Junior  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientador

Prof. Dr. Orlando Nunes de Amorim  
UNESP – São José do Rio Preto

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Giselle Larizzatti Agazzi  
UNIMES – Santos

São José do Rio Preto  
17 de maio de 2018

Para meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Arnaldo Franco Junior, por ter me ajudado a refletir sobre as proposições deste projeto, pelos longos colóquios e pelas aulas ministradas. Sempre atencioso e humilde em seus apontamentos.

À minha esposa Daiane Simiele Ochiussi pela paciência, zelo e companheirismo. Esteve, em dois anos e meio de trabalho, sempre ao meu lado, mesmo nos períodos mais difíceis. Sem você nada disso seria possível.

Aos meus pais Carlos Ochiussi e Marli Cristina Cruz Ochiussi pelo incentivo à educação. Ensinaram-me, desde cedo, que o estudo era um valor basilar na construção de todo ser humano. À Marcela Cruz Ochiussi, como inspiração: um novo caminho está prestes a ser trilhado por você.

À minha avó Dolores Cruz por todas as suas extraordinárias histórias. Elas, com certeza, instigaram-me a imaginar sempre mais.

À Daniela Soares Portela e Alaor Ignácio por acreditarem, desde o princípio, em meu potencial. Incentivaram-me a estudar e a descobrir novos horizontes.

Aos professores Márcio Scheel e Orlando Nunes de Amorim pelas valiosas considerações, acerca do trabalho, no exame de qualificação. À professora Giselle Larizzatti Agazzi pelas ideias compartilhadas na banca examinadora.

“Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens”  
(Sartre, *O existencialismo é um humanismo*).

## RESUMO

Este trabalho pretende fazer uma análise literária do romance *Quarup*, de Antonio Callado, focalizando a trajetória de Nando, seu protagonista, como padre, sertanista e educador. Nossa hipótese é a de que a jornada de Nando em *Quarup* pode ser interpretada, de maneira alegórica, como o périplo de um Brasil que busca, na democracia, justiça social. Sendo assim, devemos estudar, nesta pesquisa, a intersecção entre literatura e história. Partindo dessas considerações, definimos o questionamento desta dissertação, a saber: de que modo o tradicionalismo e a modernização estão presentes na trajetória de Nando? Entendemos por tradicionalismo: infraestruturas que visam a dominação e a conseqüente submissão do povo, tais como a distribuição desigual de terras – gestada, em seus fundamentos, durante o Período Colonial; e por modernização: novos ideais que visam a desalienação e a conseqüente luta por melhorias sociais, tais como as que impulsionaram o surgimento das Ligas Camponesas – criadas, principalmente, no decorrer das décadas de cinquenta e sessenta do século XX. Enquanto o tradicionalismo está ligado ao continuísmo, a manutenção de um antigo *status quo*, a modernização indicia a ruptura, isto é, a quebra de um ciclo histórico de injustiças. A conclusão é a de que o percurso de Nando em *Quarup* representa o itinerário histórico de um Brasil que, nos anos sessenta do século XX, busca melhorias sociais.

Palavras-chave: Antonio Callado, Literatura e história, Modernidade, *Quarup*, Tradicionalismo.



## ABSTRACT

This work intends to make a literary analysis of the novel *Quarup* by Antonio Callado, focusing on the trajectory of Nando, his protagonist, as a priest, indianist and educator. Our hypothesis is that Nando's journey in Quarup can be interpreted allegorically as the journey of a Brazil that seeks, in democracy, social justice. Thus, we must study, in this research, the intersection between literature and history. Based on these considerations, we define the questioning of this dissertation: in what way traditionalism and modernization are present in the trajectory of Nando? We mean by traditionalism: infrastructures that aim at domination and the consequent submission of the people, such as the unequal distribution of land - essentially created during the Colonial Period; and by modernization: new ideals that aim at the consequent struggle for social improvements, such as those that propelled the emergence of Ligas Camponesas - created mainly during the fifties and sixties of the twentieth century. While traditionalism is linked to continuity, the maintenance of an old *status quo*, modernization signals the rupture, that is, the breaking of a historical cycle of injustice. The conclusion is that Nando's path in Quarup represents the historical itinerary of a Brazil that, in the sixties of the twentieth century, seeks social improvements.

Keywords: Antonio Callado, Literature and history, Modernity, *Quarup*, Traditionalism.

## Sumário

Introdução .....	10
------------------	----

### CAPÍTULO 1 – O caminho até *Quarup*

1.1 Antonio Callado: dados biográficos .....	15
1.2 Romance realista-político .....	19
1.3 Primeira recepção .....	22
1.4 Estudos posteriores .....	25

### CAPÍTULO 2 – A vida de Nando como padre

2.1 O ossuário.....	35
2.2 A igreja de Nando .....	38
2.3 A violação de Maria do Egito .....	41
2.4 Cambão.....	43
2.5 A inépcia do Estado.....	45
2.6 O aborto.....	46
2.7 O desfecho do episódio.....	48
2.8 O “Jardim do Éden” .....	49
2.9 O sofrimento do índio Aicá .....	52
2.10 Conclusão parcial .....	56

### CAPÍTULO 3 – A trajetória de Nando como sertanista

3.1 A organização da expedição .....	58
3.2 A pacificação dos suiá .....	61
3.3 A vereda das orquídeas .....	65
3.4 O encontro com os cren-acárore .....	69
3.4 Conclusão parcial .....	74

## CAPÍTULO 4 – O percurso de Nando como educador

4.1 A alfabetização do trabalhador rural.....	77
4.2 O líder Januário.....	80
4.3 Conversa com Tropeiro .....	85
4.4 A tragédia do Engenho Auxiliadora .....	89
4.5 A organização da marcha camponesa.....	93
4.6 O último encontro entre Nando e Francisca .....	96
4.7 O golpe civil-militar .....	100
4.8 Conclusão parcial.....	107
Considerações finais .....	109
Referências.....	113

## INTRODUÇÃO

Corria o ano de 1947: no pós-guerra, a Europa se reconstruía. Depois de uma longa temporada no “velho mundo”<sup>1</sup>, Antonio Callado decide voltar ao Brasil. Nas palavras do próprio autor: “À distância e depois de tantos anos no exterior, comecei a pensar no Brasil como um lugar fervilhando de novos assuntos, um país na verdade ainda, em muitos sentidos da palavra, inexplorado” (CALLADO, 2006, p. 61). Era preciso conhecer seu país natal: os índios, a floresta, os camponeses e os engenhos, o povo e sua terra. O autor prossegue: “Voltei para o Brasil. E logo após pegava um *barco-gaiola* em Belém do Pará para subir o rio Amazonas até Manaus, no rio Negro. E pouco depois de conhecer o Amazonas, passei minha primeira semana entre os índios do rio Xingu [...]” (CALLADO, 2006, p. 62 - grifo do autor).

Após embrenhar-se na mata, Callado decide viajar a Pernambuco para conhecer a realidade local. Na época, as Ligas Camponesas estavam sendo idealizadas e a própria percepção de mundo do clero católico estava em transformação. Segundo o próprio autor:

Quando fui pela primeira vez ao Nordeste, como jornalista, em 1959, para estudar o movimento das Ligas Camponesas, que então estava organizando os trabalhadores da cana-de-açúcar sob a bandeira do socialismo, pensei que a Igreja do Brasil estivesse realmente morta. Havia uma considerável agitação nas lavouras, violência e raiva entre os senhores de terra, inquietação por parte do governo do estado – e não se viam os padres em parte alguma. Mas, pelo menos no Brasil, a energia liberada pelas palavras do papa João XXIII, pouco depois, no começo dos anos 1960, foi como uma explosão (CALLADO, 2006, p. 70).

A cada viagem, novas experiências e anotações. Com o tempo a realidade é moldada e se torna, nas mãos do hábil artesão, matéria romanesca. Em 1967, Callado publica, pela Civilização Brasileira, seu terceiro romance: *Quarup*. Em entrevista a Lígia Chiappini Moraes Leite, Antonio Callado afirma: “*Quarup* é fruto desse deslumbramento, desse retorno ao Brasil” (LEITE, p. 235 - grifo do autor). Após conhecer realidades diversas, o autor tenta passar a limpo o seu próprio país. Da zona rural do Recife ao Alto Xingu, o romance nos apresenta um Brasil, até então, pouco conhecido. Em *Quarup*, romance marcado por um narrador heterodiegético<sup>2</sup>, Callado retrata as raízes do Brasil. Destaque para a convivência,

---

<sup>1</sup> Antonio Callado diz: “Quase todos os nossos autores [latino-americanos] vivem essas duas jornadas como viagens de educação, de formação do seu caráter. Um delas, à Europa, ou atualmente aos Estados Unidos, é uma viagem de fuga, um movimento de afastamento da América Latina, do seu atraso, do caos de sua vida política, de suas injustiças sociais e desse mal infantil perene, os golpes militares. A segunda viagem que os escritores latino-americanos costumam fazer é uma jornada, de espírito contrito e cheio de remorso, ao próprio âmago de seus respectivos países. Eles nadam contra a corrente, subindo rios e quedas d’água, procurando por caboclos e *cholos*, por peões e índios (CALLADO, 2006, p. 54 - grifos do autor).

<sup>2</sup> “A expressão narrador heterodiegético, introduzida no domínio da narratologia por Genette, designa uma particular relação narrativa: aquela em que o narrador relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão. Assim se distingue o narrador

nem sempre pacífica, do tradicionalismo com a modernização. Sobre o tema, Roberto Schwarz afirma:

A coexistência do antigo e do novo é um fato geral (e sempre sugestivo) de todas as sociedades capitalistas e de muitas outras também. Entretanto, para os países colonizados e depois subdesenvolvidos, ela é central e tem força de emblema. Isto porque estes países foram incorporados ao mercado mundial - ao mundo moderno - na qualidade de econômica e socialmente atrasados, de fornecedores de matéria prima e trabalho barato. A sua ligação ao novo se faz *através*, estruturalmente através de seu atraso social. Que se reproduz em lugar de se extinguir (SCHWARZ, 1978, p. 77 - grifos do autor).

Didaticamente, enquanto a elite procura preservar, em seu benefício, o tradicionalismo, o país luta por se modernizar<sup>3</sup>. No entanto, tal embate é mais complexo do que o imaginado. Não obstante, inexistente na história do Brasil uma linha divisória que segregue os aspectos tradicionais dos elementos modernos. Como brasileiros, somos o produto das tensões e articulações entre o tradicionalismo e a modernização. E em *Quarup*<sup>4</sup>, Callado registra tal multiplicidade de modo fidedigno. Segundo Giselle Larizzatti Agazzi, em *Quarup*, “o progresso é parte integrante do atraso, e este, daquele” (AGAZZI, 2004, p. 60).

Partindo dessas considerações, definimos o questionamento desta dissertação, a saber: de que modo o tradicionalismo e a modernização estão presentes na trajetória de Nando, protagonista de *Quarup*? Entendemos por tradicionalismo: infraestruturas<sup>5</sup> que visam a dominação e a conseqüente submissão do povo, tais como a distribuição desigual de terras - gestada, em seus fundamentos, durante o Período Colonial; e por modernização: novos ideais que visam a desalienação e a conseqüente luta por melhorias sociais, tais como as que impulsionaram o surgimento das Ligas Camponesas - criadas, principalmente, no decorrer das décadas de cinquenta e sessenta do século XX. Enquanto o tradicionalismo está ligado ao continuísmo, pois naturalizado ele se torna parte integrante da sociedade, a modernização indicia a ruptura, isto é, a quebra de um ciclo histórico de injustiças.

---

heterodiegético do narrador homodiegético (e também, naturalmente, do autodiegético), que justamente se caracteriza pelo fato de narrar uma história que conhece pela sua experiência de testemunha direta dessa história” (REIS; LOPES, 1988, p. 121).

<sup>3</sup> Note-se que a modernização defendida pelas classes populares não é, necessariamente, econômica. O progresso do país também pode ser entendido como um avanço no campo das ideias, sustentado pela desalienação do trabalhador e pela criação de novos movimentos sócio-políticos.

<sup>4</sup> Não por acaso *Quarup* é considerado, por muitos críticos, um romance multifacetado. Nelson Werneck Sodré, por exemplo, fala em um livro com pouca unidade (SODRÉ, 1967, p. 224).

<sup>5</sup> Segundo Tom Bottomore: “A metáfora do edifício – base (infraestrutura) e superestrutura – é usada por Marx e Engels para apresentar a ideia de que a estrutura econômica da sociedade (a base ou infraestrutura) condiciona a existência e as formas do Estado e da consciência social (a superestrutura). Nesse sentido, qualquer transformação na base econômica de uma sociedade leva a uma transformação da superestrutura” (BOTTOMORE, 1988, p. 52-53).

Nossa hipótese é a de que a trajetória de Nando em *Quarup* pode ser interpretada, de maneira alegórica<sup>6</sup>, como o périplo de um Brasil que busca, na democracia, justiça social. Sendo assim, devemos estudar, nesta pesquisa, a intersecção entre literatura e história; contemplando o “texto e o contexto” (CANDIDO, 2000, p. 6). Elegemos, como objeto de estudo, o percurso de Nando, personagem protagonista, como padre, sertanista e educador. Desse modo, pretendemos esboçar, em consonância com o trajeto do herói, um painel político-ideológico da história do Brasil.

Não por acaso, utilizaremos, no plano teórico, o ensaio *Literatura e Sociedade* de Antonio Candido (2000). Como forma de trabalho, Candido propõe a inclusão do “elemento social” (CANDIDO, 2000, p. 8) como “fator da própria construção artística” (ibidem). Dito de outra maneira: “[...] os elementos de ordem social serão filtrados [pelo crítico] através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra” (CANDIDO, 2000, p. 15). O autor prossegue:

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica (CANDIDO, 2000, p. 8 – grifo do autor).

Sendo assim, devemos respeitar, neste escrito acadêmico, duas proposições metodológicas básicas, quais sejam: a) as questões referentes ao texto, em específico, deverão ser exaustivamente analisadas; b) quando necessário, recorreremos a outras áreas do conhecimento para iluminarmos determinadas passagens do romance.

Por razões práticas, este estudo foi dividido em quatro capítulos interdependentes. A seguir, resumiremos cada um deles.

O primeiro capítulo discute as questões teóricas acerca de *Quarup*: enquadramento crítico, contextualização do objeto na história da literatura, escopo e *corpus* interpretativo. Apresentamos, aqui, nossa abordagem metodológica, segundo a qual: sempre que preciso, a

---

<sup>6</sup> De acordo com Massaud Moisés (2004): “Do grego *allegoría* (outro, *agoreuo*, *állos*, falar em público), discurso acerca de uma coisa para fazer compreender outra. O vocábulo ‘alegoria’ surge entre os gregos, que o empregaram correntemente. Platão usa-o em *A República*. E Plutarco referir-se-á, em *Da Leitura dos Poetas*, ‘ao que os Antigos chamavam significações secretas e que atualmente recebe o nome de alegorias. Corresponhia a uma figura de estilo, denominada *inversio* em latim, que designava uma coisa pelas palavras e uma outra coisa – quando não uma coisa inteiramente oposta – pelo sentido’, como assinala Quintiliano, de cuja pena brota o conceito que se tornaria clássico: ‘a alegoria é composto de uma metáfora contínua’. A alegoria constitui, por conseguinte, uma ‘espécie de discurso inicialmente apresentado com um sentido próprio e que apenas serve de comparação para tornar inteligível um outro sentido que não é expresso’ – um discurso que, como revela a etimologia do vocábulo, faz entender outro ou alude a outro, que fala de uma coisa referindo-se a outra, - uma linguagem que oculta outra, uma história que sugere outra” (MOISÉS, 2004, p. 14).

crítica literária deve utilizar contribuições de outras áreas do conhecimento para abarcar seu objeto de estudo. Em seguida, iniciamos com um breve perfil biográfico de Antonio Callado: de sua infância, numa família carioca de classe média, à publicação de *Quarup*, seu terceiro romance. De modo paralelo, fizemos algumas considerações sobre a carreira literária do autor. No próximo subitem, fizemos um esboço sobre o pensamento revolucionário da década de sessenta do século XX: momento em que *Quarup* é publicado. No decorrer do texto, inúmeras utopias nos são apresentadas, com destaque para a construção do “homem novo”. Nesse momento, enquadramos *Quarup* na categoria de “Romance realista-político”, proposta por Malcon Silverman (2000) em sua obra *Protesto e o novo romance brasileiro*. Na sequência, abordamos a primeira recepção do romance em jornais e revistas: são apreciações sobre *Quarup*, tanto positivas quanto negativas. Para cada crítica, elaboramos um pequeno comentário. No excerto subsequente, compilamos alguns estudos posteriores acerca do terceiro romance de Antonio Callado: são livros, capítulos de livros, artigos científicos e teses. Alguns deles foram utilizados nesta dissertação de modo sistemático.

Começamos o segundo capítulo discutindo o conservadorismo da Igreja Católica de Nando no romance. Neste sentido, tecemos algumas considerações sobre o episódio de abertura do romance. Em meio a uma crise existencial, o herói reza num ossuário e é interpelado por Levindo, um revolucionário de esquerda. Na divisão subsequente, colocamos em evidência a questão agrária no Brasil. Para tanto, organizamos algumas observações sobre a violação da personagem Maria do Egito e o tratamento cruel dado ao trabalhador rural da zona da mata pernambucana. Nos excertos subsequentes tratamos da distribuição fundiária. Nesse contexto, elaboramos algumas considerações históricas concernentes ao tema - a divisão desigual de terras em nosso país - e problematizamos o uso indiscriminado do cambão, trabalho análogo à escravidão. Por fim, abordamos o tratamento díspar dado pelo Estado brasileiro aos seus cidadãos: desde os primórdios, a elite é tratada com benesses e o pobre com violência. No próximo subitem problematizamos o contato do protagonista com os índios do Alto Xingu. Nesse momento, discutimos a chegada de Nando ao centro-oeste do Brasil, com destaque para a inocência do herói, que pensa estar adentrando o “Jardim do Éden”. Por fim, analisamos o episódio do sofrimento do índio Aicá e, na sequência, elaboramos algumas conclusões parciais acerca da vida de Nando como padre.

No princípio do terceiro capítulo elaboramos alguns apontamentos sobre a organização da expedição, idealizada por Ramiro, chefe do Serviço de Proteção ao Índio, rumo ao centro geodésico do Brasil. Na sequência, analisamos o episódio da pacificação dos índios suiá, com

destaque para a declaração de amor feita por Francisca, a principal personagem feminina do romance, a Nando. Na próxima subdivisão, analisamos o episódio da vereda das orquídeas, em que Nando e Francisca amam-se pela primeira vez: após esta passagem, o protagonista nunca mais será o mesmo. Por fim, elaboramos algumas conclusões parciais a respeito da trajetória de Nando, como sertanista, junto aos índios do interior do Brasil.

No quarto capítulo, analisamos o episódio em que Francisca, auxiliada por Nando, alfabetiza uma dezena de camponeses, com base no método Paulo Freire, que parte do ambiente do educando para construir conhecimento. No excerto subsequente, abordamos a importância do personagem Januário, líder sindical, para a trajetória de Nando. Ato contínuo, Nando conhece a situação dos camponeses do Engenho Auxiliadora. Além disso, examinamos um importante diálogo para o desenvolvimento da ação romanesca, realizado entre Nando e Francisca. Vislumbra-se, aqui, o encontro derradeiro entre o protagonista e sua amada: o golpe de Estado de 1964 irá separar, definitivamente, o casal. No próximo subitem, analisamos o episódio da marcha, organizada por Januário, em defesa do governador. Na sequência, analisamos o episódio em que os militares assumem o governo de Pernambuco: o governador é destituído, Francisca é mandada por seu pai para a Europa, e a revolução democrática é abortada. Por fim, elaboramos algumas conclusões parciais a respeito da trajetória de Nando como educador.

A conclusão é a de que, em seu périplo, Nando vai da alienação completa (produzida pelos aspectos tradicionais naturalizados em nossa sociedade) à luta armada (impulsionada por fatores contingentes). Não por acaso, o protagonista de *Quarup* inicia sua jornada junto ao conservadorismo católico. Nesse momento, o herói, afinado com a perspectiva dominante, valoriza a teoria, mas despreza a prática; ato contínuo, Nando passa por um longo período de aprendizagem no Alto Xingu (o “outro” entra na vida de Nando) e retorna a Pernambuco como educador. A *práxis social* passa a ser, então, para Nando, prioridade (perspectiva crítica). Além disso, o percurso de Nando também representa, em *Quarup*, o itinerário histórico de um Brasil que, nos anos sessenta do século XX, busca melhorias sociais.



## CAPÍTULO 1 – O caminho até *Quarup*

### 1.1 Antonio Callado: dados biográficos

Antonio Carlos Callado nasceu em Niterói, no ano de 1917: filho de Dario Callado e D. Edith Pitanga. Com a morte precoce do pai<sup>7</sup>, Callado foi criado pela mãe. De acordo com o escritor: “Sob sua aparência fria, ela era muito sensível. Eu a revejo lendo *Os miseráveis*, de Victor Hugo: ela chorava! Estou certo de que o espetáculo de uma tal paixão me impeliu para a literatura” (CALLADO, 2013, p. 40 – grifo do autor). Depois de aprender a ler com suas tias no porão da antiga casa do avô Pitanga, o jovem Callado foi matriculado no Ginásio Bittencourt Silva (CALLADO, 2013, p. 61). De educação tradicional<sup>8</sup>, o menino se interessou, desde cedo, pela literatura. Ao todo, teve três irmãs: Leda, Jerusa e Magdala - sendo a primeira, sua grande companheira.

Do avô materno, herdou o senso de justiça. De acordo com Ana A. Callado:

Antonio Callado mal tinha completado dois anos quando o avô de quem herdou o nome veio a falecer - vítima da gripe espanhola, em 11 de novembro de 1918, curiosamente o dia da assinatura do armistício que pôs fim à I Guerra Mundial. Callado cresceu, no entanto, sob o impacto da enorme admiração que sua mãe, Edith, nutria pelo próprio pai. A biografia do desembargador Antonio Pitanga justifica tanta estima. Entre o final do século XIX e início do XX, ele posicionou-se bravamente em defesa dos negros - antes da Abolição -, dos índios e dos presidiários (CALLADO, 2013, p. 43).

Graduou-se em direito, pela Faculdade de Direito de Niterói, em 1939. Anos antes, porém, iniciou-se como jornalista, escrevendo crônicas para *A Notícia* e para o *Correio da*

---

<sup>7</sup> Nas palavras de Ana A. Callado: “Dario havia se formado em Medicina no Rio de Janeiro, em 1907, com a tese *Da cura da tuberculose pela tuberculina* e logo depois iniciara carreira no magistério, como assistente do professor Miguel Couto. Foi aprovado em concurso livre docente com a tese *Da astenia na tuberculose pulmonar*, mas não tomou posse. Preferiu ser médico da Casa de Detenção do Rio de Janeiro e a partir dessa experiência escreveu outra tese, *Inconsciência do delinquente*. Estabeleceu-se posteriormente como clínico em Niterói e, em 1918, por ocasião da terrível epidemia da gripe espanhola, transformou sua residência na Rua Miguel de Frias, em Niterói, em verdadeiro Hospital. Amante da literatura e autor de sonetos parnasianos, alguns ilustrados por sua mulher, Edith, Dario Callado, médico de pescadores, de prisioneiros, estudioso da tuberculose, morreu aos 48 anos... de tuberculose” (CALLADO, 2013, p. 31 – grifo do autor).

<sup>8</sup> Em uma entrevista, Lúcia Chiappini pergunta: “Quanto de você há em Nando?” (LEITE, 1982, p. 237). Em instantes, Callado responde: “A gente está em todos os personagens. É claro que, no caso de Nando, havia uma identidade quase de geração, da minha geração, em relação à geração de Nando. Apenas, no caso dele fica tudo ainda agravado porque ele era padre. Mas o tipo de educação, o tipo de treino religioso era muito semelhante. Acho até difícil comunicar isso às pessoas hoje porque mudou tão bruscamente e tão drasticamente... Ainda há aulas de catecismo, por exemplo, hoje, mas era uma questão de intensidade. Não só na escola. Aí era apenas uma parte da educação religiosa, mas era toda uma pressão familiar, as tias... os amigos, todo o mundo se conhecia... é uma coisa que mudou de maneira tão fantástica que é difícil explicar hoje em dia às pessoas” (ibidem).

*Manhã* (CALLADO, 2013, p. 69). Nas palavras do próprio Callado: “Comecei a trabalhar em jornal aos vinte anos, em outubro de 1937. Em novembro, o Estado Novo me desaba sobre a cabeça. E aí me vem um censor para dentro do jornal, que ficava lá sentado, lendo tudo antes de ser impresso” (ibidem). A frustração com o futuro do país o fez aceitar uma proposta de trabalho, feita pela emissora BBC, em Londres. Em 1941, então com vinte e quatro anos de idade, Callado desembarca na capital britânica: suas recordações da Segunda Guerra Mundial serviriam de matéria-prima para a composição de seu último romance, *Memórias de Aldenham House* (1989).

Depois de uma temporada na Inglaterra<sup>9</sup>, e de uma rápida passagem pela França, Callado retorna ao Brasil. Como repórter, em 1952, conhece o Xingu<sup>10</sup>. Sobre o tema, Ana A. Callado afirma: “Uma viagem é organizada e custeada pelos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, e Callado, jornalista do concorrente *Correio da Manhã*, é convidado a fazer parte da comitiva” (CALLADO, 2013, p. 209 – grifo do autor). O objetivo da expedição era encontrar, com a ajuda dos sertanistas Orlando e Claudio Villas Bôas, os restos mortais do coronel Percy Harrison Fawcett<sup>11</sup>. Nas palavras de Ana A. Callado: “A viagem, além da reportagem publicada<sup>12</sup> e da forte amizade entre Callado e os irmãos Villas Boas, originou conhecimento e a motivação para o escritor produzir, 15 anos depois, o seu 3º romance, *Quarup*” (CALLADO, 2013, p. 210 - grifo do autor).

---

<sup>9</sup> De acordo com Ana. A. Callado: “De Londres, redige o noticiário da emissora [BBC], transmitido em português para o Brasil, colabora no tabloide quinzenal *A Voz de Londres*, em que reproduz textos dos correspondentes, divulga a programação do Serviço Brasileiro da emissora e as notícias sobre os brasileiros que, como ele, trabalhavam em Aldenham House, sede da estação. Vez por outra, corria para os abrigos, por ocasião dos bombardeios da aviação nazista” (CALLADO, 2013, p. 71 – grifo do autor). Nas palavras de Marcos Martinelli: “Em Londres se apropriaria, além da língua inglesa, de disposições culturais e sociais da metrópole, também pelo seu casamento em 1943 com Jean Maxime Watson, jornalista inglesa com quem teve três filhos. Nessa cidade, Callado tornou-se um assíduo frequentador de teatro, o que lhe propiciou um certo diferencial: havia incorporado certas disposições culturais inglesas em relação ao consumo de gêneros artísticos cultos” (MARTINELLI, 2006, p. 48).

<sup>10</sup> Ana A. Callado: “Em 1958, Callado faz nova viagem ao Xingu, dessa vez em companhia do escritor Aldoux Huxley, a violonista, escritora e cineasta italiana Laura Archera, casada com Huxley, e a poeta americana Elizabeth Bishop” (CALLADO, 2013, p.217).

<sup>11</sup> De acordo com Antonio Callado: “Percy Harrison Fawcett nasceu em Torquay, Inglaterra, em 1867. [...] Teve conhecimento da existência, na Biblioteca Nacional do Rio, de um documento atribuído a bandeirantes que relata a descoberta, em 1753, de uma Cidade Abandonada no sertão brasileiro, provavelmente de fabulosa idade histórica. [...] Em 1920, com autorização do governo brasileiro, Fawcett fez sua primeira tentativa de encontrar a Cidade Abandonada. Em 1925, tentou novamente, então fazendo-se acompanhar de seu filho Jack e do jovem Raleigh Rimmell. Desapareceu na selva” (CALLADO, 2010, p. 9-10).

<sup>12</sup> Ana A. Callado: “Callado faz um relato da expedição, que é publicado. Em 1953, sob o título *Esqueleto na Lagoa Verde*, em que reconstitui os passos do explorador britânico e procura compreender a obsessão que o mobilizava. É o primeiro contato do jornalista com os índios, o que provoca uma série de reflexões sobre esses primeiros habitantes da *terra brasilis*, seus hábitos, a relação com os grupos que chegam, enfim, uma face deste país que estava por ser descoberto” (CALLADO, 2013, p. 209 – grifo do autor).

Em se tratando de romance, Callado publica sua primeira obra, *Assunção de Salviano*, em 1954, que narra a história do marceneiro Salviano que se transforma em messias. Segundo Ana A. Callado: “Dedicado a Franklin de Oliveira, colega de redação, este primeiro romance aborda a relação entre política e religião, tema que o autor não largaria mais” (CALLADO, 2013, p. 197). Em 1957 sai, pela José Olympio, *A Madona de Cedro*, uma narrativa sobre a vida amorosa de Delfino Montiel e Marta. De acordo com Ana A. Callado: “O segundo romance de Callado, publicado em 1957, traz mais uma vez conflitos ligados aos temas da religião e da fé, o que reflete o convívio com a religiosidade fervorosa das tias na infância” (CALLADO, 2013, p. 203). Em entrevista a Ligia Chiappini, Antonio Callado fala sobre sua literatura:

Eu diria que a minha influência, do ponto de vista da técnica do romance, é franco-inglesa. Eu li sempre muito nas duas línguas. Conheço ambas muito bem. Inglês com a vantagem de conhecer extremamente bem, porque morei na Inglaterra cinco anos, minha primeira mulher era inglesa; um inglês e uma inglesa nunca param de falar a sua língua. De maneira que inglês eu conheço muito bem, e francês também, por influência de meu pai, desde criança. Eu teria muito trabalho em dividir, em verificar que escritores me influenciaram. Por exemplo, só para dar um exemplo, entre Joyce e Proust (para marcar dois grandes nomes da nossa época) eu ficaria muito embaraçado em tentar estabelecer qual dos dois me influenciou mais. Mas acho que eu tenho muito mais prazer em reler o Proust. Mas muito mais prazer (LEITE, 1982, p. 260).

Na dramaturgia, o autor ganha reconhecimento, no mesmo ano de 1957, com a encenação de *Pedro Mico*, que versa sobre o cotidiano de um malandro carioca e suas peripécias. Para Ana A. Callado: “A peça teve montagens por todo o Brasil, tendo como intérpretes do papel-título Milton Moraes, Jece Valadão, Paulo Goulart e, na montagem dirigida por Antunes Filho para a TV Excelsior, Armando Bogus” (CALLADO, 2013, p. 123).

Em 1959, Callado viaja ao nordeste para conhecer Francisco Julião<sup>13</sup>. De seu périplo pela zona da mata pernambucana, uma série de reportagens é publicada pelo *Correio da Manhã*. O volume *Os industriais da seca e os Galileus de Pernambuco* (1960) apresenta ao Brasil o Engenho Galileia: local de nascimento das Ligas Camponesas. Mais tarde, em 1963, o escritor volta à região com o intuito de presenciar “[...] uma revolução que estava em curso em Pernambuco” (CALLADO, 2013, p. 173). Na época, o estado era governado por Miguel Arraes, que instituiu uma política de proteção aos direitos básicos dos camponeses. De sua

---

<sup>13</sup> Ana A. Callado afirma: “Em 1965, quando Francisco Julião, perseguido pela ditadura militar, precisou sair do país, foi Callado quem o levou, no seu fusca, à embaixada do México, onde o recebeu o primeiro-secretário Cantu, já avisado pelo editor Ênio da Silveira” (CALLADO, 2013, p. 170).

viagem resulta a série de reportagens *Tempo de Arraes* (1964) publicada pelo *Jornal do Brasil*.

No primeiro semestre de 1964, eclode o golpe civil-militar. Em poucos dias, Antonio Callado é preso. Ana A. Callado explica o ocorrido:

Em 15 de Abril de 1964, seis dias depois da publicação do primeiro Ato Institucional emanado do autodenominado Comando Revolucionário, o general Humberto de Alencar Castello Branco foi eleito pelo Congresso Nacional para a Presidência da República. Havia uma Conferência da Organização dos Estados Americanos, programada para se realizar no Brasil e a OEA pediu ao governo garantias de que havia normalidade política no país. No dia da abertura do encontro, realizado no Hotel Glória, uma manifestação organizada por intelectuais inconformados com a abolição de direitos constitucionais surpreendeu Castello Branco e a polícia. Bem vestidos e portando faixas de protesto - uma delas dizia 'Bienvenidos a nuestra ditadura - O embaixador Jayme Azevedo Rodrigues, os escritores Antonio Callado e Carlos Heitor Cony, o jornalista Márcio Moreira Alves, o diretor teatral Flávio Rangel e os cineastas Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Mário Carneiro gritavam contra a ditadura. Depois que o general entrou no prédio, a polícia prendeu os manifestantes, dando inclusive socos no estômago de alguns, para espanto de muitos populares que assistiam à cena (CALLADO, 2013, p. 236).

Por sorte, Callado deixa a cadeia em poucas semanas<sup>14</sup>. Em 1967, enfim, é publicado, por Ênio da Silveira<sup>15</sup>, o romance *Quarup*: “Lançado em 1967, e traçando um painel do Brasil da inauguração do Parque Indígena do Xingu até o golpe militar de 64, o romance *Quarup* ganhou dezenas de reimpressões e foi traduzido para o inglês, o alemão, o francês, o espanhol e o italiano” (CALLADO, 2013, p. 221). Às vésperas do Ato Institucional número cinco - que instituiu a tortura como política de Estado -, *Quarup* colocava em discussão, num período conturbado, temas sensíveis para a sociedade brasileira, tais como os temas da revolução popular e da luta armada. O terceiro romance de Callado pode ser considerado, nesse sentido, um trabalho pioneiro<sup>16</sup>.

*Quarup* é uma obra arrojada. Ao escrever seu terceiro romance, Callado pretendia organizar, na sua cabeça, a multiplicidade brasileira (LEITE, 1982, p. 235-236). Discorrendo sobre a produção literária de Callado, Ligia Chiappini M. Leite afirma:

<sup>14</sup> Sobre a segunda prisão do escritor, Ana A. Callado afirma: “Logo após o AI-5 de dezembro de 1968, [...] a repressão foi mais dura. Levado de casa, Callado foi obrigado a carregar com ele um pôster de Che Guevara que ali havia. No primeiro quartel para onde o conduziram, não havia vaga – as prisões haviam sido muito numerosas. Seguiram para um segundo e... a mesma superlotação. Até que, em Realengo, o escritor e Che foram trancafiados. Nesta prisão, Callado teve ainda a companhia de Gilberto Gil e Caetano Veloso; na mesma ocasião, estava também ali preso o poeta Ferreira Gullar, mas em outra cela” (CALLADO, 2013, p. 297).

<sup>15</sup> Ana A. Callado: “Foi um ato de coragem do editor Ênio da Silveira, naquele momento, lançar o livro por sua Civilização Brasileira” (CALLADO, 2013, p. 221).

<sup>16</sup> Pela primeira vez, o golpe civil-militar e as posteriores violações, por parte do regime, eram representados em uma obra literária. Publicado, originalmente, em 1967 – mesmo ano de publicação de *Quarup*-, o livro *Pessach – a travessia* de Carlos Heitor Cony também problematiza temas pouco agradáveis para a elite governante da época, tais como a tortura perpetrada pelos agentes do regime.

Com *Quarup* se inicia um processo de transformação da ficção naquilo que era a sua própria essência no entender de Alencar: o avesso da História. Daí para a frente, a tentativa do escritor será iluminar e desvendar, pelo esforço da imaginação, aquilo que o jornal e a História oficial deixam na sombra. Ora, a inauguração dessa nova fase não só é consequência do momento político em que o escritor produz e vive, como justificam as leituras que fazem de *Quarup* o romance exemplar do período. Se ele não foi projetado para pôr em prática as ideias defendidas pelos teóricos da literatura popular revolucionária, trazia muitos elementos que lhe permitiram encampá-lo como sendo um dos seus primeiros produtos ficcionais (LEITE, 1982, p. 141).

E finaliza:

A ficção como o avesso da História, e a ficção como forma de ‘revelação e conhecimento do país’, o projeto romântico é ainda o projeto de Callado que, como Gonçalves de Magalhães, como Gonçalves Dias, como Oswald de Andrade, ou Graça Aranha e, como hoje, Fernando Gabeira (para só nomear alguns), no exílio e a partir dele redescobre o Brasil (ibidem).

## 1.2 Romance realista-político

Diversos acontecimentos abalaram o mundo durante a Guerra Fria (1947-1991). Alguns deles influenciaram, diretamente, a história brasileira. Em primeiro lugar, podemos citar o impacto da Revolução Cubana, em 1959: a pequena ilha enfrenta o todo poderoso capitalismo norte-americano e abre um novo precedente para os países subdesenvolvidos da América Latina. Em pouco tempo, o cubanismo<sup>17</sup> tornou-se uma ideia relevante para os países pobres do continente. Ademais, devemos nos lembrar dos protestos de maio de 1968, na França: centenas de jovens da Sorbonne tomam as ruas de Paris para protestar contra as regras até então vigentes. O lema “É proibido proibir” atravessou o oceano e se propagou entre os brasileiros intelectualizados de classe média.

Com efeito, em nosso país, a transição para a década de 1960 também foi movimentada. Durante o governo de João Goulart, diversos setores da sociedade militavam pelas chamadas reformas de base. As reivindicações sociais eram muitas. Sobre o tema, Boris Fausto afirma: “Elas [as reformas de base] abrangiam um amplo leque de medidas, entre as quais a reforma agrária, com o objetivo de eliminar os conflitos de posse da terra e garantir o acesso à propriedade de milhões de trabalhadores do campo” (FAUSTO, 2010, p.

---

<sup>17</sup> De acordo com Eric Hobsbawm: “Nenhuma revolução poderia ter sido mais bem projetada para atrair a esquerda do hemisfério ocidental e dos países desenvolvidos, no fim de uma década de conservadorismo global; ou para dar à estratégia da guerrilha melhor publicidade. A revolução cubana era tudo: romance, heroísmo nas montanhas, ex-líderes estudantis com a desprendida generosidade de sua juventude – os mais velhos mal tinham passado dos trinta -, um povo exultante, num paraíso turístico tropical pulsando com os ritmos da rumba. E o que era mais: podia ser saudada por toda a esquerda revolucionária” (HOBBSBWM, 2008, p. 427).

447). Destaque para a organização das Ligas Camponesas e para a sensibilização social de parte da Igreja. Sobre este tema, Fausto alerta que, a partir de meados do século, muitos padres católicos começaram a dar prioridade para o povo (FAUSTO, 2010, p. 445-446).

Tais avanços, porém, seriam abruptamente interrompidos pelo golpe civil-militar de 1964. No poder, as forças armadas se esqueceriam dos avanços sociais e dariam prioridade à macroeconomia. Sobre o assunto, Marcelo Ridenti afirma: “[...] representando as classes dominantes e setores das classes médias, os governos militares promoveram a modernização conservadora [...]” (RIDENTI, 2014, p. 27). Entendemos por modernização conservadora a modernização da economia brasileira feita de “cima para baixo”, de maneira autocrática. Marcelo Ridenti prossegue: “Houve crescimento rápido das forças produtivas, o chamado *milagre brasileiro*, acompanhado da concentração de riquezas, do aumento das distâncias entre os mais ricos e os mais pobres, bem como do cerceamento às liberdades democráticas” (RIDENTI, 2014, p. 27 – grifo do autor).

Em poucos anos, surgem as primeiras consequências, a saber: a desregrada migração da população para as cidades e o aumento das reivindicações no campo. De acordo com Ridenti: “Os trabalhadores e demais despossuídos – que começavam a se aglomerar e se organizar nas cidades e também no campo, reivindicando direitos – foram subjugados depois de 1964” (ibidem). Em outros termos, a economia crescera a taxas irreais, os índices sociais, porém, entraram numa perigosa descendente. Marcelo Ridenti prossegue: “Restou a eles o que alguns sociólogos chamaram de espoliação urbana, acompanhada da *violência do cotidiano* nas grandes metrópoles, sem que no campo tivesse sido resolvida a questão secular da reforma agrária” (ibidem – grifo do autor).

Nesse contexto, diversos intelectuais brasileiros começam a se posicionar contra aquele projeto de modernização forçada do país. Influenciados pelos acontecimentos externos, esses pensadores ajudaram a compor o chamado romantismo revolucionário (RIDENTI, 2014, p. 13). Ridenti pontua algumas características do movimento:

[...] resistência ao processo de industrialização, urbanização, concentração de riquezas e ausência de liberdades democráticas; combate ao dinheiro, à indústria cultural e à fetichização imposta pela sociedade de consumo do mercado capitalista; identificação com o camponês, tomado como autêntico representante do povo oprimido, cujas raízes seria preciso recuperar; escolha do campo como local para o início da revolução social; e valorização da ação, da vivência revolucionária, por vezes em detrimento da teoria (RIDENTI, 2014, p. 29).

Os românticos revolucionários eram jovens de classe média com afinidades ideológicas com as esquerdas. Em seus discursos, o sonho de transformar o Brasil era um tópico recorrente. De acordo com Ridenti: “A utopia que ganhava corações e mentes na década de 1960 era a revolução (não a democracia ou a cidadania, como seria anos depois), tanto que o próprio movimento de 1964 designou-se como revolução” (RIDENTI, 2014, p. 29). Em outras palavras, somente uma revolução socialista ou comunista, feita por meio de um movimento popular e, se preciso, armado, poderia frear a modernização desigual. Ridenti continua: “Enquanto alguns se inspiravam na revolução cubana ou na chinesa, outros mantinham-se fieis ao modelo soviético, terceiros faziam a antropofagia do maio francês, do movimento *hippie*, da contracultura [...] (ibidem – grifo do autor).

Entre os nomes de destaque do romantismo revolucionário, evidenciaremos o de Antonio Callado. Segundo Ridenti: “Imbuído dessa simpatia pela resistência à ditadura militar [...], Callado escreveu o primeiro de seus quatro romances em que a luta guerrilheira aparecia com destaque: *Quarup*” (RIDENTI, 2014, p. 123). Mesmo sem muito acreditar na luta armada, Callado era simpático às ideias de Leonel Brizola, que pretendia organizar no Rio Grande do Sul um movimento armado. Não por acaso, o herói de *Quarup* vai da alienação total à militância política, tornando-se, no final, um homem novo.

Para o projeto do romantismo revolucionário, o homem novo deveria, em primeiro lugar, conhecer as raízes históricas de seu país para, em seguida, agir politicamente. De acordo com Ridenti: “A volta ao passado [...] seria a inspiração para construir o homem novo. Buscavam-se no passado elementos que permitiriam uma alternativa de modernização da sociedade que não implicasse a desumanização [...]” (RIDENTI, 2014, p. 10). A construção do homem novo referendava-se num sujeito consciente de seus direitos e pronto a militar contra os desmandos do regime militar, tanto nas cidades quanto no campo. Ridenti prossegue: “Não se tratava de propor a mera condenação moral das cidades e a volta ao campo, mas sim de pensar – com base na ação revolucionária a partir do campo – a superação da modernidade capitalista cristalizada nas cidades [...]” (ibidem).

Em *Quarup*, Callado posiciona-se politicamente. Como um intelectual engajado, o ficcionista reserva para o final do romance uma pequena nota de esperança. Por isso mesmo, de acordo com Schwarz, *Quarup* é “o romance [da época] ideologicamente mais representativo para a intelectualidade de esquerda” (SCHWARZ, 1978, p. 92). Mesmo que de maneira indireta, em *Quarup*, Callado aponta possíveis resoluções para a crise político-

institucional que castigava o Brasil na década de sessenta do século XX. Usando como alegoria o percurso de Nando, Callado sugere que diante do fracasso da revolução democrática, a luta armada se tornava uma alternativa real. Ora, partindo dessas premissas, concluímos que *Quarup* enquadra-se na categorização de romance realista-político, proposta por Malcon Silverman (2000):

“O romance brasileiro pós-1964, na sua concepção mais ampla, é tanto um estudo em fragmentação – social ou estilística – como um comentário político implícito na sua própria falta de unidade. Ele é, ao mesmo tempo, testemunha e promotor de um aparato governamental que, por um longo período, permitiu, sustentou e promoveu um modelo particularmente cruel e injusto da ordem socioeconômica” (SILVERMAN, 2000, p. 277).

De início, Silverman interpreta a falta de unicidade dos romances do pós-golpe de 1964, crítica recorrente no momento de suas publicações, como estratégia estilística coerente com o período (ibidem). De acordo com essa ideia, a fragmentação seria, antes de tudo, um posicionamento político. Ato contínuo, o autor discorre sobre a importância da denúncia, atribuída por ele, ao romance realista-político. Denúncias, estas, direcionadas, principalmente, às injustiças perpetradas pelo regime civil-militar (ibidem). Ademais, devemos salientar a importância, no texto, da palavra “testemunha”. Para Silverman, o romance realista-político teria como um de seus fundamentos o ato de testemunhar (ibidem). Nesse sentido, o crítico entende que esse modelo de romance tem como função legar, para a posteridade, registros sócio-políticos.

De fato, o romance realista-político é, num primeiro momento, um espaço de discussão sobre a situação do Brasil no contexto pós-1964. Não por acaso, temas como tortura e a emergência da luta armada são comuns nesse tipo de romance. Assim como a excessiva fragmentação, índice de uma época turbulenta, e o comentário político direto ou alegorizado, sinal de uma literatura militante. Com o passar do tempo, porém, tais obras tornam-se documentos de cunho historiográfico. Com efeito, mais de meio século depois do golpe civil-militar de 1964, os romances do realismo-político tornaram-se fundamentais para entendermos a história brasileira recente.

### 1.3 Primeira recepção

Antes de abordarmos a primeira recepção de *Quarup*, convém apresentar, de maneira sintética, a sua fábula. De início, acompanhamos a jornada de Nando em um mosteiro nos



arredores do Recife. Seguem-se as experiências do protagonista entre os índios do Alto Xingu e, depois, a sua volta a Pernambuco - uma longa viagem, portanto, rumo ao autoconhecimento. Com efeito, Nando começa o romance como padre, mas, na segunda metade da obra, torna-se militante social. No final do romance, com a eclosão do golpe civil-militar de 1964, o protagonista decide entrar para a guerrilha rural no interior do Brasil.

De modo subsequente, analisaremos, nesta seção, alguns apontamentos feitos, no calor do momento, sobre o romance *Quarup*.

Nelson Werneck Sodré (1967) afirma que *Quarup* é “[...] um livro gordo, abundante, que se multiplica em aspectos menores, que perde em unidade por isso, e não pela extensão em si” (SODRÉ, 1967, p.224). Para o crítico, a diversidade de temas do romance o enfraquece. Em suma, o mosaico traçado por Callado não convenceria o leitor mais atento. Do mosteiro nos arredores do Recife à região do Alto Xingu, *Quarup*, segundo Sodré, nos apresenta um “larguíssimo baixo-relevo do Brasil atual” (ibidem). Nesse sentido, o crítico defende um livro menor, mais sintético. Diz ele: “Podado, reduzido, teria resultado, sem dúvida, mais forte, mais denso, pois é um acúmulo do grande e do pequeno, do verossímil e do inverossímil [...]” (ibidem).

Para Sodré, *Quarup* ganha força após a volta do herói-protagonista para Pernambuco. Diz o crítico: “A partir da quinta parte, o romance de Antonio Callado tem grandes momentos, ganha intensidade, chega ao nível épico” (SODRÉ, 1967, p. 226). Sodré continua: “As cenas da prisão, da tortura, como as cenas da deposição de Arraes. São das mais belas que a nossa ficção conhece [...]” (ibidem). Destaque, segundo o crítico, para a “representação artística fiel à realidade” (ibidem). Ainda sobre os últimos capítulos da obra, Sodré chega a afirmar que são “páginas antológicas” (ibidem).

Paulo Hecker Filho (1968), por sua vez, elogia o livro-reportagem *Os industriais da seca e os galileus de Pernambuco*, mas refuta *Quarup*, que considera: “[...] um bolo a que a prosa enxuta e ágil do jornalista, embora nem sempre adequada, dá maciez e sabor, torna permanentemente digerível, legível” (FILHO, 1968, p. 48). Para Hecker Filho, os personagens criados por Callado são inverossímeis<sup>18</sup>. Sobre o assunto, Hecker Filho afirma: “É obra de ficção e seus personagens, a pedra de toque do ficcionista, têm algo de forçado e mecânico; na

---

<sup>18</sup> De acordo com Cândida Villares Gancho, verossimilhança significa: “Verdade interna ao texto narrativo, isto é, a lógica interna do enredo, provocada pela causalidade (causa e consequência) que estrutura os fatos da história” (GANCHO, 2003, p. 68).

dependência da fantasia do autor, não chegam plenamente a se humanizar” (ibidem). Hecker Filho exemplifica sua teoria a partir do personagem Nando. Para o crítico, o protagonista de *Quarup* é “um personagem impossível”. Sobre o romance, diz Hecker Filho: “[...] na falta de coerência psicológica ou intuição narrativa, cai no melodrama, a falsa ação, a ação sem verossimilhança humana” (ibidem).

Observação parecida faz Wilson Martins (1967). Diz ele: “Pode-se lamentar que em toda a primeira parte do romance, não haja o sr. Antonio Callado encontrado a ‘tonalidade’ correta do diálogo, nem mesmo a verossimilhança [...]” (MARTINS, 1967, p. 44). Martins classifica algumas situações e personagens do romance, como: “implausíveis”, “excêntricas”, “pitorescas” (ibidem). Segundo o crítico, Antonio Callado tem “qualidades de estilo”, “instinto literário” e “capricho artesanal” (ibidem). Sobre *Quarup*, mais especificamente, Martins afirma: “Tecnicamente, o sr. Callado escreveu um livro muitas vezes excelente e sugestivo, embora ligeiramente inferior ao que poderia ter sido [...]” (ibidem). Tomando como referência os romances escritos por Callado até então, Martins afirma que *Quarup* está abaixo de seus predecessores (ibidem).

Ao analisarem *Quarup*, Nelson Werneck Sodré, Paulo Hecker Filho e Wilson Martins, críticos profissionais, procuram encontrar, na obra, a mesma estrutura do romance brasileiro dos decênios de trinta e quarenta, idealizada por ficcionistas como José Lins do Rego e Jorge Amado. Nesse sentido, de fato, *Quarup* não se encaixa num molde pré-estabelecido e totalizante. Não por acaso, o romance não possui, por exemplo, uma unicidade didática. Em nosso entender, porém, tal constatação não o enfraquece; pelo contrário, a fragmentação de *Quarup* faz referência à própria descontinuidade da história do Brasil.

Por outro lado, as considerações de Hélio Pelegrino (1967) são elogiosas. Diz ele: “O lançamento de *Quarup*, romance de Antonio Callado, constitui um fato de extraordinária importância para a cultura brasileira” (PELEGRINO, 1967, p. 4). O crítico classifica *Quarup* como um romance da nova revolução brasileira. Para Pelegrino, a obra apresenta ao Brasil o herói novo; também chamado de “herói resolutivo”: um protagonista proativo, que pretende transformar sua vida e, ao mesmo tempo, a nação (ibidem). De acordo com Pelegrino: “[...] o romance de Antonio Callado nos comunica uma imagem do País amplamente renovada e vitalizada” (ibidem). Em outros termos, o romance de Callado também expressa um novo Brasil (ibidem). Partindo dessas premissas, Hélio Pelegrino conclui:

Em *Quarup*, a elaboração artística é uma estrutura complexíssima cujos eixos de cristalização, mergulhando em profundidade no processo da revolução brasileira, sondada no tempo e no espaço, transformam o fenômeno estético numa vasta e dinâmica meditação sobre o Brasil e seu destino (PELEGRINO, 1967, p. 4).

Visão semelhante tem Ferreira Gullar, que considera o terceiro romance de Callado uma obra representativa da verdadeira revolução brasileira. Sobre o assunto, o crítico observa: “Os personagens desse livro são pessoas, com seus sonhos, suas frustrações, sua necessidade de realização pessoal. Mas, dentro do mundo que o romance define, a realização pessoal deságua no coletivo” (GULLAR, 1967, p. 256). Segundo Gullar, o individual está, em *Quarup*, interligado ao coletivo, por isso mesmo, o destino dos personagens da trama está diretamente conectado ao futuro da nação, o que o faz concluir: “Não se trata de apagar-se na massa, mas de entender que o seu destino está ligado a ela, de encontrar um ‘centro’” (ibidem).

Não por acaso, *Quarup* é, na opinião de Gullar, um romance político (GULLAR, 1967, p. 258). Sobre o tema, diz ele: “*Quarup* é um romance brasileiro de hoje, é um romance político. Não pretendo dizer que, hoje, não se fará nenhum romance de qualidade, no Brasil, que não seja político” (ibidem). E finaliza: “Mas, dificilmente, num país como o nosso, nesta época, alguma obra conseguirá exprimir a complexidade de nossa vida, sua beleza e miséria, sua raiva e sua esperança, sem situá-la na perspectiva da transformação social” (ibidem). Para Gullar, vivíamos, à época, uma “situação-limite”, decorrente do golpe civil-militar e de suas respectivas consequências (ibidem). Diante desse contexto sócio-histórico, na opinião do crítico, bons romances políticos se faziam necessários.

#### **1.4 Estudos posteriores**

Os primeiros trabalhos acadêmicos sobre *Quarup* surgem, somente, vinte anos depois de sua publicação, com o fim da ditadura civil-militar (1964-1985). Nesta seção, analisaremos alguns deles. Por razões metodológicas, levamos em conta os seguintes pressupostos: priorizamos os escritos que versam, tão somente, sobre *Quarup*; selecionamos as pesquisas que, a nosso ver, são mais relevantes; as indicações estão em ordem cronológica: dos trabalhos mais antigos aos mais atuais.

##### A) Livros

Em um trabalho pioneiro, *Quarup: tronco e narrativa*, Édison José da Costa analisa a produção literária de Antonio Callado entre os anos de 1954 e 1981. Para tanto, Da Costa elege *Quarup* como um “romance chave” (DA COSTA, 1988, p. 5) para o entendimento da obra do autor. Para ele, “*Quarup* é um quarup na obra de Callado: temas e motivos de romances seus do passado são recuperados e o autor parte para seu mais fundo compromisso com a história” (DA COSTA, 1988, p. 4). E continua:

O romance, que se estende panoramicamente pelas décadas de 1950 e 1960, focaliza tanto o período de amadurecimento da consciência nacional-popular que tem no Governo Miguel Arraes o seu momento mais fecundo, quanto o período - escuro, de estabelecimento de um Estado policial essencialmente antidemocrático - que se segue ao golpe militar de 1964. Retoma, dessa forma, um tempo histórico que já em *Assunção de Salviano* e *A Madona de Cedro* servia de fundo para o desenrolar da ação ficcional e inicia a sequência de romance voltada para a longa noite das perseguições e torturas. Grandioso, multifacetado, *Quarup* ressoa o trabalho desenvolvido e define um roteiro que *Bar Don Juan*, *Reflexos do Baile* e *Sempreviva* confirmarão (DA COSTA, 1988, p. 5 – grifo do autor).

Da Costa privilegia a análise de alguns motivos recorrentes no romance *Quarup*. Todos eles possuem, segundo o autor, significados simbólicos. Destacaremos dois deles. Em primeiro lugar, o crítico liga o elemento água com a fertilidade feminina. Diz ele: “Ser aquático, a mulher traz em si valores de água criadora, nutriente e generosa – mãe e amante através de quem o homem recompõe o diálogo abandonado com as forças vitais da natureza” (DA COSTA, 1988, p. 34). E continua: “O impulso vital que anima a personagem masculina impele-a em direção à água e em direção à mulher [...]” (DA COSTA, 1988, p. 34-35). Na sequência, o autor põe em relevo o motivo da gravidez: “O motivo gravidez, assim proposto pelo material histórico e pelo plano social, deixa-se reconhecer na própria situação subjetiva do protagonista” (DA COSTA, 1988, p. 46). E continua: “Há um ser que se debate no seu interior, ansioso de manifestação, reclamando vida. Nando também está grávido, mas o ser que se prepara para vir à luz está impedido de nascer” (ibidem).

Já para Francisco Venceslau dos Santos (1999), a obra pode ser interpretada como um romance de tese, pois, “procura saber o lugar que o homem ocupa na sociedade” (SANTOS, 1999, p. 44). Sociedade, esta, “dotada de estruturas que precisariam ser interpretadas, e portanto, dotadas de significado” (ibidem). Destaque para a análise do segundo capítulo do romance. Diz Santos: “O capítulo ‘O éter’ estrutura-se em forma de ensaio ficcional que enuncia uma antítese sarcástica às teorias do ‘caráter nacional brasileiro’ de Miguel Pereira e Paulo Prado” (SANTOS, 1999, p. 160). Não por acaso, Santos coloca no centro de sua análise o personagem Ramiro que, segundo ele, “[...] ridiculariza a tese de Paulo Prado, desenvolvida

em *Retrato do Brasil*” (SANTOS, 1999, p. 161 – grifo do autor). E completa: “Em *Quarup*, Ramiro personifica a tese da superioridade da cultura francesa” (SANTOS, 1999, p. 166).

Também preocupado com a construção dos personagens é Gouveia (2006). Em seu trabalho, ele analisa o percurso de Nando, e suas respectivas ramificações, e o contextualiza historicamente. De modo concomitante, o autor tece importantes considerações sobre o narrador:

*Quarup* é um romance escrito por Antonio Callado entre março de 1965 e setembro de 1966. Escrito na Fazenda de Santa Luísa, em Petrópolis, é uma das principais obras a representar, na ficção brasileira pós-1964, temas comuns que marcariam o Brasil a partir de então: a fragilidade da democracia do pós-guerra, o crescimento das Ligas Camponesas do Nordeste, o golpe de abril e a repressão militar, a fragmentação da Igreja entre seu conservadorismo histórico e os primeiros sinais do surgimento interno de uma linha progressista. Todos esses temas, porém, inclusive o que parece, por sugestão do título, ser o principal – o indianismo –, não podem jamais ser dissociados da complexidade estética representada pelo narrador. Apesar de ser o primeiro romance pós-64 a tratar da violência militar profissionalizada, corporificando o tema da tortura como trabalho especializado, iniciando uma tradição que continuaria com outros, *Quarup* distingue-se pela presença de um narrador pluridimensional que sofre alterações substanciais ao longo do romance (GOUVEIA, 2006, p. 9 - grifos do autor).

Para efeito de organização, Gouveia divide as desilusões do protagonista em três diferentes fases, a saber: a religiosa, a amorosa e a revolucionária. Na primeira, Nando idealiza construir uma prelazia, administrada pela Igreja Católica, às margens do rio Xingu. Com o tempo, porém, o protagonista desiste da ideia. Sobre o tema, Arturo Gouveia afirma: “A imagem do índio em Nando sofre transformações mais no convívio com os outros brancos do que com os índios em si. No princípio é uma imagem livresca do selvagem, totalmente natural, confundido com terra, rio, jenipapo, urucum, sem ontologia própria” (GOUVEIA, 2006, p. 80). Num segundo plano, Nando projeta, para a sua vida, uma relação amorosa estável com Francisca. Com o desenrolar dos fatos, no entanto, tal planejamento fracassa. Sobre o assunto, diz o crítico: “A impossibilidade do amor entre Nando e Francisca é causada por dois grandes impasses. O primeiro é a fidelidade [de Francisca] à memória de Levindo [...]. O segundo [...] é trazido pelo golpe de abril” (GOUVEIA, 2006, p. 86-87). Por fim, num terceiro estágio, Nando anseia transformar a realidade social brasileira através da educação. O golpe civil-militar, porém, iria, mais uma vez, frustrar suas expectativas:

Além dos novos educandos não terem qualquer ímpeto de violência ativa, restringindo-se antes a ações reivindicatórias, faltam-lhes também os meios materiais para enfrentamento do inimigo armado por excelência. Nesse quadro de subjugações humilhantes para os trabalhadores e seus líderes, frustra-se o sonho de Nando: a revolução armada (GOUVEIA, 2006, p. 112).

## B) *Capítulos de livros*

Segundo Leite (1982), o terceiro romance de Callado tem caráter multifacetado, pois “trabalha, ao mesmo tempo, com várias ‘teorias’ sobre o Brasil” (LEITE, 1982, p. 153). Ainda para a autora, tais projetos ideológicos são expressos por distintos personagens ao longo da obra. Diz ela:

Inventariando os projetos, utopias e obsessões de alguns personagens de *Quarup*, chegamos às conceituações mais variadas de Brasil. Para Hosana, o padre rebelde no início e domesticado no fim do livro, o Brasil é ‘a digestão difícil do Deus decomposto’. Para Falua, o jornalista apaixonado, o Brasil é um país drogado e complexado, país droga e alegre, de carnaval e de povo cheio de vitalidade. Sua utopia: aplicar doses regulares de éter nas crianças e jovens nos colégios em que se estão formando os novos brasileiros. Para Ramiro, médico e político, dono de uma farmácia-antiquário, obcecado pelas origens perdidas da dominação francesa, o Brasil é o país da doença, e deve sua má-sorte à alteração do *tipo nacional*, quando trocou a dependência da França pela dos Estados Unidos. Para ele, ainda, o Brasil é litorâneo. O interior é outro país. O Brasil, para Ramiro, é o ‘Chile do Atlântico’, sempre voltado para a mãe Europa de cujas saias não deveria jamais ter saído (LEITE, 1982, p. 154 – grifos do autor).

Em seu estudo, Leite destaca Francisca como um elemento organizador do romance. Segundo a autora: “O monólogo de *Quarup* é o monólogo de Nando expressando uma busca. Nela o centro se aproxima e recua, como recuava sempre à medida que a expedição avançava. E essa busca tem Francisca como princípio, meio e fim” (LEITE, 1982, p. 161). De acordo com Leite, existem duas Franciscas em *Quarup*: a real e o mito (LEITE, 1982, p. 162). Segundo a autora, tal distinção está clara, para Nando, no final do romance. Não por acaso, Chiappinni pontua: “Francisca mulher é uma coisa; o mundo de Francisca outra. O mundo de Francisca é o centro de Nando, morto e ressurgido com o nome e a função de um novo Levindo” (ibidem). E finaliza:

Por isso, depois de muito peregrinar nas profundezas do seu inconsciente, e de lentamente ressurgir para a vida no penúltimo capítulo (isso depois de simbolicamente haver comido Levindo no jantar-*quarup*), Nando descobre a sua verdade, abandona o desejo de ir juntar-se à Francisca de carne e osso na Europa, e parte para o sertão, narrando a Manoel sua grande descoberta: “Francisca é o centro de Francisca” (LEITE, 1982, p. 162).

De modo semelhante, Cristina Ferreira Pinto (1985) centra sua análise em Nando. Para a autora, o padre é um típico herói calladiano, pois se transforma moralmente durante o romance. Pinto afirma: “[...] assumindo sua humanidade, Nando está pronto para conhecer a realidade dos homens e, a partir dela, chegar ao centro de si mesmo” (PINTO, 1985, p. 28). Não por acaso, Pinto destaca a importância do feminino na formação de Nando. Versando sobre *Quarup*, a autora afirma: “Todas as mulheres nesse livro assumem, em maior ou menor grau, o papel arquetípico de símbolo do conhecimento que o herói vai alcançar” (ibidem). E

completa: “Winifred é a primeira – o ato de iniciação – depois vêm Vanda, Lúcia e outras, marcando a evolução de Nando e preparando-o para a união final com Francisca” (ibidem).

Também sobre a dualidade entre Nando e Francisca, escreve Henrique Manuel Ávila (1997): “A deseducação e conseqüente nova formação compreendem em Nando um movimento progressivo de desespiritualização discursiva e ativa do amor à mulher” (ÁVILA, 1997, p. 219). Na seqüência, Ávila interpreta a cena de amor, entre Nando e Francisca, na vereda das orquídeas, como “[...] a imagem da eternidade possível aos seres humanos, intrínseca ao tempo, compatível com a realidade da morte” (ÁVILA, 1997, p. 221). E prossegue: “[...] numa ilha fluvial, repleta de orquídeas, na inóspita floresta do Brasil Central, Nando e Francisca consumarão a hierogamia exemplar para o país novo e para a nova humanidade [...]” (ibidem). Deste modo, também Ávila tende a ler, de modo alegórico, a trajetória do herói em *Quarup*.

Leitura parecida faz Marcos Martinelli (2006), no entanto, o autor vai além e afirma que o périplo de Nando também carrega consigo elementos biográficos de seu próprio criador. Diz Martinelli: “Callado [...] tem muitos pontos de identificação com a errância de Nando. Em *Quarup*, Callado narra a seu modo a sua errância, isto é, a sua trajetória de escritor nos últimos dez anos, numa tentativa de redefinir-se no campo literário” (MARTINELLI, 2006, p. 217). Consideramos tal interpretação equivocada, pois, como nos ensina Candido, “a personagem é um ser fictício” (CANDIDO, 2014, p. 55). De todo modo, Martinelli conclui: “*Quarup* é a tentativa de Callado construir um outro lugar social e literário para si” (MARTINELLI, 2006, p. 218).

Por fim, devemos destacar outro estudo de Leite (2010). Em três diferentes capítulos, inúmeras ponderações, sobre *Quarup*, nos são apresentadas. Em *Quarup: da religião à política*, a autora refaz a trajetória de Nando para, em seguida, afirmar: “*Quarup* é ficção muito próxima da história, mas, ao contrário desta, não precisa retroagir nos séculos para interrogar o presente” (LEITE, 2010, p. 25-26). Na seqüência, no capítulo *Nem lero nem clero*, Leite pontua as diferentes “teorias de país” expressas por personagens distintos do romance. Para tanto, a autora parte do pressuposto de que *Quarup* é um “romance polifônico” (LEITE, 2010, p. 31) e, como tal, “confronta discursos para traçar um retrato plural e fragmentário do Brasil” (ibidem). No capítulo seguinte, *Quarup, antes e depois: do íntimo e do social*, Leite traça um breve painel sobre o projeto literário de Antonio Callado. Segundo a autora, *Quarup* pode ser considerado um “divisor de águas” na obra de Callado, pois

congrega, a um só tempo, tanto assuntos de seus romances precedentes, quanto dos posteriores.

### C) *Artigos científicos*

Em “A teorização do Brasil e a opção heroica em *Quarup*”, Mark A. Lokensgard analisa o périplo de Nando rumo ao autoconhecimento: do mosteiro nos arredores do Recife à guerrilha rural. Nesse caminho, alguns personagens ganham destaque e, junto com eles, diferentes teorias sobre o Brasil nos são apresentadas. Destaque para o indigenista Fontoura que, segundo o autor, “[...] é uma espécie de Nando pessimista, quase niilista. Sua visão do Parque do Xingu não é utópica, como a de Nando, mas quase apocalíptica. Esta tendência apocalíptica mostra-se mais ainda quando fica deprimido e bêbado [...]” (LOKENSFARD, 1999, p. 91). Para Lokensgard, Nando molda sua personalidade por meio do conhecimento adquirido na sua relação com os demais personagens de *Quarup*. Ainda sobre Fontoura, Lokensgard afirma: “Ele assume uma atitude paternalista quanto aos índios, e quer protegê-los da cultura civilizada. Nando tem uma ideia igualmente paternalista com seu medo de pecar com as índias” (ibidem).

De modo similar, Jenekelli Jablonski e Wander Amaral Camargo (2005) tecem algumas considerações sobre as formas de aprendizado de Nando. Em seu artigo, intitulado “O discurso romanesco e a obra *Quarup*”, os autores partem do seguinte pressuposto:

*Quarup* pode ser considerado um romance de formação por, principalmente, retratar o protagonista, padre Nando, que tenta através da religião, resolver seus conflitos diante de um mundo conturbado, mas percebe a distância entre a sua fé e as necessidades do dia a dia, sobretudo as dos não privilegiados, e diante disso verifica que precisa mudar seus propósitos para buscar sua identidade (JABLONSKI; CAMARGO, 2005, p. 76).

Baseando-se na teoria de Bakhtin sobre a interação verbal, Jablonski e Camargo destacam o dialogismo como elemento fundamental para a formação do protagonista. Segundo os autores: “O romance de Callado é estruturado quase que integralmente sobre o diálogo, ou seja: é a opinião objetiva que dá forma aos indivíduos.” (JABLONSKI; CAMARGO, 2005, p. 87). Nesse sentido, todos os personagens do romance contribuem, de forma direta ou indireta, para a construção da personalidade de Nando. Ainda para Jablonski e Camargo: “O percurso romanesco de Nando desenvolve-se, em grande parte, entre discursos” (ibidem). E prosseguem: “É a discussão de ideias e mesmo de palavras que prepara, acelera, retarda ou justifica as suas ações concretas como protagonista” (ibidem). A formação do



protagonista seria feita, segundo essa perspectiva, através da confrontação entre distintas ideias e ideologias.

Metodologia parecida adotam Giselia Rodrigues Dias e Rejane Cristina Rocha (2007), que também analisam o processo formativo de Nando, porém, sob a perspectiva da utopia. Partindo do pressuposto de que o protagonista vai da “alienação ao engajamento efetivo” (DIAS; ROCHA, 2007, p. 144), a autora delimita três distintas situações, a saber: a) Nando projeta construir uma prelazia no Xingu, mas, ao conhecer a situação real dos povos indígenas, o protagonista abandona a empreita; b) ao lado de Francisca, o herói tenta minimizar as injustiças de nosso país através da educação, mas com o golpe-civil militar, o projeto de transformação democrática do Brasil naufraga; c) Nando adere a um movimento de guerrilha rural para combater a ditadura civil-militar de 1964, mas o final inconcluso do romance deixa a concretização deste projeto utópico em aberto. Exceto nesta última situação, todas as projeções utópicas do protagonista são sucedidas pelo “esmaecimento” (ibidem).

Também centrado em Nando é o trabalho de Licia Soares Souza (2008). Baseando-se nos estudos de Francisco Venceslau dos Santos, a autora interpreta *Quarup* como um romance de tese. Segundo Souza:

Em *Quarup*, o padre Nando, um celibatário tímido e sexualmente frustrado se transforma num revolucionário entusiasta e provocador, no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. Todo o projeto visionário de Nando volta-se efetivamente para o centro do Brasil nesse movimento de êxodo reverso, do litoral para o interior. O romance instaura assim uma tese pacifista de um intelectual católico, que se torna um ex-padre sertanista, entrecruzada com visões místicas do país (DE SOUZA, 2008, p. 134).

Nesse sentido, Souza enxerga no “percurso cognitivo” (DE SOUZA, 2008, p. 136) de Nando, “um signo-veículo de várias teses e antíteses” (ibidem). Para exemplificar a sua teoria, a autora divide a trajetória do herói em nove distintas sequências, a saber: hesitações e decisões no osuário; a estada na capital; as peregrinações no Xingu; a expedição ao centro geográfico do Brasil; a relação entre Nando e Francisca; a construção da utopia democrática; a detenção; o jantar; a opção pela guerrilha rural. Ao final de seu estudo, Souza conclui:

Vendo o desenrolar dessas 9 sequências com todas as suas funções primordiais, de significância na diegese, o que fica patente é justamente que Callado empreende um esforço de codificar a realidade brasileira, através de seus vários sistemas de pensamento que se mesclam nessa década histórica de 1954 a 1964 (DE SOUZA, 2008, p. 146).

Quem também concilia, em sua análise, literatura e sociedade é Giselle Larizzatti Agazzi (2010). Sobre a construção do herói, a autora afirma: “A composição da subjetividade

do protagonista entremeia-se à composição da realidade brasileira, influenciando-se mutua e continuamente” (AGAZZI, 2010, p. 124). Não por acaso, Nando aprende com a história do Brasil para, em seguida, agir politicamente. Segundo Agazzi a trajetória de Nando busca referências no Brasil dos anos cinquenta e sessenta (ibidem). Para Agazzi, *Quarup* é uma “narrativa exemplar da revolução brasileira” (AGAZZI, 2010, p. 122). Em sua opinião, à medida que Nando cumpre sua aprendizagem, ele deseduca-se: antigas concepções são descartadas e o protagonista passa a “conceber categorias mais próximas à realidade nacional” (AGAZZI, 2010, p. 130). Segundo Agazzi, ao transformar-se, Nando sensibiliza politicamente o leitor.

Seguindo o mesmo eixo-temático, Mires Batista Bender (2012) afirma: “O romance *Quarup*, publicado por Antonio Callado em 1967, apresenta uma reflexão sobre o Brasil daquele momento, conforme é visto pelas diversas personagens que desfilam na narrativa, e a sua idealização em busca do país que desejam formar” (BENDER, 2012, s/p). Em seu texto, Bender aproxima Nando do intelectual brasileiro da década de sessenta do século XX, que pretendia, segundo ela, buscar “uma cultura de fundo genuinamente nacional, que passava por uma economia nacional sem misturas” (ibidem). Não por acaso, durante o seu percurso, Nando busca definir a sua identidade. Na opinião da crítica, alegoricamente, a trajetória do herói de *Quarup* também representa a busca do Brasil por um norte a seguir. Sobre o assunto, diz: “A alegoria que se apresenta é a de um país que procurou construir uma nação ao mesmo tempo dinâmica e moderna, mas com espaço para homens livres que pudessem se expressar e realizar sua cidadania” (ibidem). E finaliza: “Em *Quarup*, o Brasil é transposto para o romance como a união entre o arcaico e o moderno. Esta é a forma que dá unidade e organiza a transposição estética” (ibidem).

#### D) *Teses*

O trabalho de Alice Mitika Koshiyama (1986) parte do personagem Levindo para iluminar alguns motivos de *Quarup*. Para a autora, Levindo representa o presente - “a articulação das Ligas Camponesas” (KOSHIYAMA, 1986, p. 14) -, a memória de um passado - “a esperança de um mundo melhor” (ibidem) - e a memória histórica do passado - “unindo os opositores ao regime implantado pelo golpe de 64, até o engajamento na luta armada” (ibidem). Em síntese, para Koshiyama, Levindo é, em *Quarup*, um personagem-chave, pois é ele quem interliga todas as partes desconexas do enredo (KOSHIYAMA, 1986, p. 95). De acordo com a autora: “Levindo é parte do passado que vive no presente de toda a história”.

Em outros termos, de modo direto ou indireto, o jovem trotskista influi nas ações de todos os personagens de *Quarup* - tanto antes quanto depois de sua morte. Ato contínuo, a autora Koshiyama conclui: “O tempo de Levindo é o da história vista a partir do ponto de vista dos que sofrem a história. Mas é também a história dos que lutam ao lado deles, solidários na vida e na morte [...]” (KOSHIYAMA, 1986, p. 88).

Abordagem diferente, mas não menos importante, utiliza Agazzi (2004). Em seu trabalho, a autora analisa a obra de Antonio Callado tomando como *corpus* dois de seus romances, a saber: *Quarup* e *Memórias de Aldenham House*. Diz Agazzi:

De um lado, há *Quarup*, espécie de livro proteico, de onde todos os outros livros divergem e para onde todos convergem, um baú do qual as mais diversas possibilidades surgem, se o leitor for atento, porque rascunha inúmeros veios, do conformismo de civilizações à crise existencial do padre. [...] De outro, há *Memórias de Aldenham House*, que reafirma tais características do primeiro livro de sucesso de Antonio Callado, desenvolvendo, inclusive, um dos principais aspectos narrativos para a compreensão do percurso ficcional do romancista que se dá em torno da problematização da formação da memória histórica (AGAZZI, 2004, p. 244).

A tese defendida pela autora é a seguinte: o projeto literário de Antonio Callado vai da utopia ao desencantamento. De fato, publicado em 1967, no contexto do golpe-civil militar, *Quarup* é calcado nas utopias revolucionárias da época, que versavam sobre um futuro melhor. Impresso em 1989, enfraquecimento da União Soviética e queda do muro de Berlim, *Memórias de Aldenham House* “sugere a derrocada desse projeto” (AGAZZI, 2004, p. 3), a melancolia que acompanha o fracasso.

Sobre *Quarup*, em específico, diz Agazzi: “[...] *Quarup* é produto do impasse em que se encontravam intelectuais como Callado, inflexíveis com relação à ditadura, mas extremamente críticos com relação às feições que a luta armada adquiria” (AGAZZI, 2004, p. 119). Segundo a autora, o romance está estruturado em seis movimentos pendulares distintos (AGAZZI, 2004, p. 45), que partem da utopia (a transformação real da sociedade) e chegam à melancolia (o desencanto com o projeto utópico) (ibidem). Diz Agazzi: “O que diferencia Nando dos outros personagens de Callado é a sua capacidade de buscar pensar dialeticamente, apesar das circunstâncias adversas” (AGAZZI, 2004, p. 103). E completa: “Nando consegue antever as amarras do poder em sua própria intimidade e, daí, verificar novas opções de ação” (ibidem). Em outros termos, ao deseducar-se, Nando se adapta a novos cenários e ideologias e, conseqüentemente, novas atitudes são gestadas pelo herói. Do sacerdócio à luta armada, Nando também representa a intelectualidade da década de sessenta (AGAZZI, 2004, p. 119). Ao final, a autora conclui:

A amplitude da alteração dos diferentes pontos de vista que são, ao mesmo tempo, confrontados e integrados pelo protagonista, define a trajetória do protagonista e imita a construção de sua aprendizagem: a própria construção da narrativa, derivada de intensa mobilidade estrutural, mostra como deve acontecer a formação do revolucionário de esquerda (AGAZZI, 2004, p. 120).

Por fim, devemos considerar o trabalho de Maryson José Siqueira Borges (2008). Tomando como base os escritos de Walter Benjamin, Borges propõe uma “aproximação, um paralelo, entre a concepção crítica de tempo, história e memória em *Quarup*” (BORGES, 2008, p. 15). Por fim devemos considerar o trabalho de Borges. Tomando como base os escritos de Walter Benjamin, Borges propõe uma “aproximação, um paralelo, entre a concepção crítica de tempo, história e memória em *Quarup*” (BORGES, 2008, p. 15). Destaque para as considerações feitas sobre a personagem Francisca. Diz o autor: “Para o protagonista, [...] Francisca representa, simultânea e dialeticamente, a síntese de seu conflito existencial - a tensão entre realidade e espírito, objetividade e subjetividade” (BORGES, 2008, p. 127). Borges completa: “Ela é, concomitantemente, para ele, tanto símbolo da suspensão temporal de sua concentração subjetiva, alienada, como impulso para participação ativa no tempo histórico-social da realidade objetiva” (BORGES, 2008, p. 131). Na opinião do autor, o relacionamento entre Nando e Francisca pode ser dividido em três distintos estágios, a saber: Francisca, o amor platônico - início do romance; Francisca amada fisicamente na vereda das orquídeas - o centro da obra; “Francisca corporificada, transformada em mundo” (BORGES, 2008, p. 145) - o final do romance.

## CAPÍTULO 2 – A vida de Nando como padre

### 2.1 O ossuário

Nando, deslocado do mundo cotidiano, é acompanhado por um narrador em terceira pessoa. No ambiente sombrio do ossuário, Cristo onipotente, onipresente e onisciente. Assim começa *Quarup*, romance escrito por Antonio Callado, entre março de 1965 e setembro de 1966. Logo de início, o protagonista é apresentado. Nando é padre e vive num mosteiro nos arredores do Recife. Na primeira sequência, o religioso começa a sofrer com um embate espiritual. O narrador alterna a terceira pessoa com momentos de análise mental<sup>19</sup>. Em algumas passagens, a voz narrativa se aproxima de Nando e sublinha suas considerações psíquicas e seus julgamentos morais.

De acordo com Forster (2003), podemos dividir os personagens de um romance em “planos e redondos” (FORSTER, 2003, p. 49). Para ele, os personagens planos: “Na sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma ideia ou qualidade simples” (ibidem). Quanto aos personagens redondos, Forster não propriamente os conceitua, mas, por sua argumentação, podemos depreender que possuem três ou mais facetas, isto é, são, em geral, mais complexos e difíceis de serem compreendidos. Nesse sentido, podemos afirmar que os personagens redondos possuem características psicológicas, morais e ideológicas mais complexas. Ademais, o personagem redondo é sempre expansível. A qualquer momento, um novo caractere de sua personalidade pode nos ser apresentado. Para Forster: “O teste de um personagem redondo é se ele é capaz de nos surpreender de maneira convincente” (FORSTER, 2003, p. 53). De fato, Nando está sempre a nos surpreender. Por isso, podemos o enquadrá-lo nesta última categoria.

---

<sup>19</sup> De acordo com Leite: “Trata-se, como o próprio nome diz, do aprofundamento nos processo mentais das personagens, mas feito de maneira indireta, por uma espécie de narrador onisciente que, ao mesmo tempo, os expõe (mostra, pela cena) e os analisa (pelo sumário)” (LEITE, 2002, p. 67 – grifo do autor).

Personagem central, Nando<sup>20</sup> empreende em *Quarup* uma longa viagem – física e psíquica – rumo ao autoconhecimento: do sonho de organizar uma prelazia às margens do rio Xingu à decisão final pela luta armada. Durante seu percurso, Nando conhece a realidade e as vicissitudes do Brasil. De acordo com Chiappini:

Se em quase todas as personagens [de *Quarup*] podemos constatar uma ‘teoria’ do Brasil e identificar utopias, isso também acontece com Nando, a personagem central. Com uma diferença: ele é o único que evolui e que, portanto, transforma, aperfeiçoa e reinventa a cada momento o seu Brasil do passado, do presente e do futuro, aproveitando para isso um pouco de cada uma das pessoas com quem convive, cujas ideias filtra à luz da sua experiência, da sua formação e dos seus conflitos pessoais (LEITE, 1982, p.155).

De volta ao episódio<sup>21</sup> analisado, no ossuário, Nando aproxima-se da transcendência. A conexão do protagonista com a divindade é direta, sem intermediários. A luz de Nando provém de uma lamparina de querosene: ele busca um caminho a seguir; Cristo, por sua vez, possui luz própria: está acima de todos. Entre os dois uma “temível balança” (CALLADO, 1984, p. 7), signo da justiça e da ira divina. Os pecados são pesados nesta balança, como “moedas no metal” (ibidem). O local é exclusivo para o julgamento de “homens de Deus” (ibidem). Estamos no subterrâneo de um mosteiro e, de um modo ou de outro, todos aqui fizeram escolhas. Assim sendo, regras precisam ser seguidas. Uma espécie de câmera suspensa parece se aproximar de Nando, em uma descrição que evoca a linguagem cinematográfica. Ao lado do protagonista, alguns franciscanos de “cabeças baixas” (ibidem).

Um tribunal está montado e Nando presta contas a Cristo. O ambiente, fechado e sem conexão com o mundo exterior, sugere que Nando está realizando um exercício interno de fé. Lê-se: o catolicismo tenta criar para o clero um mundo utópico, sem paixões ou problemas sociais. Quem o julga, na realidade, não é Cristo, mas sim sua consciência. Em um cenário escatológico, Nando cria em sua cabeça os últimos dias. Num breve delírio, o protagonista se desloca do chão e passa a se aproximar, ainda mais, de Cristo e de sua balança. Neste momento, o narrador abandona a terceira pessoa e começa a focalizar os devaneios de Nando.

---

<sup>20</sup> O protagonista inicia o romance se identificando com a ideologia dominante produzida pela Igreja Católica – inspirada, principalmente, no dogmatismo do Concílio de Trento, isto é, na contrarreforma do século XVI. Com o tempo, porém, nosso herói é transformado e se torna uma figura anti-establishment. Nesse contexto, o protagonista passa a se identificar com as ideias sociais propaladas pela esquerda das décadas de 1950/60.

<sup>21</sup> “No quadro da teoria semiótica da narrativa, é possível propor a seguinte definição de episódio: unidade narrativa não necessariamente demarcada exteriormente, de extensão variável, na qual se narra uma ação autônoma em relação à totalidade da sintagmática narrativa, ação essa que estabelece conexão com o todo em que se insere por meio de qualquer fator de redundância (a personagem que protagoniza os diferentes episódios de uma narrativa, o espaço em que eles se desenrolam, as dominantes temáticas que regem a narrativa etc.)” (REIS; LOPES, 1988, p. 33).

Os “duros pratos” (CALLADO, 1984, p. 8) da balança estão “prontos a reagirem a um frêmito de culpa” (ibidem).

O motivo<sup>22</sup> culpa aparece, pela primeira vez, no final do primeiro parágrafo do texto romanesco. Com efeito, a culpa irá acompanhar o protagonista de *Quarup* durante toda a sua trajetória. Em outras palavras, o motivo culpa se faz presente, direta ou indiretamente, em quase todos os capítulos do romance. Em um primeiro plano, a culpa de Nando se liga ao ambiente em que ele está inserido. Os dogmas católicos exigem do clero disciplina e prudência. Nando, porém, não consegue ficar imune às ideias mundanas que o circundam. Ademais, Nando planeja construir uma prelazia na região do rio Xingu, aos moldes dos Sete Povos das Missões, e receia como irá se sentir diante das índias nuas. Nando teme, portanto, não controlar seus desejos diante do corpo feminino nu.

O sentimento de culpa liga Nando à ortodoxia católica<sup>23</sup>. Além disso, diversos elementos do episódio nos remetem à literatura barroca<sup>24</sup>. Para Proença Filho (2001), são características desse estilo literário: a “Cosmovisão marcada pelo conflito entre pensamento cristão e pensamento secular” (PROENÇA FILHO, 2001, p. 169). Não por acaso, percebe-se que no episódio analisado, o discurso do narrador é binário: a justiça de Deus X as tentações do mundo. Ainda para Proença Filho, o “exagero de relevos” (ibidem) é uma marca da literatura barroca. Note-se, no episódio, as caveiras, os rosários que se prendiam aos metacarpos e às falanges dos esqueletos, os vestidos de burel, “o corredor que morria em trevas” (CALLADO, 1984, p. 8) e a “trombeta de chamada” (ibidem). De certo modo, tais caracteres evidenciam um importante pressuposto inicial: Nando é um personagem complexo, imerso num ambiente<sup>25</sup> conservador.

---

<sup>22</sup> Por motivo, entenda-se: “[...] subtemas ligados ao tema e vinculados ao desenvolvimento da história e ao conflito dramático. Definem-se, normalmente, a partir das ações das personagens e, também, das situações dramáticas apresentadas no desenvolvimento da narrativa. Podem ser essenciais ao desenvolvimento da história e do conflito dramático e/ou ser acessórios, secundários, não-essenciais a tal desenvolvimento. No primeiro caso, não podem ser desconsiderados quando do estudo da motivação que caracteriza uma narrativa.” (FRANCO JUNIOR, 2009, p.44).

<sup>23</sup> “O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe ao mundo o máximo de sentimento de culpa. Aquele golpe de gênio do cristianismo: o próprio Deus se sacrificando pela culpa dos homens, o próprio Deus pagando a si mesmo, Deus como o único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível – o credor se sacrificando por seu devedor, por amor (é de se dar crédito), por amor a seu devedor!...” (NIETZSCHE, 1999,78-80).

<sup>24</sup> Édison José da Costa fala em “tom barroco da postura existencial” (DA COSTA, 1988, p. 15).

<sup>25</sup> Para Cândida Vilares Gancho o ambiente “é o espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens” (GANCHO, 2003, p.23). Ainda para ela, uma das principais funções do ambiente é “ser a projeção dos conflitos vividos pelos personagens” (GANCHO, 2003, p.24).

Ainda no ossuário, o protagonista se coloca ao lado direito de Cristo (CALLADO, 1984, p. 8). Nesse momento, Nando deixa de ser réu e passa a ter uma posição privilegiada, “ao lado direito de Cristo” (ibidem). Ato contínuo, a pupila de Nando é “[...] ferida por um tom vermelho. Que podia ser? Que vermelho era aquele entre as cores sujas do ossuário?” (ibidem). Era Levindo que havia sido atingido por um tiro, de raspão, ao invadir com os camponeses a fazenda de Zé Quincas, o dono da Usina Estrela. O espaço<sup>26</sup> hermético do ossuário é violado. Nando está face a face com Levindo.

Para Arturo Gouveia (2006): “A entrada de Levindo no ossuário introduz ‘o Outro’, o contraponto, o problemático, o que impõe limites ao absoluto e age como demoníaco” (GOUVEIA, 2006, p. 58).

De fato, a Igreja Católica de Nando, baseada nos ensinamentos de Trento (DA COSTA, 1988, p.15)<sup>27</sup>, rechaça o “outro”. Isto é, a doutrina dogmática da Igreja de Nando é muito semelhante à teologia jesuítica dos primeiros séculos de colonização<sup>28</sup>. Logo, no episódio ossuário, todos os personagens e/ou objetos estão estrategicamente dispostos em sentido vertical: a rígida hierarquia católica deve ser respeitada. Ademais o sangue, na mão esquerda de Levindo, assusta o protagonista, pois ele não está acostumado com a violência.

Partindo desses pressupostos, deduzimos que o excerto analisado representa, para a trajetória do protagonista, o início de sua primeira fase de aprendizado. Entendemos por fase de aprendizado um determinado período na vida do herói em que a sua personalidade é construída. Nesse primeiro estágio, a educação de Nando é dogmática. São características deste período constitutivo: o agravamento, no interior do protagonista, dos conflitos existenciais, porque Nando não consegue entender a indiferença da Igreja para com as questões sociais; a apresentação ao herói, pelos ingleses Leslie e Winifred, da realidade

---

<sup>26</sup> De acordo com Gancho: “Espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, haverá menos variedade de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maior fluência de espaços. O espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer como eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens. Assim como os personagens, o espaço pode ser caracterizado mais detalhadamente em trechos descritivos, ou as referências espaciais podem estar diluídas na narração. De qualquer maneira é possível identificar-lhe as características, por exemplo, espaço fechado ou aberto, espaço urbano ou rural, e assim por diante” (GANCHO, 2003, p. 23).

<sup>27</sup> “Trento teve seu tempo todo tomado na definição e regulamentação das doutrinas e práticas católicas que reformadores haviam atacado, e o fez de tal modo que conseguiu polarizar a Igreja de Roma, levando-a a uma Contrarreforma, que a caracterizou até o século XX” (FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 212).

<sup>28</sup> “A marca decisiva dos jesuítas na Contrarreforma foi a exigência, que tiveram que aceitar, de obediência cega e quase fanática a uma igreja infalível, encabeçada por um papa infalível” (FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 239-240).



exterior ao mosteiro, por meio da qual Nando conhecerá os problemas sociais da zona da mata pernambucana.

## 2.2 A Igreja de Nando

Além do mosteiro, dois outros espaços são importantes na primeira parte de *Quarup*, quais sejam: a casa de Leslie e Winifred – o casal de ingleses - e a zona rural nos arredores do Recife (DA COSTA, 1988, p. 18). Na casa dos ingleses, Nando encontra a contraposição às suas ideias mais básicas. Na zona rural do Recife, Nando passa a conhecer a dura realidade dos camponeses pernambucanos. Enquanto na casa dos ingleses Nando discute suas teorizações, no campo ele entra em choque com os problemas concretos. Para Édison José da Costa a casa à beira-mar, de Leslie e Winifred, é o local em que acontece “o debate intelectual franco, livre” (ibidem). Por outro lado, a zona rural “Reúne a miséria, mas está marcada pela palpitação vital de um processo histórico em desenvolvimento” (ibidem). Enquanto a casa dos ingleses representa a teoria, a zona rural pernambucana faz referência à realidade social.

Em determinada altura do texto, na casa do casal inglês, Nando expõe, pela primeira vez, as suas ideias. Para ele, Deus havia construído na Terra, três grandes experiências místicas: o paraíso adâmico; a civilização Romana; e o império Guarani dos Sete Povos das Missões. Ainda para o padre, “é só no Brasil que ainda existem, tão perto das grandes cidades, homens mais em contato com Deus do que com a História, isto é, com o mundo da razão e do tempo” (CALLADO, 1984, p. 17). Seguindo essa perspectiva, Nando projeta criar, na região do Alto Xingu, uma prelazia. O objetivo era fazer reviver, na Terra, o jardim do éden perdido<sup>29</sup>. Nas palavras do próprio personagem: “Quero ir em busca de índios ferozes e trazê-

---

<sup>29</sup> Projeto parecido teve Antônio Conselheiro ao idealizar o arraial de Canudos. Sobre o tema, Boris Fausto afirma: “Um acontecimento muito distante do Rio de Janeiro, mas com consequências na política da República, assinalou os anos do governo de Prudente de Moraes. Para conhecê-lo, devemos dar um salto ao norte do sertão da Bahia. Aí se formara em 1893, às margens do Rio Vaza-Barris, em uma fazenda abandonada, uma povoação conhecida como Arraial de Canudos. Seu líder era Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro. O Conselheiro nascera no Ceará, filho de um comerciante que pretendia fazer dele um padre. Depois de ter problemas financeiros e complicações domésticas, exerceu várias profissões como professor, vendedor ambulante, até se converter em beato – um misto de sacerdote e chefe de jagunços. Levava uma vida nômade pelo sertão, congregando o povo para construir e reconstruir igrejas, erguer muros de cemitério e seguir o caminho de uma vida ascética. Fixou-se depois em Canudos, atraindo a população sertaneja, em número que alcançou de 20 mil a 30 mil habitantes” (FAUSTO, 2010, p. 257-258). E sobre a repressão do governo ao vilarejo, Fausto diz: “Uma expedição sob o comando do general Arthur Oscar [de Andrade Guimarães], constituída de 8 mil homens e dotada de equipamento moderno, arrasou o arrail em outubro de 1897, após um mês e meio de luta. Seus defensores morreram em combate e, quando prisioneiros, foram degolados” (ibidem – colchetes nossos).

los ao contato da civilização por meio de Cristo” (CALLADO, 1984, p. 24). Na realidade, Nando havia sido preparado pela Igreja, desde menino, para essa missão.

O projeto de Nando é puramente abstrato porque sem conexão alguma com a realidade histórica. Em outros termos, as projeções do padre tomam como base a sua doutrinação ideológica<sup>30</sup>. Nando cria um simulacro do real para justificar a sua existência. Isso, em detrimento da realidade concreta. Sendo assim, Nando é deslocado do cotidiano pela ideologia produzida pela Igreja Católica. Ademais, a estratégia retórica de Nando é semelhante àquela usada pela mesma instituição durante a época colonial<sup>31</sup>.

Escrevendo sobre a Igreja Católica dos primeiros tempos da colonização, Kenneth P. Serbin (2008) afirma: “Os padres difundiram o sentimento de intemporalidade e a ideia da Igreja como uma ‘sociedade perfeita’. A Igreja era pura; a sociedade, pecadora. Em suma, a Igreja e seus seminários punham-se acima da história” (SERBIN, 2008, p.116-117).

Percebe-se, historicamente, que após produzir suas ideologias, os intelectuais católicos as naturalizam. De certo modo, um véu é disposto sobre as relações de dominação, encobertando-as. Não raro, o monopólio cultural e intelectual exercido pela Igreja durante séculos, no Brasil, favoreceu a sistematização desse conjunto de abstrações.

De volta ao texto romanesco, Leslie convida Nando para uma visita a um engenho: “– É indispensável – disse Leslie – que você venha visitar conosco o Engenho de Nossa Senhora do Ó. É uma coisa que você não conhece. Vocês, aliás, aí no mosteiro” (CALLADO, 1984, p.35). E continua: “O desamparo não é apenas social. É religioso também. Você não encontra padre aqui, preocupado com essa gente. Os doentes em geral morrem sem a extrema-unção” (ibidem). Nando estranha a afirmação do amigo, e diz: “- Mas o engenho tem sua capela”

---

<sup>30</sup> Pensamos aqui, no conceito de ideologia a partir da segunda fase (1845-1857) da obra de Karl Marx. A respeito deste tópico, Bottomore afirma: “[...] enquanto os homens, por força de seu limitado modo material de atividade, são incapazes de resolver essas contradições na prática, tendem a projetá-las nas formas ideológicas de consciência, isto é, em soluções puramente espirituais ou discursivas que ocultam efetivamente, ou disfarçam, a existência e o caráter dessas contradições. Ocultando-as, a distorção ideológica contribui para a sua reprodução e, portanto, serve aos interesses da classe dominante. Portanto, a ideologia surge como um conceito negativo e restrito. É negativo porque compreende uma distorção, uma representação errônea das contradições. É restrito porque não abrange todos os tipos de erros e distorções” (BOTTOMORE, 1988, p. 294).

<sup>31</sup> O discurso de Nando é semelhante ao proferido pelos padres da Companhia de Jesus, durante o Brasil Colonial. Criada por Inácio de Loyola em 1534, com clara inspiração militar, a ordem dos jesuítas pretendia levar ao mundo “a palavra de Deus”. Em outros termos, no contexto da contrarreforma, os padres jesuítas pretendiam expandir a fé cristã, a qualquer custo. De acordo com Serbin: “Como colonizadores, os padres jesuítas construíram uma nova civilização. Exerceram grande influência cultural graças ao seu monopólio da educação da elite. Até hoje a pedagogia jesuíta é importante referência para o ensino no Brasil. Os padres procuravam reproduzir no país o sistema de ética, estrutura familiar, casamento, sexualidade e outros aspectos fundamentais da civilização cristã ocidental. Regulavam os costumes e exerciam uma espécie de poder de polícia moral” (SERBIN, 2008, p. 46).

(ibidem). À intervenção, Leslie responde: “- Há três anos sem padre [...] Essa gente, a quem nem o Estado nem a Igreja jamais deram coisa alguma, está sendo trabalhada pela Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores, que é em grande parte obra de Januário” (ibidem).

De maneira geral, podemos dizer que Leslie se sensibiliza diante das mazelas sociais, pois é estrangeiro e protestante<sup>32</sup>. Para ele, a ideologia produzida pela Igreja não surte efeito. Além disso, o jornalista está habituado com a democracia britânica e sabe que a injustiça social não pode ser encarada com naturalidade. Leslie tenta fazer os próprios brasileiros reconhecerem suas mazelas sociais, passo importante para a elaboração de uma possível resolução para os problemas. Nesse ponto, é interessante notarmos que, cansados de esperarem a ajuda do Estado ou da Igreja, os camponeses decidem se organizar. Liderada por Januário, uma sociedade de cooperação é colocada em funcionamento. Na cooperativa, a democracia participativa é praticada e os camponeses começam a lutar.

Nessa etapa do desenvolvimento da ação dramática do romance, enquanto o discurso de Nando representa o passado, as reivindicações dos camponeses simbolizam o futuro. Ao primeiro se liga a doutrina católica - alheia ao mundo cotidiano; ao segundo, as ideias de transformação social que começam a ganhar força, no nordeste, em meados do século XX. Tradicionalismo e modernidade presentes num mesmo local. Teoria e *práxis social*. Entende-se por teoria: “Uma condição hipotética ideal, na qual tenham pleno cumprimento normas e regras, que na realidade são observadas imperfeita ou parcialmente” (ABBAGNANO, 2007, p.952). E por *práxis social* “[...] à atividade livre, universal, criativa e auto criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo”<sup>33</sup> (BOTTOMORE, 1988, p.460).

### 2.3 A violação de Maria do Egito

---

<sup>32</sup> Os embates entre Nando e Leslie podem, também, ser interpretados como uma representação da luta entre as religiões protestantes e o catolicismo dogmático, no início da Idade Moderna Europeia. Assim, devemos recordar dois pontos: os reformistas criticavam a falta de preparo do clero católico, em vários sentidos, assim como a intensa hierarquização da Igreja de Roma (DE AQUINO *et al.*, 2006, 133-134).

<sup>33</sup> “Nos Manuscritos econômicos e filosóficos, Marx parece às vezes sugerir que a teoria deva ser vista como uma das formas da *práxis*. Reafirma, porém, a oposição entre a teoria e a *práxis* e insiste no primado da *práxis* nessa relação: ‘A resolução das contradições teóricas só é possível de maneira prática, só por meio da energia prática do homem’ (Terceiro manuscrito, ‘Propriedade privada e comunismo’). Nas Teses sobre Feuerbach, o conceito de *práxis*, ou melhor, de ‘*práxis revolucionária*’, é de importância central: ‘A coincidência da transformação das circunstâncias e da atividade humana ou autotransformação só pode ser concebida e racionalmente entendida como *práxis revolucionária*’ (Terceira tese). E novamente: ‘Toda vida social é essencialmente prática’” (BOTTOMORE, 1988, p. 461).

Bem intencionado, Nando se sensibiliza com o sofrimento alheio. O dogmatismo católico, porém, o afasta dos problemas reais. Diante desse paradoxo, o herói sente-se impossibilitado de agir. O romance segue, e o protagonista é convidado por Leslie para inteirar-se da realidade local e conhece o camponês Nequinho. Callado utiliza, aqui, o discurso direto<sup>34</sup> e em terceira pessoa. O ambiente é do humilde engenho Nossa Senhora do Ó:

– Conta aqui ao padre Nando, Nequinho – disse Leslie - a história da desonra de tua filha pelo capataz.

– Eu conto mas Jesus Cristo já me falou. Já me esclareceu para corrigir os malfeitos. Bença, padre.

– Deus te abençoe - disse Nando - Desgraçaram tua menina?

– Quase na cara da gente. Aquele porco. Não tinha dez braços da casa de farinha. Houve até quem escutou um grito da menina antes dele tapar a boca dela. Grito pertinho. E depois a gente ainda ouvia o galope do cavalo dele quando Maria do Egito já estava na porta de casa toda molhada de lágrima e com o sanguinho ainda quente no vestido dela.

Nando fez o sinal da cruz, num momento de genuíno horror [...].

– É preciso estudar os meios, Nando, de efetivamente informar o Estado e o país do que acontece nesses engenhos.

– Sem dúvida – disse Nando – e tenho certeza de que as reportagens que você e Winifred vão fazer terão a maior repercussão.

– Mas vocês, brasileiros é que precisam fazer alguma coisa a respeito – disse Leslie. - Que é que vocês vão fazer? (CALLADO, 1984, p. 36-37).

Percebe-se que a história contada por Nequinho é carregada de emoção, porque suas orações são construídas com dramaticidade. Por isso mesmo não falta, à fala do pobre camponês, o elemento trágico<sup>35</sup>. Note-se que a fala de Nequinho é coloquial. De fato, mais à frente, ficamos sabendo que o camponês não sabe ler nem escrever. Tal fato, porém, não diminui a importância do personagem porque, na realidade, Nequinho é um contador de histórias habilidoso<sup>36</sup>.

Além disso, todo o episódio é marcado por um grande motivo, a saber, a violência. Com efeito, o motivo violência é recorrente em *Quarup*. Não por acaso, constatamos que a

<sup>34</sup> Por meio do discurso direto, podemos conhecer, ao menos exteriormente, os personagens de uma obra. Em meio ao embate com o outro, Nando cresce intelectualmente, pois coloca em xeque seu ideário formativo. Sobre as formas de discurso dos personagens, Genette afirma: “A forma mais ‘mimética’ é [...] a que o narrador finge ceder literalmente a palavra à sua personagem [...]” (GENETTE, 1989, p. 170).

<sup>35</sup> Para Arturo Gouveia: “O episódio de Maria do Egito é um releitura paródica da ordem dada a Abraão por Deus para matar seu filho Isaac” (GOUVEIA, 2006, p. 23).

<sup>36</sup> De acordo com Benjamin: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIM, 1994, p. 197).

violência permeia a trajetória de Nando. De fato, o choque<sup>37</sup> da violência faz o protagonista defrontar-se com a realidade e com a história do Brasil. E é a partir de seu conhecimento histórico, que o protagonista passa a elaborar, para si, novos caminhos a seguir.

De volta ao texto romanesco, Nando e Leslie voltam, dias depois, ao engenho Nossa Senhora do Ó. O camponês Nequinho não aceita a marca do capataz no corpo de sua filha. Nando está numa “situação-limite”. Entendemos por “situação-limite”: um determinado momento no enredo do romance, em que o modo de ver o mundo do protagonista é colocado à prova.

– Deus que ajude a gente, seu padre – disse a mãe a Nando. – Só mesmo Deus nosso senhor. O pai de Maria do Egito não fala mais com sua filha

– Não fala mais com a moça por quê? – disse Leslie.

– Vai aguardar até a lua trazer o sangue natural de Maria do Egito – disse a velha. - Falou que se a semente do capataz Belmiro tiver barrado o sangue dela ele mata Maria do Egito e o capataz Belmiro.

– Eu vou conversar com seu pai, minha filha – disse Nando a Maria do Egito.

A menina meneou afirmativamente a cabeça. Abúlica. Teria uns dezesseis anos, pensou Nando. Negro cabelo espichado de índia. Em pouco estaria desbotada, baia como as caboclas mais velhas. Como estava agora ainda podia ter sido mãe de heróis nos Povos de João Batista, Nicolau, Luís Gonzaga, Lourenço, Miguel, Borja e Ângelo (CALLADO, 1984, p. 38).

Note-se que no episódio da violação de Maria do Egito padre Nando encara, pela primeira vez, a violência concreta. Diante da realidade, o herói começa a contestar alguns dogmas católicos. Trata-se de uma contestação, porém, teórica: mentalmente Nando critica a Igreja por se manter alheia à situação local, mas, na prática, nada faz para mudar tal realidade. Ademais, podemos afirmar que o episódio do estupro de Maria do Egito evoca o tradicionalismo naturalizado em nossa história<sup>38</sup>. Com efeito, o espaço é o de um engenho de cana-de-açúcar no nordeste do Brasil, o latifúndio é a marca local. Ademais, dois outros elementos merecem relevo, quais sejam: a questão da mão de obra e a indiferença do Estado frente ao crime. Começemos pelo primeiro ponto.

<sup>37</sup> Em seu artigo *Walter Benjamin e os sistemas de escrituras*, Márcio Seligmann-Silva sublinha a importância da “vivência do choque”: “A obra de Benjamin funda uma modalidade de relacionamento com o histórico que visa a transformar justamente essa vivência - que apenas submete, coloniza e domina os aparatos sensorial e cognitivo do homem - em uma experiência (*Erfahrung*) de indivíduos livres” (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 182-183).

<sup>38</sup> Para Viotti da Costa: “A sociedade [colonial] estava organizada em razão do domínio e da prepotência. A prepotência do senhor sobre o escravo, das autoridades sobre o povo” (COSTA, 2007, p. 294).

## 2.4 Cambão

Callado conhecia bem o camponês nordestino. Durante a sua vida intelectual, escrevera diversas crônicas sociais sobre o tema. É destaque a reportagem, já assinalada, “*Os industriais da seca e os ‘Galileus’ de Pernambuco: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil*”. De acordo com o jornalista: “Se uma agência responsável solicitasse das Nações Unidas uma investigação sobre as condições de trabalho no Nordeste do Brasil íamos passar por uma grande vergonha” (CALLADO, 1960, p. 33). E continua: “As Nações Unidas nos incluíam entre as zonas do mundo onde ainda permanece em vigor o trabalho escravo” (ibidem). Ao pensar em escravidão, o autor se refere, certamente, à prática do cambão.

De acordo com Francisco Julião, a palavra cambão “tornou-se um termo genérico para expressar todo e qualquer dia de trabalho que o camponês dava ao proprietário [...]. A rigor, dá de graça ao dono do sítio, como uma velha praxe” (JULIÃO, 2013, p. 105). Ainda sobre o assunto, Julião continua:

Essa forma de pagamento de renda, é, entre todas, a mais cruel, a que mais sujeita o camponês. Por meio dela, ele perde toda a liberdade. Se se toma um lápis e se calcula, de acordo com o salário mínimo da região, o equivalente em dinheiro relativo aos dias de trabalho que esse pária é obrigado a dar, durante o ano, [...] chega-se a um resultado suficiente para revoltar a mais estúpida das criaturas: com aquela quantia, se lhe fosse paga, o camponês ou o assalariado, como se prefira chamá-lo, compraria não só uma nem duas, mas muitas vezes o pedaço de terra a que se escraviza por toda uma vida. Isso no correr de um ano, apenas (JULIÃO, 2013, p. 106-107).

Em primeiro lugar, devemos esclarecer um importante ponto. Quando Antonio Callado e Francisco Julião falam em escravidão, eles estão se referindo a resquícios dessa prática, que ainda teimam em permanecer em alguns rincões do Brasil. Em outros termos, os autores depreendem do conceito alguns traços que podem conceituar as relações de trabalho regionais como análogas à escravidão. Dito isto, podemos afirmar que os paralelos são bem traçados. Tanto Callado quanto Julião, usam a palavra como parâmetro para classificar a triste situação social do camponês nordestino à época. Situação que, em meados do século XX, ainda guardava semelhanças com o estatuto da escravidão.

Ora, sabemos que, para a teoria marxista, é característica invariável do modo de produção capitalista “a existência de um mercado onde a força de trabalho é comprada e vendida, em troca de salários em dinheiro” (BOTTOMORE, 1988, p. 91). Partindo desses pressupostos, consideramos que, em primeiro lugar, as regras do cambão aproximam o camponês da zona da mata pernambucana ao escravo africano de antanho. Em outros termos,

trata-se de uma herança, na região, do Brasil Colonial. Ademais, a ausência de dinheiro no pagamento dessa forma de trabalho, nos leva a caracterizá-la como semicolonial. Em outras palavras, a prática do cambão, pelos fazendeiros, nos apresenta um nordeste pré-capitalista em pleno vigor na segunda metade do século XX (JULIÃO, 1962, p. 135).

Diante do exposto, podemos afirmar que as regras do cambão aprisionam o personagem Nequinho a resquícios da escravidão colonial. Em outros termos, Nequinho é obrigado a cobrir uma jornada exaustiva de trabalho sem receber por isso. Além disso, sua família deve estar à disposição de seus patrões. De modo inverso, as ações de Belmiro aproximam o capataz da personalidade violenta do feitor que enxergava no corpo do escravo uma coisa<sup>39</sup>. Não por acaso, o criminoso pensa Maria do Egito como um objeto – ele quer deixar sua marca, para sempre, no corpo da menina. No episódio do estupro, Belmiro se afirma como macho superior sobre a filha de outro macho inferior, e como capataz diante do camponês.

## 2.5 A inépcia do Estado

Passemos, agora, para o segundo tópico de análise. Nessa altura da ação dramática do romance, Nando está na casa dos ingleses, à beira-mar, conversando com o casal. O diálogo acontece entre Leslie, Nando e Winifred:

Leslie se espreguiçou, estirando os músculos depois da longa viagem de ida e volta ao Engenho.

– As coisas de um modo geral se acalmaram lá – disse Leslie. – Mas há um ponto que fica mais negro cada dia. O da menina Maria do Egito.

– Que houve com ela?

– É o que *não* houve – disse Leslie. – As regras não vieram.

– É preciso separar a moça do pai – disse Nando.

– Maria do Egito foi para um engenho vizinho – disse Leslie – onde tem tios. O pai há de suspeitar qual seja o paradeiro de Maria. E continua sombrio, agarrado à peixeira, falando sempre nas ordens que recebe de Deus.

– Jesus, o que é que se há de fazer? – disse Winifred.

---

<sup>39</sup> Nas senzalas, os escravos eram tratados, pelo feitor, com violência e, muitas vezes, com perversidade. De acordo com Viotti da Costa: “Durante muito tempo foi costume marcar o escravo com ferro em brasa como se faz hoje com o gado” (COSTA, 2007, p. 294). O corpo do escravo precisava carregar, para sempre, a marca simbólica do senhor.

– A melhor coisa seria trancafiar Nequinho num hospício. Mas para isto é preciso intervenção da polícia, pois o homem não está louco. Reage dentro de sua cultura. Mas a polícia, já de má vontade com o Engenho, não dá atenção ao caso (CALLADO, 1984, p. 56).

Percebe-se que Nequinho age dentro do código de valores patriarcal, punindo, em sua vingança, a vítima – o que equivale a culpá-la pelo que lhe aconteceu. No decorrer do texto, Leslie diz: “Mas a polícia, já de má vontade com o Engenho, não dá atenção ao caso” (ibidem). Na realidade, a polícia, aqui, representa o Estado.

Com base nesse diálogo, devemos atentar para a ambivalência do Estado brasileiro. Note-se que o tratamento dispensado pelo Estado ao camponês é diametralmente oposto ao concedido ao capataz. Ao longo do triste ocorrido com a filha, Nequinho denuncia o caso à polícia em, pelo menos, uma ocasião. Seu relato, porém, não é nem apurado pela justiça local. Em suma, as ordenações jurídicas do Estado ignoram a vítima se ela é pobre e está na base da pirâmide social. Percebe-se, assim, que as condições de trabalho de Nequinho e sua família aproximam-se daquelas do passado colonial e, por conseguinte, das suas leis e práticas sociais<sup>40</sup>.

## 2.6 O aborto

O camponês da zona da mata pernambucana, além de ser explorado por seu patrão, sofre com a indiferença do Estado. Nessa altura da ação dramática do romance, Nando começa a conhecer a realidade concreta. Por meio do sumário, o texto romanesco segue:

No mosteiro, aguardando visitantes, Nando repetia “a terra já deu flor quando chegar aqui” enquanto via em croquis de Francisca as mãos de Francisca alastradas de flores. E como num mistério medieval em que um pensamento perigoso se materializa de pronto em carne e osso, Francisca surgiu na sua frente, e uma Francisca de cabelo soprado de vento, alegórica, uma espécie de imagem da Doçura anunciando a Tragédia.

– Estou aí com a camioneta de Leslie – disse Francisca. – Ele se postou no Engenho de Nossa Senhora do Ó, vigiando o pai. Não arranjei outro médico.

– Mas o que é? De que se trata? – disse Nando.

Francisca sorriu seu sorriso de sempre, apesar dos lábios pálidos.

– Desculpe – disse Francisca. – Estou falando tudo num atropelo. Aquela menina, Maria do Egito. A Winifred arranhou um médico para fazer o aborto, sabe? Mas Maria do Egito começou a passar mal e o tal médico desapareceu. Será que podíamos ir lá?

<sup>40</sup> De acordo com Boris Fausto (2010), pela legislação brasileira da época colonial, o “escravizado não tinha direitos, mesmo porque era considerado juridicamente uma coisa e não um pessoa” (FAUSTO, 2010, p. 54).



– Aonde? – disse Nando.

– À casa dos ingleses – disse Francisca. – O aborto foi feito lá. Era o jeito. [...]

– Um aborto – disse Nando fazendo o sinal da cruz. – Winifred devia ter pensado duas vezes. Um crime contra a vida.

Apesar de estar dirigindo, Francisca voltou bruscamente o rosto para Nando.

– Ela devia deixar Maria do Egito ser assassinada pelo pai por um crime que não cometeu? De mais a mais, Leslie e Winifred assumiram plena responsabilidade (CALLADO, 1984, p. 62-63).

Receosa do que poderia acontecer, Winifred contrata um médico e Maria do Egito aborta. Note-se, nesse excerto, o caráter ambíguo da palavra crime. De um lado, Nando pensa no crime de um ponto de vista teológico, praticado por Maria do Egito com a ajuda de Winifred, contra a vida de seu feto. Do outro, Francisca teoriza sobre as consequências penais do ato praticado tomando como base pressupostos jurídicos. Nesse contexto, é interessante apontarmos um paradoxo: o mesmo Estado que considera Maria do Egito uma criminosa, pouco se interessa pela investigação do caso da menina.

Na categorização de Cândida Vilares Gancho (2003), Francisca pode ser considerada uma personagem secundária quanto ao enredo, pois desempenha o papel de “ajudante do protagonista” (GANCHO, 2003, p. 16), e plana quanto à caracterização psicológica. Mais especificamente, Francisca é uma personagem plana com tendência à redonda: sua personalidade é estável, no entanto, desde o início do romance, ela não deixa de nos surpreender.

Francisca é proveniente de uma família rica do nordeste. Seu pai é dono de uma “grande indústria de ladrilhos e azulejos” (CALLADO, 1984, p. 45), logo, podemos afirmar que a família de Francisca fazia parte da elite pernambucana. Ao que tudo indica, a menina foi educada com base nos ensinamentos católicos. Não raras vezes, Francisca viaja para a Europa com seu pai – privilégio de um seletor grupo. Ao mesmo tempo, porém, Francisca é noiva de Levindo, um revolucionário trotskista que luta contra a elite agrária local por mais direitos sociais para os camponeses. Francisca admirava e apoiava o projeto político do noivo e, para ela, nosso país precisava de mais pessoas como Levindo. Em resumo, Francisca pertence à elite pernambucana, mas tem simpatia pela luta dos camponeses. Trata-se de uma personagem imersa em dois mundos.

Ainda nas primeiras páginas do livro, Nando se refere à Francisca como “[...] o carreiro de estrelas entre mundos” (CALLADO, 1984, p. 10). Pode-se dizer que Francisca

representa para Nando, desde o início da obra, uma ponte para o mundo real; um caminho a seguir. Por vezes, Callado utiliza intertextos<sup>41</sup> para sensibilizar o leitor quanto à importância de Francisca para o protagonista. Em certa altura da narrativa, Nando se recorda de uma passagem da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, para referir-se à moça: “e quindi uscimmo a riveder le stelle...” (CALLADO, 1984, p. 50). E continua: “l’amor que move il sole e l’altre stelle...” (ibidem). Impedido de explicar o que sente por Francisca, o protagonista se vale da literatura canônica. De acordo com Costa:

A transição para Dante Alighieri, no entanto, introduz no quadro da manifestação religiosa do protagonista a figura da mulher idealizada que se faz símbolo da felicidade eterna, guia e companheira do caminhante; essa transição acompanha o despertar de Nando para a presença física da mulher e a identificação de Francisca com Beatriz mostra-se uma tentativa de conciliar a antiga aspiração ao exercício místico e o apelo sensorial a cuja evidência ele não consegue se furtar. Dessa forma, os versos de Dante aparecem associados a Francisca, presença material irrecusável, mas trazem o impulso para o infinito e o eterno contidos no motivo duas vezes repetido da **estrela** (DA COSTA, 1988, p.51 – grifo do autor).

De fato, sabe-se que em *Quarup*, Francisca é uma verdadeira personagem-guia do protagonista. Não por acaso, a personagem irá acompanhar Nando durante toda a sua trajetória: do osuário do mosteiro no Recife à alfabetização dos camponeses da zona da mata nordestina, Francisca sempre está ao lado do herói. Nas poucas passagens do romance em que a personagem não aparece fisicamente, o protagonista está pensando nela. Por isso, podemos afirmar que Francisca é uma personagem secundária especial, pois está diretamente ligada à transformação do protagonista. Sendo assim, deduzimos que Francisca é o elo conector das partes conflitivas do enredo<sup>42</sup>.

## 2.7 O desfecho do episódio

No final do episódio da violação de Maria do Egito, Nando dirige-se, uma última vez, ao engenho Nossa Senhora do Ó. Agora, é Levindo quem o acompanha. Os dois conversam

---

<sup>41</sup> “Intertextualidade – Vocábulo proposto por Julia Kristeva, em *Semeiotikê, Recherches por une Sémanalyse* (1969). Influenciada pela teoria dialógica de Mikhail Bakhtin, que divisava na paródia a convergência e o cruzamento, “de certo modo, de dois estilos, duas ‘linguagens’ (interlinguísticas), parte ela da ideia de que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Daí que “o texto literário se insere no conjunto dos textos: é uma escrita-réplica [...] Por outros termos, “o texto literário se apresenta como um sistema de *conexões* múltiplas”“. De onde se inferir que “o significado poético remete a significados discursivos outros, de modo que, no enunciado poético, se podem ler vários outros discursos”. A esse “espaço textual múltiplo” atribui-se a denominação de “espaço intertextual”, e ao seu mecanismo, intertextualidade (MOISÉS, 2004, p. 241).

<sup>42</sup> De acordo com Gancho, o “conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor” (GANCHO, 2004, p.11).

com Nequinho para que sua filha volte para casa. Nequinho aceita a propositiva, mas Maria do Egito, segundo ele, não poderia voltar para aquela casa. Nando pergunta o motivo e o camponês responde: “Por que o patrão mandou a gente embora, não é mesmo? A gente tem que sair que ele tem precisão da casa” (CALLADO, 1984, p. 67). Indignado, Nando afirma: “Eu vou falar com o seu patrão. É o capataz que ele tem que mandar embora” (ibidem). Nequinho emenda: “Diz que já voltou. Ainda não apareceu na lavoura mas já voltou” (ibidem). Mais acostumado com as injustiças do campo, Levindo conclui: “O patrão indenizou Nequinho. Deu uns cobres a ele. Isso quer dizer que se Nequinho não for embora por bem, some aí numa tocaia. Como bom cristão, Nequinho já se resignou. Ele vai embora e o capataz volta” (ibidem).

Com efeito, ao longo de toda a história narrada, o algoz é protegido pela lei enquanto a vítima fica desassistida. O Estado, nesse episódio do estupro de Maria do Egito, é condescendente, por ausência, com os crimes do capataz Belmiro. A herança histórica que este episódio ilumina é a da desigualdade dos brasileiros perante a lei e o Estado<sup>43</sup>: a ausência de direitos para as populações pobres.

Não por acaso, para Marilena Chaui (2000), a sociedade brasileira atual guarda muitas semelhanças com a de séculos atrás. A autora identifica o autoritarismo como uma característica intrínseca das relações sociais no Brasil. De acordo com ela, em nosso país: “para os grandes a lei é privilégio; para as camadas populares, repressão” (CHAUI, 2000, p. 90).

## 2.8 O “Jardim do Éden”

Nando se compadece com a miséria dos camponeses da zona da mata pernambucana. Suas idealizações, no entanto, o afastam da realidade concreta. As situações vividas por Nando, na zona rural do Recife, ficarão em sua memória. Com efeito, ele nunca se esquecerá do sofrimento de Maria do Egito. Nessa altura do romance, porém, o herói decide investir na concretização de seu projeto pessoal, qual seja: construir uma prelazia no interior do Brasil:

---

<sup>43</sup> No período colonial, o ouvidor-geral era a autoridade suprema da justiça (FAORO, 2001, p. 216). De acordo com Faoro: “O ouvidor decide os casos crimes, até morte para escravos, gentios, peões e cristãos livres. Sua competência não abrange pessoas de maior qualidade nem alcança o clero” (FAORO, 2001, p. 216-217). Entenda-se por “pessoas de maior qualidade” (ibidem), a elite brasileira à época: os governantes, os grandes latifundiários e, mesmo, seus lacaios de confiança.

No controle do Lodestar o piloto Olavo, do Correio Aéreo Nacional, apontou a Nando lá embaixo o grupo de malocas. Nando sentiu o coração bater apressado.

— É o Posto Capitão Vasconcelos?

Olavo assentiu com a cabeça. Um minuto antes, como se lhe mostrasse um mapa, Olavo sobrevoara a região, que vai dos cerrados e varjões do centro do Brasil à floresta amazônica, impenetrável à vista de quem voa como uma couve-flor monumental. Nando tinha identificado, do seu assento ao lado do piloto, a larga fita d'água do Xingu saindo do Morena, ponto em que se encontram seus três formadores Culuene, Ronuro, Batovi. O piloto ia dizendo os nomes mas não precisava. Nando até adivinhava, invisível das primeiras alturas na sua pequenez, o Tuatuari, afluente do Culuene, à beira do qual ficava o Posto do SPI. Mas agora, sim, agora as malocas e uma construção maior, o Posto sem dúvida, no terreiro limpo. Do lado do riozinho criança, Tuatuarzinho de tantos sonhos. Nando só não conseguia ainda divisar índios. Sabia, de tantas leituras, que eles sempre acorriam, cercavam todo avião que chegava. Por enquanto nada, embora crescesse de encontro ao avião o campinho de pouso retangular, civilizado como uma quadra de tênis no mato bronco. O Lodestar pousou (CALLADO, 1984, p. 147-148).

Num avião pilotado por Olavo, funcionário do Correio Aéreo Nacional, Nando sobrevoa o planalto central. O narrador, em terceira pessoa, filtra, por meio do sumário<sup>44</sup>, alguns sentimentos e percepções do protagonista: sua inocência, defronte à realidade concreta, é, portanto, evidenciada. Note-se, inicialmente, que o protagonista refere-se ao rio Tuatuari como o “Tuatuarzinho de tantos sonhos”. Desde a adolescência, Nando idealiza o Xingu e, não por acaso, há certa emotividade em sua afirmação. Além disso, acerca dos habitantes locais, Nando pontua que “Sabia, de tantas leituras, que eles sempre acorriam, cercavam todo avião que chegava”. Depreendemos, assim, que o herói conhece a história indígena somente por meio da teoria do que leu, isto é: ele ignora o índio real<sup>45</sup>.

O episódio segue, o avião pousa e seus tripulantes descem. A partir de então, tem início um diálogo entre Nando e Otávio:

— Chegamos — disse Olavo.

A porta do avião foi aberta, o piloto saltou. Nando saltou atrás dele.

— Engraçado — disse Nando —, pensei que os índios mansos dos Postos corresse ao encontro de aviões chegados.

<sup>44</sup> “Proveniente da crítica e teoria literária anglo-americana, o termo sumário designa toda a forma de resumo da história, de tal modo que o tempo desta aparece reduzido, no discurso, a um lapso durativo sensivelmente menor do que aquele que a sua ocorrência exigiria [...] A análise do sumário narrativo não deve, no entanto, limitar-se a referir aquelas que são as suas funções mais frequentes (ligação entre episódios, resumo de acontecimentos subalternos, rápida preparação de ações relevantes etc.); ela deve também procurar descortinar a interação do sumário com outros signos técnico-narrativos, decorrentes da ordem temporal (v.) adotada, da focalização [...] instituída, da situação narrativa vigente [...] etc.” (REIS; LOPES, 1988, p. 293-294).

<sup>45</sup> Algo parecido aconteceu, no final do século XV, com a chegada dos portugueses ao sul do Bahia. Para efeito de ilustração, tomemos como exemplo a carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, D. Manuel I. Sobre a terra brasílica, o autor afirma: “Esta terra, Senhor, parece-me que [...] será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa” (CAMINHA, 1997, p. 50). E prossegue: “Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!” (ibidem).

— Homem, olha que correm mesmo — disse Olavo. — Nunca tive uma recepção dessas na minha vida. Vêm os índios e vem gente do Posto também. Que diabo! não é todo dia que chega avião neste cu do mundo não. Faz o seguinte, padre Nando. Vai andando até a casa do Posto e vê quem está lá. Os doidos dos índios são capazes de estar pescando em massa para o quarup ou coisa parecida. Mas há de ter alguém no Posto. Eu vou desembalando a carga [...].

O campinho se comunicava com a aldeia por um belo estradão de uns oitocentos metros de comprimento, ladeado de grandes árvores de frondes manchadas de ipê-roxo. Nando, mala na mão, meteu o pé no caminho, ansioso por ver os primeiros curumins correndo ao seu encontro, atirando-se aos seus braços. Queria apertá-los contra o peito para sentir o cheirinho que sabia que tinham, de terra, de água do rio, de jenipapo e de urucum. Enquanto aguardava ia engolindo pelos olhos e pelo nariz as várzeas, as manchas de mato. E aquilo? Jatobá de índio fazer canoa? E adiante? Os buritis de índio fazer tudo? Monstro de pau linheiro. A hileia crescendo medonha para o equador. Agora, quebrando à esquerda rumo à casa do Posto, as malocas, abauladas, acoradas no chão, com sua porta móvel, de varas e de palha. A um canto, na sua gaiola de varas, a grande harpia melancólica que dá plumas à tribo (CALLADO, 1984, p. 148-149).

O herói toma a sua mala e principia uma caminhada: “O campinho se comunicava com a aldeia por um belo estradão de uns oitocentos metros de comprimento, ladeado de grandes árvores de frondes manchadas de ipê roxo” (ibidem). Há um esplendor da natureza virgem defronte o olhar curioso do protagonista, de modo que Nando parece estar adentrando o “Jardim do Éden”. Na sequência, o herói começa a pensar no seu futuro encontro com os curumins e tenta imaginar a pureza do ser humano em seu estado natural: “Nando, mala na mão, meteu o pé no caminho, ansioso por ver os primeiros curumins correndo ao seu encontro, atirando-se aos seus braços. Queria apertá-los contra o peito para sentir o cheirinho que sabia que tinham, de terra, de água do rio, de jenipapo e de urucum”. Perceba-se, nessa passagem, que a caracterização dos índios está diretamente ligada à ideia de inocência dos homens.

Segue-se, por parte do protagonista, uma breve análise mental:

Mas ninguém. Ninguém no terreiro. Ninguém à beira do rio. Ninguém diante de qualquer maloca que fosse. Ninguém em parte nenhuma. Nando foi andando para a construção do Posto com o coração batendo fundo, a longos intervalos. Que castigo seria aquele, Senhor? Que poderia ter acontecido? Que esconderia a porta do telheiro, por trás da sua varanda onde havia redes? Redes mas vazias. Todas vazias.

Estava Nando a uns vinte metros quando de dentro da casa saiu um casal de índios. Um belo casal de índios. Seu primeiro casal de índios. Nus. Ela apenas com seu uluri, ele apenas com um fio de miçangas na cintura. Deram dois passos para fora da casa. Voltaram-se um para o outro. Nando, que estacara, viu então que a mulher tinha na mão direita uma maçã, que oferecia ao companheiro. O índio fez que não com a cabeça. Ela mordeu a maçã. E então, virando-se para Nando, foi lentamente andando em sua direção, a maçã na mão estendida em oferta. Nando, confuso, pôs a mala no chão, estirou a mão.

Uma risada estourou atrás de Nando, outra ao seu lado, e das malocas saíram em chusma índios rindo e gritando, homens e mulheres e crianças. Agora, sim, Nando se viu no meio de uns cinquenta índios.

A mão de Olavo, que rira por trás dele, caiu-lhe afetuosa no ombro.

— Desculpe o mau jeito. Mas o Fontoura me fez prometer que eu ajudava a lhe pregar uma peça. A peça aliás foi encomendada pela Lídia, do Otávio.

Nando riu e deu um assobio de alívio.

— Peça? Me pregou um susto danado, isto sim. Primeiro pensei que tivesse morrido todo o mundo. Depois... Nem sei! (CALLADO, 1984, p. 149-150).

O tempo parece estar suspenso e Nando permanece atônito. Em alguns segundos, ele fica paralisado e procura entender o que está ocorrendo. Era tudo um chiste, uma brincadeira. Note-se que o tratamento dado por Olavo aos índios, é ambíguo. Em um tom meio jocoso, Olavo parece tratar os índios com camaradagem. Por outro lado, a violência está implícita em sua fala. Ao referir-se aos índios, por exemplo, no final do episódio, Olavo diz: “Chega para perto, Canato, seu sem-vergonha. E você, Prepuri, sua desclassificada. O padre está brabo com vocês” (CALLADO, 1984, p. 149-150).

Canato e Prepuri é o primeiro casal indígena visto por Nando<sup>46</sup>. Note-se que Canato morde a maçã que estava nas mãos de Prepuri: o gesto sugere que a humanidade parece estar fadada ao pecado. Ato contínuo, Prepuri oferece a maçã, símbolo do pecado original, a Nando: a queda do paraíso parece ser, também para o herói-protagonista, um fato iminente.

Devemos, nesse momento, elaborar algumas considerações acerca do episódio analisado. Em primeiro lugar, podemos afirmar que ele é uma espécie metanarrativa, ou seja, uma breve história dentro da narrativa central. Usando como referência o livro do *Gênesis*, do Velho Testamento da *Bíblia*, Callado recria parodicamente, no episódio do encontro de Nando com os índios, o mito de Adão e Eva, adaptando-o ao planalto central brasileiro. Destaque para o contraste existente entre a ingenuidade de Nando e os índios reais. Em outros termos, os índios idealizados por Nando como “homens mais em contato com Deus do que com a História” (CALLADO, 1984, p. 17), já não existem mais: estão todos aculturados. Tal conjectura inviabiliza, portanto, a construção de sua prelazia. Assim, depreendemos que o episódio da chegada de Nando ao Xingu demarca os últimos momentos de uma importante fase na vida do protagonista.

## 2.9 O sofrimento do índio Aicá

<sup>46</sup> Sobre os povos locais, Pero Vaz afirma: “A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência” (CAMINHA, 1997, p. 11).

Acompanhado de Lília, uma psicóloga carioca que visitava o Xingu, Nando conhece uma maloca indígena. O conhecimento teórico do protagonista sobre o Xingu é agora confrontado com a realidade concreta. O espaço da maloca fica ao lado do Posto Capitão Vasconcelos e, por isso mesmo, vivem, ali, índios aculturados:

— São curiosos esses índios, não são? — disse ainda Lília vindo ao encontro de Nando.

— Aquém do bem e do mal — disse Nando.

— Hum...

— Fazem com naturalidade os atos naturais, não têm consciência nem do prazer e nem da dor.

— Calma, calma, sr. padre — disse Lília. — Você já visitou Aicá, um índio cuicuro que se não me engano está naquela maloca mais perto do campo de pouso? Morava lá quando eu estive aqui há um mês.

— O que é que tem esse índio?

— Venha ver. É parte do seu ministério.

Havia duas índias na cabana, uma espremendo mandioca no tipiti, outra moqueando peixe no jirau. Como a luz caía bastante do lado de fora e não havia fogo no interior da maloca, parecia que só estavam ali as duas mulheres.

— Aicá? — perguntou Lília.

— Aicá, Aicá — disse uma das mulheres apontando para um canto.

De uma rede na penumbra levantou-se um rapagão dos seus vinte e poucos anos. Parecia em tudo e por tudo qualquer dos índios do acampamento que Nando vira até agora. Lília tirou do bolso um embrulho.

— Para Aicá — disse ela.

O índio se aproximou e começou a lutar com o barbante na ânsia de abrir o embrulho da caixa de anzóis e linha de pesca que lhe trazia Lília. Então Nando viu como estava coberto de feridas. Já tinha muito mais anos do que Aicá, pensou Nando, mas não pode ter tido mais chagas (CALLADO, 1984, p. 170-171).

Note-se que, no início do episódio, ao referir-se aos índios, Nando afirma que eles estão “Aquém do bem e do mal”. Com efeito, nessa altura da ação dramática do romance, Nando ainda idealiza os índios, isto é, a sua visão sobre eles é romântica. Estrategicamente, para defender a sua visão de mundo, o herói cria para si verdades absolutas.

O episódio segue e Nando é apresentando por Lília ao índio Aicá, o qual vive na sombra e é rejeitado por sua tribo. Doente, Aicá sente dores extremas. Em nossa leitura, Aicá representa em *Quarup* o índio real, não romantizado. Ao ver Aicá, Nando defronta-se com a realidade concreta e, imediatamente, busca explicações em seu arsenal conceitual, composto,

em essência, por histórias bíblicas: “Jó tinha muito mais anos do que Aicá, pensou Nando, mas não pode ter tido mais chagas”.

O episódio segue:

Aicá, índio bom, habitante do paraíso, finalmente se livrara do barbante e do papel enquanto Nando o olhava com horrorizada piedade. Um sorriso de prazer nos lábios pálidos, Aicá examinou os anzóis, a linha.

— Aicá pode pescar muito — disse Lídia. — Pescar para quarup.

— Pescar sim. Peixe grande — disse Aicá.

Mas falou voltando para sua rede no canto, no escuro da maloca. É preciso uma explicação, pensou Nando. Sofrimento, sim, dor, mas provavelmente sem noção de mais coisa nenhuma. Uma onça ferida para sempre, talvez, e para sempre a lambar a ferida. Mas sem saber. Imaginando que vai desaparecer a ferida.

— Coitado — disse Nando —, que horror de moléstia!

— Imagine agora a dor de Aicá e de tantos mais que pegam o fogo-selvagem — disse Lídia.

— Deus me livre de achar que Aicá não sofre, mas sofrerá como um de nós? Com a mesma sensibilidade? E com o mesmo horror da chaga em si e da chaga vista pelos outros?

— Não sei o que possa ser a mesma sensibilidade — disse Lídia dando de ombros. (CALLADO, 1984, p. 171-173).

Num primeiro momento, defronte às chagas de Aicá, o protagonista pensa: “Sofrimento, sim, dor, mas provavelmente sem noção de mais coisa nenhuma”. Depreendemos dessa passagem, que Nando compreende o sofrimento de Aicá como o de um animal irracional. O episódio segue e, num segundo momento, Nando muda a sua opinião: “Deus me livre de achar que Aicá não sofre, mas sofrerá como um de nós? Com a mesma sensibilidade?”. Depois de refletir um pouco, Nando constata que Aicá sofre como um ser humano e, por isso mesmo, merece compaixão. Em resumo, a indecisão de Nando indicia que, no excerto acima citado, ele está passando por um embate existencial.

E a finalização do episódio:

Nando se acercou da rede de Aicá sentindo-se mais desolado e mais perplexo do que jamais se sentira diante do sofrimento dos inocentes. Terrível o que Lídia acabava de dizer.

Afastava qualquer consolo de tapeação que se pudesse derivar da ideia de que Aicá sofria como um cão ou um gato. Sofria um sofrimento de gente, complicado com o social.

— Aicá — disse Nando.

O índio levantou olhos mansos para Nando, que sabia não ter nada a dizer. Ah, Senhor, e a era dos milagres rudes? Como entender no paraíso refeito o fogo-



selvagem? Por que tanta fúria contra Aicá? Por que a horrenda morte interminável além do pagamento do tributo comum da morte um dia? Aicá esperava, os olhos erguidos para Nando. Esperava sentado na rede suja, sem mulher, sem filhos, arco e flechas no chão ao seu lado.

— Tenho facão bonito para Aicá — disse Nando — lá no Posto.

— Icatu — disse Aicá.

— Rapadura também — disse Nando.

— Icatu — disse Aicá.

Compreensíveis os santos e santas que beijavam os leprosos e lhes lambiam docemente as feridas. Nem compaixão e nem perversão. A recusa da saúde se havia gente torturada assim.

Para continuar aceitando Deus. Se aquilo era permitido é que teria um sentido qualquer e merecia amor. Nando disse a si mesmo, com paixão, que beijaria os pés de Aicá se pudesse lhe dar alívio. Se. Quando talvez a cura fosse a do puro amor sem qualquer esperança terapêutica (CALLADO, 1984, p. 171-173).

As idealizações de Nando, com relação aos índios, estão em xeque. O protagonista está prestes a ser transformado, porque o que ele projeta não condiz com a realidade concreta. Os olhos mansos de Aicá miram Nando, depreende-se, assim, que o índio sente dor. Segue-se, por parte do protagonista, um longo monólogo interior<sup>47</sup>. A crueza da realidade faz Nando raciocinar e, nesse momento, diversas interrogações surgem. Se os índios são seres próximos de Deus, como explicar a doença de Aicá? Se Deus é bom e misericordioso, como entender aquela aflição perpetrada a um indivíduo inocente? Sendo Deus onipresente, onipotente e onisciente, ele não poderia curar Aicá?

De acordo com Arturo Gouveia (2006):

A cena de Aicá, das mais perfeitas no romance brasileiro contemporâneo, é decisiva na revolução interior do padre, minando a raiz de sua formação ocidental e revelando todo o seu aprendizado como falso. Mesmo procurando identificar um sentido divino na doença de Aicá, Nando tem consciência dos próprios limites ao reconhecer-se impotente para milagres, sacrifícios, abnegação total ou compaixão autenticamente cristã pelo sofrimento alheio. Isso lhe abala, interiormente, a auto-imagem de autoridade eclesiástica ou encaminhadora de destinos. Seu raio de atuação é cada vez menor no plano religioso (GOUVEIA, 2006, p. 81).

Note-se ademais que, no final do episódio, o narrador posiciona-se de dentro da consciência de Nando para expressar as suas percepções, isto é, o mundo visto a partir dele. (POUILLON, 1974, 54). É o que Jean Pouillon (1974) chama de visão “com”:

Escolhe-se um único personagem que constituirá o centro da narrativa, ao qual se atribui uma atenção maior ou, em todo caso, diferente da que se atribui aos demais.

<sup>47</sup> De acordo com Lígia Chiappini Moraes Leite (2002), o monólogo interior implica num aprofundamento do personagem em seus próprios processos mentais (LEITE, 2002, p. 67-68).

Descrevemo-lo de dentro; penetramos imediatamente a sua conduta, como se nós mesmos a manifestássemos (POUILLON, 1974, 54).

Nesse momento, Nando é exposto, pelo narrador, quase que integralmente, ao leitor virtual. Com efeito, ao revelar o íntimo do protagonista, o narrador parece exigir do leitor virtual certa identificação com o sofrimento de Nando, numa espécie de “compreensão simpática”. (POUILLON, 1974, 55). Desse modo, de acordo com Pouillon, o outro é reduzido a mim mesmo, “fazendo com que eu o veja em mim e que eu esteja ‘com’ ele por estar comigo mesmo” (POUILLON, 1974, 68). Utilizando-se dessa cumplicidade do leitor virtual para com o protagonista, no episódio do índio Aicá, o narrador exime-se de culpa e transfere para Nando a tarefa de informar, ao seu interlocutor, a incongruência de suas idealizações.

De fato, em nossa leitura, desde o início do romance o narrador concebe o projeto proposto por Nando, de construir uma prelazia às margens do rio Xingu, como uma fantasia ingênua. Percebe-se, entretanto, que é somente no episódio do índio Aicá, que Nando chega à semelhante conclusão. Assim, deduzimos que mesmo sabendo do eminente insucesso da prelazia, o narrador acompanha, sem interferências, o percurso de Nando porque, em sua onisciência, ele compreende que é unicamente no choque com a realidade concreta que o herói passará a entender o mundo que o cerca.

Não por acaso, consideramos que o episódio do sofrimento do índio Aicá é essencial para que, num futuro próximo, Nando abandone o sacerdócio. Como exemplo podemos citar, no final do episódio, essa breve análise mental de Nando: “Para continuar aceitando Deus. Se aquilo era permitido é que teria um sentido qualquer e merecia amor”. Note-se, nesta passagem, que o protagonista está visivelmente frustrado com a religião. Diante da benevolência de Deus, idealizada pelo protagonista, o sofrimento de Aicá torna-se, para ele, incompreensível. É a partir desta constatação, que Nando passa a reavaliar a sua visão de mundo.

## **2.10 Conclusão parcial**

No início do romance, Nando é padre e vive nos arredores do Recife. O espaço do ossuário, hermético e fechado, representa o inconsciente do protagonista, mas também se refere à postura do clero católico antes do pontificado de João XXIII. Do microcosmo do ossuário, depreende-se a indiferença da Igreja Católica diante do mundo que a cerca. É a primeira fase de aprendizagem do herói e o seu projeto de vida é construir uma prelazia às

margens do rio Xingu para catequizar os índios da região. De educação conservadora, o herói foi preparado, durante anos, para assumir essa missão.

No mosteiro, Nando conhece os ingleses Winifred e Leslie e, por meio destes, o engenho Nossa Senhora do Ó. A partir de então, o protagonista começa a defrontar-se com a situação dos camponeses da zona da mata pernambucana. Destaque para o episódio da violação de Maria do Egito, filha do camponês Nequinho, pelo capataz Belmiro. Note-se, nesse contexto, que Nando se compadece com o sofrimento dos trabalhadores do campo, mas pouco faz para minimizá-lo. Priorizando o pessoal em detrimento do coletivo, o herói decide, assim, viajar para o interior do Brasil.

Nesse estágio da ação dramática, as idealizações de Nando são colocadas à prova. O espaço do Xingu, aberto e infundável, representa a ingenuidade de Nando defronte da complexidade da realidade concreta. Do macrocosmo do Xingu, depreende-se o desajustamento do dogmatismo do herói diante do mundo externo. Com efeito, depois de presenciar a angústia do índio Aicá, Nando começa a se desvencilhar do tradicionalismo católico e, por consequência, deixa o sacerdócio. O projeto da prelazia fracassa, e o herói passa a enxergar a realidade sob uma nova ótica.

Em sua primeira fase de aprendizagem, Nando deixa o litoral “civilizado” para aventurar-se no interior “selvagem”, objetivando construir, ali, uma nova civilização. Aos moldes dos Sete Povos das Missões, Nando pretende reconstruir o paraíso perdido, o “Jardim do Éden”: um novo país, distante do pecado. Em suma, Nando busca um novo começo. Note-se que o êxodo reverso do protagonista refere-se à história do Brasil escrita a contrapelo porque, com o seu projeto, Nando pretende inaugurar um novo país a partir do centro<sup>48</sup>. Em oposição, portanto, à colonização portuguesa do Brasil, que principiou pelo litoral.

Desse modo, em sua primeira fase de aprendizagem, percebe-se que Nando é confrontado com o tradicionalismo naturalizado em nossa história. Imerso no dogmatismo católico, representado no romance por D. Anselmo, Nando não consegue modificar a realidade prática. Em outros termos: frente à miséria dos camponeses da zona da mata pernambucana, advinda da excessiva exploração perpetrada pelos coronéis e da má

---

<sup>48</sup> De acordo com Boris Fausto: “Na sua faixa litorânea, o Nordeste representou o primeiro centro de colonização e de urbanização da nova terra” (FAUSTO, 2010, p. 76). Fausto completa: “Escrevendo a primeira *História do Brasil*, em 1627, Frei Vicente do Salvador lamentava o caráter predatório da colonização e o fato de que os portugueses tinham sido até então incapazes de povoar o interior da nova terra, ‘arranhando as costas como caranguejos’” (FAUSTO, 2010, p. 91).

distribuição fundiária, Nando mantém-se inerte. Note-se, ademais, que o tradicionalismo é estático, nos remete ao passado e indicia injustiça social.

### **CAPÍTULO 3 – A trajetória de Nando como sertanista**

#### **3.1 A organização da expedição**

Visivelmente frustrado com a Igreja Católica, Nando escreve uma carta a D. Anselmo, seu superior imediato no mosteiro nos arredores do Recife, e deixa o sacerdócio. Ato contínuo, no Xingu, o herói participa da organização de uma expedição, cujo objetivo era demarcar o centro geográfico do Brasil:

O avião que chegou ao campo de pouso do Posto trazendo os membros da Expedição ao Centro Geográfico do Brasil arrebatou Nando ao planeta Saturno. Viu de longe Francisca que saltava, Francisca que não o viu e por isso não lhe sorriu como Beatriz não sorrira para não reduzir o poeta à negra cinza com a visão insuportavelmente bela do seu semblante assim iluminado.

*Chè la bellezza mia tanto splende...*

Como se de fato fugisse de ser calcinado Nando fez meia-volta e correu ao Posto, incapaz de pensar mas capaz de fugir. Fugia ao vácuo mental, ao escurecimento que se fizera para que Francisca se inscrevesse na treva como um relâmpago. Fontoura estava de pé, felizmente de cara desanuviada.

— Chegou o avião — disse Nando —, o que vem do Rio e Brasília.

— E você parece até que correu do Rio e de Brasília para me dizer isto. O que é que houve? Aposto que não veio o presidente da República a bordo.

— Não, não, mas acho bom você ir receber os visitantes. Eu vi o Ramiro e mais uns membros da Expedição (CALLADO, 1984, p. 271-272).

Depois de uma longa temporada na Europa, Francisca reencontra Nando no Posto Indígena Capitão Vasconcelos: “Viu de longe Francisca que saltava, Francisca que não o viu e por isso não lhe sorriu como Beatriz não sorrira para não reduzir o poeta à negra cinza”. Percebe-se, nessa passagem, que o narrador comparara Francisca à Beatriz, a musa inspiradora de Dante. Nesse momento, reminiscências de sua antiga paixão vêm a tona e

Nando descobre que ainda ama Francisca. Surpreso, o herói não sabe o que fazer: “Como se de fato fugisse de ser calcinado Nando fez meia-volta e correu ao Posto, incapaz de pensar mas capaz de fugir”. Note-se, nesse excerto, que para não encarar Francisca, Nando foge. Ele está inseguro, pois não vê a moça há anos.

O episódio continua:

Fontoura saiu ao encontro dos recém-chegados e Nando foi ao canto da copa onde havia um caco de espelho pregado a um mourão. Olhou a cara que há muito não via, a barba de vários dias, a cabeleira crescida e alastrada de fios brancos. Lavou o rosto, espichou o cabelo com pente de índio. Não podia ser apanhado em flagrante de se barbear. Paciência. A barba ficaria para depois. Mas podia botar uma camisa lavada, isto sim. Quando saiu viu na estrada Fontoura que já falava com Ramiro, o piloto Olavo e mais dois homens. O resto do grupo não aparecera ainda na curva da estrada (CALLADO, 1984, p. 272).

Nando volta para o Posto Indígena Capitão Vasconcelos e vê a sua imagem refletida num espelho de canto. A barba por fazer e a cabeleira crescida são índices que remetem à nova vida de Nando. No interior da selva, rituais como o de cortar o cabelo e fazer a barba caem em desuso e a aparência física deixa de ser um imperativo. Como sertanista, Nando trabalha no Serviço de Proteção ao Índio. Ao lado de Fontoura, ele vive numa pequena casa, localizada às margens do rio Xingu. Dos fios de cabelo branco, depreende-se o envelhecimento e, por consequência, a obtenção de experiência. Nando muito havia aprendido como padre, mas era preciso mudar: a batina, símbolo da vida religiosa, é trocada por uma camisa de algodão, signo da vida leiga.

E a finalização do episódio:

Insensivelmente, enquanto os outros se aproximavam e se chegavam ao grupo, Nando e Francisca foram andando em direção ao Posto. Menos oprimido Nando se habituava à ideia de que ali estava Francisca.

— Você não avalia como gostei de receber sua carta na Alemanha — disse Francisca.

— Eu tive tanta pena de não poder vê-la em pessoa — disse Nando. — Você deve ter sofrido muito. Agora estou custando a crer que você esteja aqui.

— Não se lembra dos meus desenhos? Mais dia, menos dia eu tinha certeza de vir ao Xingu.

— Logo que cheguei ao Xingu, imaginei possível uma visita sua. Depois imaginei você casada, voltada para outros interesses, não sei. Fiquei com a impressão de que não a veria mais.

Francisca riu, brejeira. Mesmo sem olhar Nando viu a crepitação de fagulhas em campo verde.

— Nossa despedida entre os ossos podia parecer final. Mas eu sabia que não.

— Que bom, Francisca, você não mudou nada.

— Você acha?

— Acho. Tenho certeza. De aparência eu podia ter visto você ontem. Está tal e qual. Agora vejo que de espírito também está a mesma.

— Pois você mudou — disse Francisca [...].

Tudo muda, pensou Nando, mas de tempos em tempos os homens tinham na matéria perecível de uma pessoa a prova do imutável. De século em século entra assim misteriosamente no tempo um fragmento da eternidade. Um momento para os que tiverem olhos de enxergar. O tempo iria erodindo a beleza de Francisca como dispersava afinal, grão a grão, as próprias estátuas em que os homens capturavam Francisca. Mas o recado que Francisca trouxera em si de permanência da graça teria sido dado a todos os eleitos que a haviam conhecido na hora do fulgor. Afinal de contas só uns poucos, numa breve geração, privam e provam de Deus quando ele desce entre os homens (CALLADO, 1984, p. 274-275).

No final do episódio, por meio de uma análise mental, o narrador nos expõe as percepções do protagonista: “O tempo iria erodindo a beleza de Francisca como dispersava afinal, grão a grão, as próprias estátuas em que os homens capturavam Francisca”. Note-se, neste excerto, que Nando contempla a beleza de Francisca como a de uma obra de arte<sup>49</sup>. Não por acaso, para ele, o encanto proporcionado por Francisca compara-se ao de uma estátua defronte ao apreciador. Na concepção do protagonista, portanto, assim como uma valorosa obra de arte, Francisca também pode possibilitar, ao seu admirador, a transcendência<sup>50</sup>. Veja-se, por exemplo, esta passagem: “De século em século entra assim misteriosamente no tempo um fragmento da eternidade”.

Em nossa leitura, o episódio analisado é relevante, para o percurso do protagonista, por dois motivos: a) ele demarca a existência de um novo Nando; b) ele registra a reaproximação entre Nando e Francisca. Vejamos isto mais detidamente.

Em poucos anos no Xingu, Nando desistiu de seu projeto de construir uma prelaia no interior do Brasil, porque as suas idealizações não condiziam com a realidade concreta ali encontrada. Segue-se a isto um curto período de frustração e o rompimento definitivo do protagonista com a Igreja de D. Anselmo. Ato contínuo, Nando começa a passar por um estágio de indefinição e, nesse momento, o ex-padre passa a conhecer melhor o interior de nosso país. Nesse momento, Nando entra em sua segunda fase de aprendizado, isto é, torna-se

<sup>49</sup> Além disso, percebe-se que Nando vai construindo no decorrer do romance o seu olhar moderno à medida que conhece o que se tem por tradicional.

<sup>50</sup> Para Gouveia: “O esplendor de Francisca exuma do íntimo de Nando a poeticidade e o amor por uma mulher elevada, que ele quer experimentar sexualmente” (GOUVEIA, 2006, p. 92).

sertanista. A partir de então, seu projeto de vida passa a ser proteger as nações indígenas do interior do Brasil<sup>51</sup>.

Depois de anos afastados, Nando e Francisca voltam a se encontrar. Num sentido figurado, Francisca “desce do céu” – a moça chega ao Alto Xingu de avião –, depois de um longo período vivendo na Europa, para reaproximar-se de Nando; e a sensação do protagonista, ao revê-la, é de arrebatamento. Francisca desembarca no Xingu para participar, como antropóloga, da expedição rumo ao centro geográfico do Brasil e Nando, um dos organizadores da incursão, segue com o grupo. Nessa altura da ação dramática do romance, Nando havia deixado o sacerdócio e Francisca encontrava-se viúva de Levindo<sup>52</sup>.

Em *Quarup*, Levindo é um personagem secundário quanto ao enredo e plano quanto à caracterização psicológica. Militante trotskista<sup>53</sup>, Levindo defendia que era preciso “criar dentro do brasileiro a ajuda ao Brasil” (CALLADO, 1984, p. 31). Em outros termos, para ele, antes de criarmos um país mais justo, precisávamos construir um novo brasileiro. Ainda no início do romance, Levindo afirma: “Eu não quero a miséria extinta no Senhora do Ó, do B ou do C. Quero acabar com ela toda, revoltar o mundo” (CALLADO, 1984, p. 31).

Ademais, Levindo foi noivo de Francisca. Em certa altura do romance, o narrador afirma: “O próprio Levindo, tão alegre e violento na sua pregação trotsquista, anarquista, comunista ou lá o que fosse, tratava Francisca com doce ternura e quase um certo alheamento” (CALLADO, 1984, p. 14). Levindo amava Francisca, mas, para ele, o mundo coletivo estava à frente<sup>54</sup>. Francisca, por sua vez, admirava Levindo.

Levindo morre ainda jovem, na invasão de um engenho. Em um diálogo com o protagonista, Francisca descreve o fato: “-Eu vi o corpo de Levindo, Nando, morto duas vezes

---

<sup>51</sup> Observe-se, aqui, uma constante na trajetória do herói: a substituição do apego às idealizações e abstrações pela integração realista e crítica à realidade na qual atua e que pretende transformar.

<sup>52</sup> De acordo com Édison José da Costa: “A presença no nome Levindo da forma hebraica ‘Levi’, que significa *aderir, estar ligado*, e do gerúndio português ‘vindo’, forma denotadora de um movimento de aproximação, revela-se, por sua vez, muito significativa, dado o sentido manifestado pela personagem na ação, com seu engajamento na luta do camponês pernambucano que reivindica melhores condições de vida. Levindo, que faz ‘o serviço de Deus’, ainda que o negue ou ignore, como conclui Nando, atualiza na ação ficcional o sentido de *sacerdócio*, que a forma ‘Levi’ apresenta nos textos bíblicos, e, definindo-se opositivamente em relação à atitude religiosa convencional do protagonista, compõe a figura do *sacerdote novo*” (DA COSTA, 1988, p. 16-17 – grifos do autor).

<sup>53</sup> De acordo com Bottomore: “A pedra fundamental do trotskismo foi, e continua sendo, a tese da revolução permanente, formulada originalmente por Marx, que Trotsky reformulou em 1906, aplicando-a à Rússia, e voltou a desenvolver em 1928” (BOTTOMORE, 1988, p. 617). Diferentemente de Stálin, Trotsky defendia a “revolução permanente”, isto é, a implantação do socialismo em todo o mundo.

<sup>54</sup> Levindo era favorável à construção de um mundo novo, sem desigualdade social. De certo modo, os ideais de Levindo faziam parte das utopias das esquerdas brasileiras na década de 1960.

no mesmo dia. Primeiro no pátio do Engenho da Estrela. O portão do Engenho estava fechado, a polícia cercava os cadáveres” (CALLADO, 1984, p. 332). Francisca nunca esquece o acontecimento: Levindo vive, para ela, em memória.

### 3.2 A pacificação dos suiá

Depois de alguns dias de preparativos, a expedição parte rumo ao centro geodésico do Brasil<sup>55</sup>. Anotações sobre o local, nas proximidades da Cachoeira de Von Martius, deveriam ser feitas. Logo no primeiro dia de caminhada, porém, uma aldeia suiá é avistada. Tais índios eram perigosos, porque ainda não haviam sido pacificados pelo homem branco. Vilaverde, futuro chefe do Posto Indígena Capitão Vasconcelos, coordena a aproximação. Nando e Francisca o acompanham:

Nando respirou fundo quando iniciaram a caminhada rumo ao suiá. Ia ao lado de Francisca, sem qualquer plano de morrer mas reconciliado com a ideia de morrer ao lado de Francisca, o que era bem melhor do que viver longe dela, num mundo em que sobrevivesse Lauro e não mais vivesse Francisca. Vilaverde marchava adiante, levando seu saco de panelas, espelhos, facões e machadinhas, seu próprio facão desembainhado para ampliar a trilha. Atrás de Francisca, de Nando que carregava outra sacola de presentes, vinha Ramiro gordo e grande, singrando o mato com um desdém de transatlântico. Nas cercanias do aldeamento suiá, Vilaverde deteve os demais com a mão.

— Agora vamos devagar — disse Vilaverde. — A alma do negócio é a surpresa.

Prosseguiram cautelosos, evitando bulir demasiadamente no mato, tratando de não estalar graveto no chão, Vilaverde descalço, esquivando-se aos galhos e varando moitas. Estavam em breve na beirada da coroa de mato que se debruçava sobre o

---

<sup>55</sup> Também os bandeirantes paulistas, no decorrer do século XVII, incursionaram pelo interior do Brasil. De acordo com Carlos Henrique Davidoff (1986): “Para boa parte das pessoas, o tema entradas e Bandeiras provavelmente ainda evoque a imagem dos heróis paulistas do século XVII, dos ‘construtores épicos do Brasil’, dos ‘aventureiros’ que expandiram as fronteiras e em cujo rastro se fez a ocupação do interior e dos sertões” (DAVIDOFF, 1986, p. 7). Davidoff prossegue: “Contudo, a concepção triunfal da figura do bandeirante, principalmente na historiografia paulista das três primeiras décadas do século [XX], apesar de acabar sedimentando-se como interpretação dominante e como mito vivo, não é a única existente. Encontramos uma visão crítica da figura heroica do bandeirante, a partir de uma perspectiva que recoloca em cena a violência cometida contra o indígena, em Capistrano de Abreu, considerado por Taunay como pioneiro dos estudos sobre as bandeiras e o povoamento sertanejo. Em seus *Capítulos de História Colonial*, o autor assume uma postura crítica em certo sentido radical frente às ações dos bandeirantes paulistas, mais especificamente em relação às que ocorreram na região das missões jesuíticas. Valendo-se basicamente dos relatos do padre Montoya, superior do Guairá, sobre as práticas de violência e genocídio praticadas pelos bandeirantes nas suas incursões para apresamento de indígenas, questiona o valor da expansão territorial a eles atribuída no sul. Numa passagem estratégica de seu livro, após relatar a *razzia* de Raposo Tavares em Jesus Maria, no rio Pardo, e a matança de indígenas que ocorreu neste episódio, Capistrano de Abreu se pergunta: ‘Compensará tais horrores a consideração de que por favor dos bandeirantes pertencem agora ao Brasil as terras devastadas?’ O que esta indagação coloca, de forma resumida, é que a expansão geográfica, no caso, não deveria ser considerada como um valor isolado e absoluto, desvinculando-a da reflexão sobre a presença de uma população indígena envolvida no próprio processo de expansão territorial e que sofreu verdadeiros massacres” (DAVIDOFF, 1986, p. 88-89 – grifos do autor).



terreiro nu da aldeia cheia de malocas, mulheres ralando mandioca, mulheres de filho na ilharga cruzando de uma casa para outra, curumim fazendo ponta em flecha, quatro homens saindo do mato com seus arcos, cabelos flutuantes, pires de pau no beijo, dois outros com peixes às costas, risos de duas cunhantãs numa porta. Fechava o grupo Ramiro pensativo, agachado ao pé de uma árvore. Francisca e Nando olhavam Vilaverde tenso, olhos cravados na aldeia a tomar de assalto, flecha em corda de si mesmo. E Francisca, num sussurro ao ouvido de Nando:

— Amor.

Nando estremeceu, fitou os olhos verdes ao seu lado os quais estavam fitos no vulto de Vilaverde.

— Amor, Nando — disse Francisca —, é amor.

Como um meigo felino Vilaverde se erguia agora na ponta dos pés, afastando folhas. Depois tomou o saco de presentes na mão esquerda, acenou a Nando com a direita (CALLADO, 1984, p. 296-297).

Nando, Vilaverde e Francisca estão apreensivos: a reação dos suiá, frente à aproximação dos “civilizados”, era uma incógnita. Nando está numa “situação limite” e sabe que, se nada der certo, pode morrer. Nesse momento, de maneira abrupta, Francisca se declara a Nando. Percebe-se, nesse excerto, que tanto Francisca quanto Vilaverde são animalizados pelo narrador. A partir da percepção do protagonista, a força dos olhos verdes de Francisca a aproxima de uma onça. Francisca é, assim, integrada à natureza pelo narrador e torna-se, a partir de então, parte constituinte do meio que a cerca. Fato semelhante ocorre com o andar sutil e inteligente de Vilaverde. Note-se que, não por acaso, todos os atos de Vilaverde são estrategicamente calculados.

#### O narrador retoma o episódio:

O Reino tomado pela violência, pensou Nando, o brusco saltar do gradil florido, a porta que cede, a beleza em desalinho ao seu sono arrancada. Não os pedidos, os rogos, as promessas. Nando e Vilaverde desceram correndo o barranco enquanto suiá se atropelava e berrava e corria a buscar borduna e arco e as mulheres desapareciam pela boca das malocas. Vilaverde despejou suas joias de aço no meio do terreiro com alegre estrépito. Pannels, facões, espelhos de moldura dourada, tudo tilintando e rebrilhando ao sol e em torno dos presentes os dois caraíbas que riam, braços cruzados diante dos vociferantes suiá de arcos esticados. Suiá veio se aproximando dos homens que riam e que agora apontavam os presentes que eram um fogo de prata na terra cozida de sol. Quando um suiá chegou perto, Vilaverde pausadamente se curvou, tomou de um espelho e o colocou contra a cara do índio que tão cômico ficou ao se ver duplicado naquela chapa de lua que os demais riram e abaixaram os arcos e se curvaram para os presentes, e meteram caras no espelho, momento em que Francisca e Ramiro surgiram também com mais presentes para suiá. Nando jamais compreendeu como podia o suiá que via pela primeira vez como exemplo de mulher branca a figura de Francisca não cair no chão fulminado daquele terror que infunde a beleza forte demais dos anjos (CALLADO, 1984, 297-298).

O grupo liderado por Vilaverde optara por usar a surpresa como técnica de aproximação. Nesse momento, os índios tentam assimilar o ocorrido e Nando e Vilaverde esperam. Percebe-se, nesse excerto, que Nando ainda carrega consigo alguns ensinamentos

religiosos. Ao referir-se a Francisca, o protagonista pensa: “a beleza forte demais dos anjos”. Isto acontece, em nossa leitura, por dois motivos, quais sejam: a) Nando foi educado com base no dogmatismo católico e não consegue desvencilhar-se, com rapidez, desses preceitos; b) Em todas as fases de sua trajetória, Nando demonstra possuir alguns resquícios de seu percurso precedente.

O episódio segue:

Foram saudados ao voltar por alegres gritos do Fontoura, que vinha ao encontro do grupo de garrafa de cachaça na mão, seguido de um Lauro preocupado.

— Viva os heróis! — disse o Fontoura. — Viva o Vilaverde!

— Você está celebrando o quê? — disse Vilaverde.

— A pacificação de todas as tribos, que um dia ainda governarão o Brasil, saindo da Cloaca Máxima.

— Por favor, Fontoura, não beba durante a viagem — disse Vilaverde.

— Como não hei de beber, agora que você faz o meu trabalho, e muito melhor do que eu? Vilaverde é a luz verde para os porres de Fontourinha. Icatu!

— Ele só trouxe garrafas — disse Lauro. — Duas mudinhas de roupa e garrafas de cachaça. Esta é a bagagem dele. Agora é que eu vi.

— Vamos jogar essas garrafas fora — disse Vilaverde. — Você não pode beber durante a viagem, Fontoura.

— Eu juro que só bebo em dia de pacificação — disse Fontoura. — Por esta luz que me alumia. Pela alma de minha mãe, que Deus tenha (CALLADO, 1984, p. 300).

A tribo suiá é pacificada e Nando, Francisca e Vilaverde são recebidos, pelos demais membros da expedição, com festa. A operação de aproximação foi um sucesso e, agora, os suiá não mais atacariam o homem branco. Note-se que Fontoura recebe o grupo, coordenado por Vilaverde, com certo sarcasmo. Desde o início do romance, Fontoura é favorável à mínima interferência do homem branco na vida do índio.

Fontoura, ex-chefe do Posto Indígena Capitão Vasconcelos, é um personagem secundário quanto ao enredo e plano quanto à caracterização psicológica. Fisicamente, Fontoura é descrito como magro, pequenino e com olhos ardentes (CALLADO, 1984, p. 97). Fontoura defendia a criação de um parque indígena no interior do Brasil, cercado por arame eletrificado, para isolar os índios da barbárie do homem branco (CALLADO, 1984, p. 157). Ademais, encarava a falta de sensibilidade do Estado para com a questão indígena embriagando-se de cachaça.

Sabemos que os personagens são seres ficcionais. No entanto, em *A personagem do romance*, Antonio Candido afirma que alguns personagens de um romance podem ser transpostos “com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta” (CANDIDO, 2014, p. 71). Assim, depreendemos que Antonio Callado inspirou-se nos irmãos Villas Bôas para criar o personagem Fontoura. De fato, Callado havia conhecido os irmãos Orlando e Cláudio Villas Bôas numa de suas viagens, ao Xingu, em 1951 (CALLADO, 2013, p. 209).

De volta ao episódio analisado, ele é importante, de acordo com a nossa leitura, porque registra um momento relevante na aproximação entre Nando e Francisca. Vejamos isto mais detidamente.

Nando conhece Francisca no Recife e se apaixona instantaneamente por ela. O protagonista era ainda padre e Francisca era noiva de Levindo. Nesse contexto, o amor entre os dois mostrava-se inviável. Uma viagem da moça à Europa os separa geograficamente. O reencontro acontece somente no Xingu, em meio à expedição ao Centro Geográfico do Brasil. Nando, ex-padre; Francisca, viúva. Nesse momento, os dois estavam desimpedidos e um relacionamento amoroso poderia acontecer. De fato, até o excerto aqui analisado, o amor de Nando por Francisca fora somente idealizado. Em outros termos, era um amor platônico. No entanto, a partir do episódio da pacificação dos índios suiá, o relacionamento dos dois entra num novo estágio e torna-se viável.

### 3.3 A vereda das orquídeas

Com o avanço da expedição, Nando e Francisca aproximam-se ainda mais. A declaração da moça, em meio à pacificação dos índios suiá, mexe com o protagonista. Como pontua o narrador, estamos num momento decisivo do romance:

Na vida de Nando e Francisca a zona do Jarina e da Cachoeira de Von Martius se transformou em mero divisor de águas. [...] Nando tomou a pequena ubá que vinha no barco da carga e saiu remando, ali onde o Jarina entra no Xingu. A foz, abaixo da Cachoeira de Von Martius, fica meio oculta por uma ilha. Dando a volta à ilha para melhor pensar em Francisca, Nando a viu pela primeira vez transferida para o mundo. Desde os tempos de Olinda que certas paisagens eram para Nando a própria Francisca transposta para outro meio de expressão: oitão de igreja batido de sol com cajueiro, coqueiro perto de rede de pescar estendida na areia. Às vezes Nando sentia mesmo um certo temor de perder Francisca fragmentada em demasiadas paisagens. Vinha-lhe uma avareza, uma necessidade de limitar tamanho esbanjamento de Francisca, de disciplinar sua invocação involuntária. Mas aquele dia na foz do Jarina foi diferente. Remava Nando perdido em sonho de Francisca, a capacidade de visão

tomada pela imagem muito viva daquela com quem acabava de estar, quando a viu realmente transferida para o mundo. É que por trás da ilha entrara quase insensivelmente por um furo estreito e alastrado de orquídeas dos dois lados. Mata fendida pelo fio d'água, fio d'água tornado lilás pela contemplação de tantas orquídeas. Nando remou de volta ao acampamento, encostou a ubá para chamar Francisca:

— Venha, venha comigo, Francisca.

— Aonde? Você parece que viu assombração.

— Foi quase isto. Se lembra que outro dia você se queixava de nunca ver flores na floresta?

— Lembro.

— Pois eu acho que a floresta te ouviu e meteu-se em brios.

Nando falava em tom ligeiro em parte para esconder a agitação da descoberta, para guardar a naturalidade, para que Francisca não perdesse tempo e entrasse na ubá que voltou célere ao fio de vivas águas lilases. Francisca ia silenciosa ao seu lado (CALLADO, 1984, p. 315-316).

Enquanto rema a ubá, Nando pensa em Francisca e em tudo o que ela representa em sua vida. Note-se, nesse momento, um dado curioso: pela primeira vez, desde o início do romance, Nando se refere à Francisca como “transferida para o mundo”. Vejamos o por quê.

Durante o sacerdócio, nos tempos do mosteiro nos arredores do Recife, o protagonista lembrava-se de Francisca ao ver um “oitão de igreja batido de sol com cajueiro” (CALLADO, 1984, p. 315-316) ou até mesmo um “coqueiro perto de rede de pescar estendida na areia” (ibidem). Percebe-se nessa passagem que, num passado recente, Nando relacionava a imagem de Francisca a tudo o que era bom e puro. Nessa altura do romance, portanto, Francisca era lembrada por Nando mediante abstrações, idealizações: a mulher elevada, pura, sublime.

Com o desenrolar da obra, no entanto, o herói reencontra Francisca no Xingu e, a partir de então, Nando deixa de recorrer a abstrações para compreender o que sente pela moça. Nas palavras do próprio protagonista, Francisca é, nessa ocasião, “transferida para o mundo”. Leia-se dessa passagem: Francisca é transferida para o mundo de Nando, deixa de ser uma idealização e torna-se real.

O episódio continua:

— Nando! — disse Francisca.

Ela colocara a mão no braço de Nando ao descobrir, contornada a ilha, a vereda de orquídeas que surgia ofertando-se à proa da ubá. E ali ficou sua mão à medida que a canoa prosseguia, que as orquídeas desciam pelas árvores, que o furo ia pouco a pouco se afinando. Quase de si mesma a ubá se encostou à margem direita do furo e Nando e Francisca saltaram enlaçados pela cintura. Mais para dentro da margem havia orquídeas claras, quase brancas. Nando e Francisca não falaram. Apenas se

voltaram um para o outro, braços abertos, e o breve instante em que se separaram foi para deixarem cair no chão as roupas sobre as quais se deitaram debaixo de orquídeas pálidas, separados do rio por um cortinado de orquídeas coloridas. Quando veio o prazer Francisca o fechou em lábios e pétalas quentes sem nenhuma palavra e Nando descobriu o gozo que é profundo e contínuo como mel e seiva que se elaboram no interior das plantas. Se de quando em quando separavam boca ou ventre era para melhor se verem um instante e constatarem com assombro que eram ainda duas pessoas. De novo se perdiam um no outro sem mais saber com que lábios sentiam os lábios do outro ou quem possuía e quem era possuído, ambos sem rumo que não fosse o outro pois viviam um no outro e se detestariam quando uma vez mais estivessem sozinhos depois de haverem vivido tamanha soma da vida. Entraram na água fresca do furo cheios ainda de desejo, não desejo de fome, que estavam saciados, mas desejo de moradia um no outro pois nenhuma razão reconheciam como válida para serem dois. Ainda pingavam água nus e sorridentes quando Nando constatou desapontado que seu próprio sexo não estava no ventre liso e flexível de Francisca e que nem no seu peito de homem floriam os pequenos seios dela (CALLADO, 1984, 317).

Nando e Francisca se amam apaixonadamente<sup>56</sup>. Note-se que, no excerto citado, o narrador utiliza a palavra “outro” em seis oportunidades e, em nossa leitura, essa repetição não denuncia uma falha de estilo por parte do autor. De modo sutil, ao reiterar o vocábulo “outro”, Callado parece querer nos apontar um caminho interpretativo. Façamos alguns apontamentos sobre esta questão.

Ao entrar para a expedição, Nando pretendia encontrar, no interior do país, a sua própria essência. Nesse sentido, a marcha em direção ao centro geográfico do Brasil também representa, para o protagonista, uma auto imersão em seu próprio “eu”. Nesse momento, na concepção de Nando, ao atingir o centro geográfico do Brasil, ele deveria encontrar-se.

Com o avanço da ação dramática do romance, no entanto, sabemos que Nando estava parcialmente certo. Num dos últimos dias da expedição, a poucos quilômetros do centro geográfico do Brasil, o protagonista de *Quarup* realmente encontra a sua própria essência. Esta descoberta, porém, não é proporcionada pelo centro geográfico do Brasil, mas sim por Francisca. Na vereda das orquídeas, Nando se *encontra* com e em Francisca. Por isso mesmo, depreendemos que o autoconhecimento de Nando está intimamente ligado com o “outro”.

E a finalização do episódio:

Nando teria preferido egoisticamente guardar a vereda como um segredo. Voltaram ao acampamento em silêncio, Nando principalmente procurando controlar a sucessão de imagens da nova Francisca. Antigamente lembrava-se sempre dela com o último vestido em que a vira e com os cabelos da maneira em que se arrumavam

---

<sup>56</sup> Percebe-se ademais que, no episódio da vereda das orquídeas, Nando e Francisca são como que herboricizados pelo narrador: o episódio de sexo, entre os dois, muito se assemelha ao que conhecemos sobre a reprodução vegetal. Note-se que não são os humanos que estão inseridos na natureza, mas sim a natureza que atinge o âmago dos seres humanos. Não por acaso, Nando, Francisca e a floresta tornam-se três elementos indissociáveis, fundem-se.

na véspera, mas agora era o deslumbramento de Francisca verdadeira das plantas dos pés aos cabelos revoltos ou molhados, Francisca essencial, fazendas, couros, fitas e grampos varridos sem remorso para longe do seu corpo como se ali se pousassem como nuvens ocultando o sol. Ramiro, sentado na rede esticada entre duas árvores, disse:

— *Catleia violacea*.

Francisca e Nando o olharam com espanto mas Ramiro sorriu e apontou a mão em que Francisca, distraída, carregava três orquídeas.

— Pois é — disse Francisca —, nós vínhamos mesmo avisar vocês da descoberta mais bonita que a Expedição fez até agora.

Nando, pesaroso, seguiu a única linha possível.

— Demos a volta à ilha e num furo estreito nos vimos cercados de orquídeas. Essas que Francisca trouxe são mesmo *Catleia violacea*?

— Eu sei vários nomes de orquídeas — disse Ramiro — lindíssimos. Não sei é fazê-los coincidir com as flores. *Catasetum pileatum*, *Galeandra devoniana*. Que beleza! *Catleia luteola*. Lindo!

E foram todos visitar a Vereda de Orquídeas, numa das canoas grandes (CALLADO, 1984, p. 317-318 – grifos do autor).

Após o transe erótico, Nando procura voltar à realidade. Ao retornarem ao grupo, Nando e Francisca são interpelados por Ramiro. Note-se que em nenhum momento o narrador cede expressão à personagem Francisca. Não por acaso, quase todo o episódio é construído, pelo narrador, por meio do sumário. Desse modo, tudo o que foi narrado somente dá expressão às percepções, sensações e pensamentos de Nando.

Ramiro é, em *Quarup*, um personagem secundário quanto ao enredo e plano quanto à caracterização psicológica. Chefe do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), suas características físicas são assim descritas pelo narrador: “Ramiro era gordo, pálido, bigodinho negro cuidadosamente aparado e mãos manicuradas. Vestia ternos de tropical reluzente e camisa de palha de seda e tinha sempre um ar entediado, tendendo ao triste” (CALLADO, 1984, p. 96). Dono da Farmácia Castanho, Ramiro defende, em *Quarup*, as seguintes ideias: a) o “Brasil é um grande hospital” (CALLADO, 1984, p. 125) - tese inspirada na obra *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado<sup>57</sup>; b) o Brasil começou a declinar no final do século XIX, quando deixou de ser

---

<sup>57</sup> Para Francisco Venceslau dos Santos (1999): “Ramiro ridiculariza a tese de Paulo Prado, desenvolvida em *Retrato do Brasil* - uma interpretação psicológica do país e do ‘caráter nacional’ -, onde afirma entre outras coisas que o Brasil é um caso único de vocação para a doença. A hipocondria teria origem em nossa História, um conjunto desordenado de obsessões entre elas a luxúria e a cobiça dominariam o espírito e o corpo de suas vítimas” (SANTOS, 1999, p. 161 – grifo do autor).

influenciado, intelectualmente, pela França e passou a ser influenciado, no campo dos costumes, pelo modelo proposto pelos Estados Unidos<sup>58</sup>.

De volta ao episódio analisado, é ele importante para a trajetória do protagonista, em nossa leitura, pelos seguintes motivos: a) ao encontrar a sua própria essência no interior de Francisca, Nando passa a se preocupar mais com o “outro”. Curiosamente, o episódio analisado é ambientado a poucos quilômetros do centro geográfico do Brasil. Por isso, depreendemos que Nando descobre a sua própria essência *no* coração do Brasil; b) Francisca representa para Nando, no episódio da vereda das orquídeas, a fusão do amor erótico e do amor pelo país; c) em nossa leitura, a partir deste episódio, Nando passa a ter para consigo mesmo um duplo compromisso moral, a saber: amar Francisca e lutar para melhorar a nação; d) incitada pela memória de Levindo, Francisca pretende, nessa altura da ação dramática do romance, dar prosseguimento ao projeto político do noivo morto. Em outros termos, Francisca quer revoltar o mundo na luta contra a miséria.

### 3.4 O encontro com os cren-acárore

Corria o ano de 1961 e a expedição estava a poucas horas de caminhada do centro geográfico do Brasil. Em Brasília, Jânio Quadros renuncia à presidência. No céu amazônico, um eclipse solar transforma o dia em noite e, nesse momento, flechas incendiárias são lançadas em direção ao acampamento da incursão. Eram os cren-acárore, índios conhecidos por serem bravos guerreiros. Vilaverde e Fontoura posicionam-se à frente do grupo e, um pouco atrás, Nando e Olavo, funcionário do Correio Aéreo Nacional, observam a movimentação. Francisca acompanha, ao lado de Nando, todo o episódio:

Francisca apontou o rio onde o eclipse acontecia numa bandeja de prata apenas franzida por um sopro de brisa. No céu ou no rio a escolher aquela infiltração de negro impuro em corpo azul. No rio então tinha-se a impressão de que a lua ia de repente chiar e se extinguir feito fogo que apaga. Tinha o astro preto devorado um bom bocado do azul quando num grande semicírculo de mata frente ao rio e ao acampamento subiu uma saraivada de flechas de fogo. Será que se podia dizer saraivada? Porque as flechas subiam molengas, mal passando a cabeça das árvores maiores e retombavam na floresta, sua ponta de algodão embebido em resina queimando ainda com labareda forte feito bucha de balão que pega fogo mal subido. Nando e Vilaverde foram andando cautelosos na direção do ponto de disparo das

---

<sup>58</sup> Para Francisco Venceslau dos Santos: “Em *Quarup*, Ramiro personifica a tese da superioridade da cultura francesa. [...] Para ele, a França é o único país detentor de cultura, sabedoria, patriotismo, *finesse* e *savoir-faire*. [...] No mundo existe a Europa; na Europa, a França; na França, Paris; em Paris, Montmatre. Decididamente, sem uma viagem a Paris não se completava nenhuma formação cultural digna desse nome” (SANTOS, 1999, p. 166 – grifo do autor).

flechas incendiárias que pretendiam reacender a lua. Fontoura se pôs de pé, fuzil voltado para o ar. Todos os demais se levantaram, cara de susto, enquanto o juruna Pauadê se atirava ao rio e se agarrava às plantas da barranca. Secas sarças onde haviam mergulhado flechas puseram-se a arder e quando a lua se transformara em usada roda de louça uaurá de assar beiju e quando mesmo a auréola que cercava a roda como um nimbo de Senhora negra se absorvera no negrume geral aquele fogo da terra era só o que tinha de claro no mundo e os crenacárore que então iluminou apareceram reduzidos a couro esticado nas varas do esqueleto. Nando e Vilaverde se acercaram com os facões e machadinhas da Expedição. Os cren não esboçaram um gesto de agressão. Adiantaram-se pelo acampamento adentro cambaleantes e foram aos jiraus de peixe e aos panelões de perto do fogo dos caraíbas enfiando na boca a comida e a farinha e o arroz que encontravam e outros vieram e em pouco tempo o que havia de comida tinha sumido.

— Famintos! — disse Fontoura.

— Mas não é só isto — disse Vilaverde. — Estão morrendo de alguma outra coisa também.

Outros cren-acárore chegavam, arcos arriados, e os que haviam comido se afastaram rápidos para a mata em sombra total e do acampamento se ouviam os ruídos intestinais de um concerto comum de disenteria.

— Doentes — disse Fontoura —, todos doentes (CALLADO, 1984, p. 354-355).

Note-se, em primeiro lugar, a engenhosa preparação, por parte do narrador, do clima<sup>59</sup> do episódio: um eclipse solar faz o dia transformar-se em noite (o evento a ser descrito é raro e, por isso mesmo, de suma importância), a imagem da lua surge refletida no espelho d'água do rio (a constância do rio indicia vida, sucessão) e, de maneira abrupta, uma saraivada de flechas é lançada em direção à expedição (um perigo, ainda desconhecido, está à espreita).

Na sequência, índios cren-acárore entram no acampamento do grupo. Percebe-se, nesse momento, que eles estavam magros e esqueléticos. Note-se o paradoxo: mesmo vivendo numa floresta rica em alimentos, os cren-acárore estão morrendo de fome. Além de famintos, os cren estão doentes: o sarampo havia sido transmitido, para a tribo, pelo homem branco, numa verdadeira guerra biológica<sup>60</sup>.

— Vamos caçar e pescar o que pudermos, o mais cedo possível de manhã. Arranjar comida para os cren. A esperança é que eles nos deixem partir depois. Nando, você vai com Pauadê, Olavo e Ramiro cortar varas no mato para armarmos um curral de

<sup>59</sup> Para Gancho, o clima “é o conjunto de determinantes que cercam os personagens, que poderiam ser resumidas às seguintes condições: socioeconômicas, morais, religiosas e psicológicas” (GANCHO, 2003, p. 24).

<sup>60</sup> Sobre o tema, Darcy Ribeiro afirma: “[...] Mais ainda que as espadas e os arcabuzes, as grandes armas da conquista, responsáveis principais pela depopulação do Brasil, foram as enfermidades desconhecidas dos índios com que os invasores os contaminaram. A magnitude desse fator letal pode ser avaliada pelo registro dos efeitos da primeira epidemia que atingiu a Bahia. Cerca de 40 mil índios reunidos insensatamente pelos jesuítas nas aldeias do Recôncavo, em meados do século XVI, atacados da varíola, morreram quase todos, deixando os 3 mil sobreviventes tão enfraquecidos que foi impossível reconstituir a missão. Os próprios sacerdotes operavam muitas vezes como contaminadores involuntários, como testemunham suas próprias cartas. Em algumas delas comentam o alívio que lhes trazia ao ‘mal do peito’ os bons ares da terra nova; em outras, relatam como os índios morriam feito moscas, escarrando sangue, podendo ser salvas apenas suas almas” (RIBEIRO, 1995, p. 52).



peixe. Ramiro, Francisca e Lauro botem caniço no rio. Os cren-acárore que já tinham recuado sentaram-se mais longe, mais dispersos. Alguns dos índios foram desconfiados no enalço dos brancos que tocavam para o mato com os facões. Vigiam o corte de varas. Depois acompanharam os quatro homens ao rio. Dois dos menos moribundos entraram n'água e ajudaram molemente a fincar as estacas. Segurando o anzol como se estivesse cumprindo pena Lauro foi o primeiro a levantar um peixe do rio. Ergueu-o interessado na ponta do caniço e ia desprendê-lo do anzol quando um cren por trás dele empolgou o peixe no voo e pôs-se a comê-lo ainda vivo. Lauro atirou o caniço por terra e cruzou os braços, pernas balançando na margem do rio. O segundo peixe subiu no anzol de Francisca e outro índio o arrebatou mas Vilaverde foi a ele, tirou-lhe o peixe da mão e levou ao jirau onde o peixe ia ser moqueado. Não houve protesto. Estava entendido que os brancos não partiam mais e que iam alimentá-los. Os cren-acárore deitaram-se no chão. Pareciam esqueletos emergindo de covas imemoriais para ocupar o mundo dos vivos (CALLADO, 1984, p. 359-360).

Depois de um breve colóquio liderado por Vilaverde, os membros da expedição decidem ajudar os cren-acárore a caçar e pescar. Percebe-se que, com esse gesto, o homem branco parece querer retratar-se com os cren-acárore. Em certo sentido, depreende-se que após séculos de extermínio, os “civilizados” pedem desculpa aos índios. De certa maneira, uma dívida histórica do homem branco, para com o índio, começa a ser paga.

O texto segue e parte do grupo começa os preparos para a pesca: Lauro fica encarregado de colocar o caniço no rio. Os “civilizados” pescam e os índios observam a atividade. Numa verdadeira inversão histórica, agora são os “civilizados” que prestam serviço aos índios.

Lauro é, em *Quarup*, um personagem secundário quanto ao enredo e plano quanto à caracterização psicológica. Intelectual da cidade, Lauro é assim descrito pelo narrador: “O etnólogo Lauro era um grande especialista em lendas brasileiras. Era também sociólogo e, como acrescentava, polígrafo” (CALLADO, 1984, p. 282). Constrito ao cotidiano da academia, Lauro pouco conhece a realidade do interior brasileiro. Não por acaso, o mesmo Lauro que defende a rara criatividade das narrativas folclóricas do Brasil, mostra-se, durante a expedição, favorável ao uso da violência no trato com os índios. Para Francisco Venceslau dos Santos (1999), as ideias esboçadas por Lauro em *Quarup*, acerca dos índios, muito se assemelham ao “indianismo mítico”<sup>61</sup> idealizado por Plínio Salgado na década de trinta (SANTOS, 1999, p. 235).

De volta ao episódio dos cren-acárore, diz o narrador:

---

<sup>61</sup> Alfredo Bosi (2017) atribui a Plínio Salgado a criação de um “nacionalismo abstrato, que em vez de sondar as contradições objetivas das nossas classes sociais, tais como se apresentavam às vésperas da Revolução de 1930, preferiu fanatizar-se pelos mitos do Sangue, da Força, da Terra, da Raça, da Nação, que de brasileiros nada tinham, importados como eram de uma Alemanha e de uma Itália ressentidas em face das grandes potências” (BOSI, 2017, p. 397).

Por volta das dez da manhã o curral estava cheio de peixe e Olavo tinha voltado da caça com um veado dos grandes. O veado dava para a Expedição e havia peixe com que saciar os cren-acárore. Quando os peixes foram postos a assar e moquear Fontoura e Vilaverde tiveram uma longa conversa com os moribundos. A Expedição era amiga de todos os índios, todos eles, e queria socorrer os cren-acárore que estavam muito doentes. Mas para isto a Expedição precisava continuar viagem. Tinha de fazer um campo onde pudesse pousar avião e no avião viria remédio para tratar cren-acárore e comida para matar a fome tão grande da tribo até ficarem todos sãos outra vez e pescarem outra vez para matar a fome. O chefe cren que tinha ouvido Vilaverde e Fontoura falando entre si quis saber qual dos dois era Fontoura, cujo nome conhecia.

— Pois então acreditem em mim — disse Fontoura. — Voltem à aldeia com o peixe que a gente pescou. Deixem os menos doentes aqui com os anzóis que a gente vai dar e vigiando o curral de peixe. Eu volto. Palavra de Fontoura. Ou volta Vilaverde, amigo grande dos índios.

— A gente vai com Expedição — disse chefe cren. — Expedição pode seguir mas a gente segue também (CALLADO, 1984, p. 361).

Fontoura e Vilaverde explicam ao chefe dos cren-acárore que, por hora, não tinham mais como ajudar e, sendo assim, a expedição precisava partir. Percebe-se, nesse momento, que os índios decidem seguir os “civilizados” porque, no entendimento do líder cren-acárore, o homem branco era responsável pela aflição da tribo. De fato, sabemos no decorrer do episódio que a terra dos cren fora roubada por seringueiros locais. A marcha segue e, nesse estágio da narrativa romanesca, brancos e índios caminham juntos rumo ao centro geográfico do Brasil. Os “civilizados” posicionam-se à frente, abrindo o caminho, e os cren-acárore, trêpegos, tentam acompanhá-los. Pela primeira vez, conquistadores e conquistados postam-se lado a lado e, a rigor, projetam um mesmo objetivo, a saber, atingir, o quanto antes, o coração do país.

#### E a finalização do episódio:

Nando olhava Francisca que ia e vinha entre as barbudas sombras dos caraíbas ou entre os índios esqueléticos e evocava imagens de santas levadas em procissão pelos pestilentos de outras eras. Como podiam outras pessoas transformar impulsos como aquele que o arrastava para Francisca em alguma outra coisa que não fosse o próprio impulso? Fontoura tremendo de febre, magro como um cren, os cren se restituindo à terra pelos intestinos, o Centro que recuava, o céu ermo. Mas dentro dele só e só aquele ímã que o resumia e no qual se concentrava para atrair Francisca a si, para dissolver Levindo e lembranças anteriores à Vereda, todo ele uma função de assimilar Francisca, feito para só isto, paciência, paciência, a cada um sua missão. Seu grande poema, paciência, começara no casto paraíso e acabava naquele inferno aceito, paciência, inferno como o outro, principalmente para os outros, só ele com os dias ainda não inteirados e aquela luz no peito. [...] Quando caía a noite, zonzos de cansaço, olhos doendo de procurar avião, o grupo se detinha à beira do rio e se esforçava por pescar, aquele grupo onde só Francisca ainda transcendia e simbolizava alguma coisa. Os demais, pensava Nando, eram um bolo que já havia adquirido até homogeneidade racial. Os caraíbas emagreciam a poder de alimentar os cren que emagreciam de diarreia, todos crescendo em ossos e minguando em carnes. À medida que descarnavam, ressecavam, empalideciam, os índios se tornavam menos mongóis, mais brasileiros, um grupo de paraíbas, de ceará, de

jecas mineiros só que nus em pelo. A fome não era mais uma ânsia e sim um atributo coletivo. Os índios andavam atrás dos brancos e os brancos só andavam porque sabiam que se parassem iam virar índios (CALLADO, 1984, p. 365-366).

“À medida que descarnavam, ressecavam, empalideciam, os índios se tornavam menos mongóis, mais brasileiros, um grupo de paraíbas, de cearás, de jecas mineiros só que nus em pelo”. Note-se, nessa passagem, que os cren-acárore deixam de serem índios para tornarem-se, somente, brasileiros. Ocorre, nesse momento, a fusão do “civilizado” e do índio e o elemento catalizador dessa mutação é o flagelo da fome. Partindo dessa concepção, entendemos que a miséria é, para a população brasileira carente, um elemento nivelador, de modo que todos os pobres do Brasil, dos índios aos camponeses, sofrem equitativamente com a falta de sensibilidade social e de políticas efetivas do Estado.

“A fome não era mais uma ânsia e sim um atributo coletivo. Os índios andavam atrás dos brancos e os brancos só andavam porque sabiam que se parassem iam virar índios”. O “civilizado” não interrompe a sua marcha, porque teme ocupar o lugar do colonizado: a hierarquia deve ser mantida, pensam os caraíbas, ao menos na aparência. A história do Brasil é subvertida e o índio, descarnado e moribundo, ressuscita para assombrar o colonizador. Numa verdadeira procissão macabra, os menos favorecidos exigem, dos “civilizados”, uma revanche histórica.

Note-se ademais que, no trecho acima descrito, o narrador posiciona-se, com relação ao herói, numa perspectiva privilegiada: é o que Pouillon chama de visão “por detrás”:

De um modo geral, num romance “com”, o centro a partir do qual se irradia a visão constitui um foco que faz parte do próprio romance; é na obra que encontramos a fonte de luz que a ilumina. No caso presente, pelo contrário, esta fonte não se acha no romance e sim no romancista, na medida em que este dá prosseguimento à sua obra sem coincidir com um de seus personagens. Ele lhe dá prosseguimento mantendo-se “por detrás” dela; não se encontra “dentro” do mundo por ela descrito mas sim “por detrás” dele, ou como um demiurgo ou como um espectador privilegiado que conhece o lado inferior das cartas (POUILLON, 1974, p. 62).

Numa nítida “situação limite”, Nando é colocado, pelo narrador, defronte ao leitor virtual. Como um Deus todo poderoso, o narrador aproveita-se da situação para “psicanalisar” o herói e, nesse sentido, todos os sentimentos momentâneos de Nando nos são expostos (POUILLON, 1974, p. 66). Descobrimos, assim, que o protagonista está visivelmente frustrado: como Fontoura, Nando pouco consegue fazer acerca da questão indígena. Os problemas reais mostram-se, para o protagonista, mais complexos do que o imaginado, quais sejam: os índios sofrem com a indiferença do Estado, com o roubo de terras e com as doenças

transmitidas pelos brancos. Diante deste cenário, as ações de Nando como sertanista tornam-se tímidas e a sensação de impotência do herói nos é transmitida pelo narrador.

De fato, em nossa leitura, desde o princípio da expedição rumo ao centro geográfico do Brasil, o narrador mostra-se cético quanto aos intentos de Nando como sertanista. No entanto, é somente no episódio dos cren-acárore que Nando começa a desprender-se de suas antigas idealizações. Percebe-se, além disso, que a trajetória de Nando é sempre errática. Com efeito, no decorrer de todo o romance, o herói não possui um planejamento de longo prazo e, por isso mesmo, seus projetos são gestados com base nos acontecimentos recentes. À expectativa, segue-se um episódio traumático que delimita o fim de uma fase de aprendizado. À frustração, segue-se a elaboração de um novo projeto de ação e volta-se, assim, ao início do ciclo.

De volta ao episódio dos cren-acárore, ele é importante, em nossa leitura, porque demarca os últimos momentos de Nando numa importante fase de sua trajetória. Com efeito, ao seguir para o centro geográfico<sup>62</sup>, o protagonista pretendia proteger as nações indígenas do interior do Brasil. Porém, a partir do episódio dos cren-acárore, seu projeto de sertanista entra em declínio. Ademais, o episódio dos cren-acárore também indicia, para o percurso do herói, uma pequena mudança de rota. Note-se que, pela primeira vez, por meio da memória, Nando liga a situação dos índios do planalto central brasileiro à vulnerabilidade dos camponeses da zona da mata pernambucana. Diante dessa constatação, num futuro próximo, o protagonista irá perceber que a miséria deve ser combatida em todo o país. Em outros termos: os mais desamparados devem ser protegidos no Brasil inteiro, e não somente no Xingu.

De acordo com Édison José da Costa:

A revelação em ‘A orquídea’, de que os índios cren-acárores moribundos – ressecados, descarnados e empalidecidos – parecem ‘menos mongóis, mais brasileiros, um grupo de paraíbas, de cearás, de jecas mineiros só que nus em pelo’,

---

<sup>62</sup> Na sequência do romance, o grupo de Nando chega ao centro geográfico do Brasil: “Vilaverde que fincava com Pauadê o padrão numa espécie de grande depressão do terreno bem no ponto em que se encontravam as coordenadas do Centro deu um urro e saiu sapateando pelo terreno. Pauadê que o olhou com espanto a princípio, começou a fazer o mesmo. — O que é que houve? — riu Nando. — É a dança da posse? — Formiga — gemeu Vilaverde. — Isto é o maior panelão de saúva do Brasil” (CALLADO, 1984, p. 373). Note-se, em primeiro lugar, a dicotomia existente entre as idealizações dos membros da expedição, acerca do centro geográfico do Brasil, e a realidade concreta, mais complexa do que o imaginado. Nando, por exemplo, pretendia encontrar no centro geográfico do Brasil a verdadeira essência do país. O que ele encontra, porém, é “o maior panelão de saúva do Brasil” (CALLADO, 1984, p. 373). Ademais, percebe-se que para redigir essa passagem do romance Antonio Callado inspirou-se na frase do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), qual seja: “Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”. Com efeito, na história da literatura brasileira, essa oração também foi utilizada, com algumas modificações, por Lima Barreto e Mário de Andrade, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Macunaíma* (1928), respectivamente.

prepara a volta de Nando para o espaço do Nordeste. Lá está o ‘trabalho de dedicação total, de amor’, capaz de preencher sua vida. A identificação do índio com o trabalhador aproxima Nando de Levindo, da mesma forma que a terra do Centro Geográfico é levada até o Sindicato de Palmares. Trânsito feito, em cada caso, através de Francisca, dedicação e amor. A viagem até o Centro Geográfico do Brasil resulta para Nando nesse roteiro de volta ao Nordeste, descoberta Francisca e descoberto o homem oprimido, amor e luta (DA COSTA, 1988, p. 114- 115).

### 3.5 Conclusão parcial

Uma expedição é organizada rumo ao centro geográfico do Brasil. No Xingu, em meio aos preparativos para a incursão, Nando reencontra Francisca. O espaço da floresta torna o homem pequeno diante do mundo que o cerca e, por isso mesmo, favorece o autoconhecimento. É a segunda fase de aprendizagem do herói: Nando é sertanista e idealiza proteger as nações indígenas do interior do Brasil. Não por acaso, nessa altura da narrativa romanesca, Fontoura é, para Nando, um modelo a seguir. Logo nas primeiras horas de caminhada, uma aldeia suiá é avistada e Nando, Vilaverde e Francisca participam da pacificação da tribo.

A expedição segue e dias depois Nando encontra, na mata, um espaço idílico e quer compartilhá-lo com Francisca. Na vereda das orquídeas, a poucos quilômetros do centro geodésico do Brasil, Nando e Francisca se amam pela primeira vez. Próximo ao coração do Brasil, Nando encontra, em Francisca, a sua verdadeira essência. Destaque para a fusão, traçada pelo narrador, entre o amor erótico e o amor pelo país. Em nossa leitura, a partir do episódio da vereda das orquídeas, Nando passa a ter, para consigo mesmo, uma dupla responsabilidade moral, a saber: ele precisa manter vivo o seu amor por Francisca e, de modo concomitante, lutar por um Brasil melhor.

A marcha continua e, de modo abrupto, índios cren-acárore são encontrados. Famintos e doentes, os cren-acárore clamam por ajuda e, defronte ao sofrimento deles, Nando começa a compreender a complexidade da questão indígena. Desassistidos pelo Estado, os cren-acárore são roubados pelo homem branco e, com base nessa perspectiva, as ações de Nando e Fontoura tornam-se ineficazes. Note-se a partir de então que, com o avanço da expedição, Nando distancia-se, progressivamente, de seu projeto de sertanista. Nesse momento, antigas idealizações são desfeitas e o protagonista começa a repensar a sua trajetória.

Percebe-se que, com o decorrer da expedição, ao distanciar-se de Fontoura, Nando aproxima-se, timidamente, do projeto proposto por Francisca para honrar a memória de

Levindo, qual seja: combater a miséria em todo o mundo. Nesse sentido, depreendemos que a expedição rumo ao centro geográfico do Brasil serve, tanto para Nando quanto para Francisca, como preparação. Na parte posterior do romance, Nando e Francisca retornam a Pernambuco. Francisca, com o objetivo de implantar na terra o “Mundo de Levindo”; Nando com o objetivo de dar continuidade ao seu relacionamento com Francisca, mas sem perder de vista a causa social.

Desse modo, em sua segunda fase de aprendizagem, Nando rompe com o tradicionalismo conservador e passa a adaptar-se à modernidade. Diante ao descaso do Estado brasileiro para com os índios, representado no romance pela decrepitude dos cren-acárore, Nando encontra em Francisca a sua verdadeira essência. Em nossa leitura, Francisca representa, nessa altura do texto romanesco, os ideais modernos. Não por acaso, após o episódio da vereda das orquídeas, Nando passa a reconhecer o outro e, por consequência, um novo projeto é por ele gestado, a saber, combater a miséria em todo o mundo.

## CAPÍTULO 4 – O percurso de Nando como educador

### 4.1 A alfabetização do trabalhador rural

Depois de terminada a expedição, Nando e Francisca decidem voltar para Pernambuco. A ação dramática situa-se, historicamente, durante o breve governo presidencialista de João Goulart (1963-1964)<sup>63</sup>. O espaço é o de uma escola, na zona rural do Recife:

Só muito mais tarde é que Nando localizou no dia da lição do cla, cle, cli o princípio da diluição da noz de egoísmo que no seu peito era a pequena mas portentosa usina de atrair Francisca. No momento foi assim feito uma vertigem. A salinha escura. O projetor jorrando luz na parede caiada, na mão de Francisca que mudava um slide, no cabelo de Francisca. A luz do projetor de volta da parede acendendo a cara dos camponeses. Repetindo por fora o trabalho de escultura que a palavra fazia por dentro.

— Cla — disse o camponês.

— Classe clamor — disse Francisca.

— Cle. — Clemência

— Cli. — Clima [...].

Mesmo agora, já habituado a assistir e a ensinar ele próprio, Nando sentia os olhos cheios d'água, quando diante de um camponês uma coisa ou uma ação virava palavra. A criança tantas vezes vai fazer a coisa a comando da palavra. Para aqueles camponeses tudo já existia menos a palavra (CALLADO, 1984, p. 381-382).

---

<sup>63</sup> Podemos dividir o governo de João Goulart (1961-1964) em dois momentos distintos: período parlamentar (Goulart, por pressão das Forças Armadas, teve o seu poder diminuído) e administração presidencialista (em 1963, por meio de um plebiscito, o presidencialismo é restaurado no Brasil).

Francisca trabalha com a alfabetização de adultos e Nando a acompanha: ambos são voluntários do Movimento de Cultura Popular (MCP)<sup>64</sup>. Extasiados, os camponeses atentavam para a lição. Inspirada pela memória do noivo morto, Francisca pretende transformar a realidade concreta. Para ela, somente assim o luto seria cumprido. Dentro da sala de aula, Nando presencia o aprendizado dos camponeses: a cada momento, novas descobertas são feitas. As percepções do protagonista nos são apresentadas pelo narrador: defronte à sala de aula repleta de camponeses, o egoísmo de Nando começa a arrefecer.

Francisca utiliza, neste episódio, o método Paulo Freire<sup>65</sup> de alfabetização de adultos, que parte do cotidiano dos camponeses para educá-los e, por isso mesmo, explora o caráter social das palavras. A base do método Paulo Freire é o diálogo: note-se que Francisca conversa com os camponeses e procura conscientizá-los. Percebe-se, nesse momento, que Francisca não monopoliza o saber: a educação é feita em conjunto, intercambiando saberes.

Para Freire: “Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 2016, p. 135 – grifo do autor).

Não por acaso, o papel do educador, no método Paulo Freire, é o de conduzir o aluno ao saber. Exige-se do docente, assim, amor pela profissão e respeito para com os seus educandos:

— De — disse um camponês.

— Cla — disseram todos.

— Ra — disse um camponês.

— DECLARAÇÃO! — disse outro.

<sup>64</sup> De acordo com Letícia Rameh Barbosa: “O MCP foi um movimento social instituído, no início da década de 1960, por um grupo de intelectuais que pensou junto com o povo e elaborou as ideias filosóficas a partir da arte, fundamentando-se nas raízes da cultura popular. Ele trouxe mudanças significativas nas condições de vida da população pernambucana e transformações relevantes na cultura popular, visto que aqueles intelectuais buscavam construir uma política cultural que possibilitasse, por meio da educação, melhor qualidade de vida. Como enfatizou a educação popular no Brasil, podemos considerá-lo um movimento social de ampliação da educação, o qual lutava pela transformação estrutural da sociedade, ao mesmo tempo em que funcionava como instrumento de mudança social, embora por si só não pudesse transformar a sociedade” (BARBOSA, 2009, p. 64).

<sup>65</sup> De acordo com Carlos Rodrigues Brandão: “Um dos pressupostos do método é a ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá pra pensar sem susto -, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a autoeducação é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. ‘Não há educadores puros’, pesou Paulo Freire. ‘Nem educandos’. De um lado e do outro do trabalho em que se ensina e aprende, há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende” (BRANDÃO, 2013, p. 23).



Como se visse entrar num alçapão um pássaro palpitante, pensou Nando. E lembrou os possantes dentes alvos e quadrados do padre Gonçalo quando riu da emoção de Nando ao assistir a primeira aula. “É o porre do Verbo, seu Nando!”

— Reclamar vocês todos sabem o que é — disse Francisca.

Os camponeses riram.

— Só que precisam reclamar cada vez mais. Reclamar tudo a que vocês têm direito. Direito também vocês sabem o que é. Direito que todo homem tem de comer, de ganhar dinheiro pelo trabalho que faz, de votar em quem quiser em dia de eleição (CALLADO, 1984, p. 382).

O episódio continua e as imagens do projetor são materializadas, pelos camponeses, em palavras. Ao lado de Nando, Padre Gonçalo acompanha a aula e vibra com o aprendizado dos camponeses.

Em *Quarup*, Padre Gonçalo é um personagem plano, isto é, pouco complexo. Não por acaso, durante o transcurso do romance, o narrador raramente preocupa-se em caracterizá-lo física ou psicologicamente. A única exceção é quando o narrador afirma que Gonçalo possuía um “rosto forte de caboclo” (CALLADO, 1984, p. 418). Seguindo a mesma linha de raciocínio, podemos classificá-lo como um personagem secundário quanto ao enredo, porque influi na trajetória do herói, mas não é determinante. Nessa altura da ação dramática, padre Gonçalo trabalha em duas frentes, a saber, atrai camponeses para a sindicalização e auxilia o MCP na alfabetização dos mesmos. Em suma, Gonçalo é um padre que se sensibiliza com a situação dos mais necessitados e, por isso mesmo, entendemos que ele representa, para o todo da obra, a emergência de um novo catolicismo, isto é, a Teologia da Libertação.

De volta ao episódio analisado, para Édison José da Costa (1988): “O trabalho de alfabetização do trabalhador rural pernambucano pretende não apenas habilitar o camponês para as atividades de leitura e escrita, mas desenvolver-lhe, também, a capacidade de **ler** a própria realidade” (DA COSTA, 1988, p. 123 – grifo do autor).

De fato, nesse estágio da ação dramática do romance, Nando está diante de uma experiência social pioneira no Brasil: a educação concebida como forma de libertação e desalienação, como promotora de consciência crítica e atuação política transformadora<sup>66</sup>. Entendimento, este, proveniente do iluminismo francês, segundo o qual, somente a educação

<sup>66</sup> Sobre o tema, Gullar afirma: “Talvez não seja justo extrair um sentido definido e direto do romance de Callado, mas me parece possível afirmar que ele descreve um processo de desalienação de um homem, que termina por se transformar em povo, que pode agora ser qualquer um. Pode-se discutir se o único caminho de reintegração do intelectual brasileiro é o seguido finalmente pelo padre Nando e mesmo se a melhor maneira de lutar contra a opressão é essa a que ele adere. Mas este é o aspecto episódico da questão: o fundamental é a afirmação, implícita no romance, de que é preciso ‘deseducar-se’, livrar-se das concepções idealistas, alheias à realidade nacional, para poder encontrar-se” (GULLAR, 1967, p. 256).

leiga seria capaz de desenvolver, no indivíduo, o espírito crítico. Note-se, no excerto acima citado, que assim como Padre Gonçalo, Nando também acredita no poder transformador da educação. Alfabetizar os camponeses significava, no Brasil dos anos sessenta, incluí-los no processo político<sup>67</sup>: passo importante para a reforma democrática da sociedade.

O episódio termina com uma breve análise mental:

E se agora aqueles homens entrassem em si mesmos, pensou Nando, e vissem essas palavras na manjedoura? É verdade que em massa não seria possível e em meio a classes enormes. Mas um pequeno grupo que se eterizasse à medida que ia aprendendo e que ao mesmo tempo captasse as águas do saber e as águas da vida? Teriam sem dúvida de si mesmos uma inebriante consciência total (CALLADO, 1984, p. 384).

Percebe-se que, nesse excerto, Nando sacraliza o processo pedagógico de alfabetização. Não por acaso, as palavras estão para ele numa manjedoura, local bíblico que nos remete ao nascimento do menino Jesus. Além disso, o protagonista acredita que por meio da educação, os camponeses conseguirão atingir uma “inebriante consciência total”. Leia-se dessa passagem: após serem alfabetizados os camponeses passarão a ter, para Nando, um entendimento integral do mundo.

Note-se que, em suas afirmações, Nando idealiza de modo excessivo o poder transformador da educação. Esperançoso com o seu novo projeto, o protagonista projeta mais uma utopia. Em nossa leitura, esse é um traço recorrente em *Quarup*: no início de cada ciclo de vida, Nando sempre idealiza projetos que não se confirmarão na realidade concreta, sempre mais complexa e difícil do que parece.

De volta ao episódio da alfabetização dos camponeses, ele é relevante, em nossa leitura, porque delimita o início da terceira fase de aprendizagem do protagonista, qual seja: Nando é educador e pretende alfabetizar os camponeses da zona da mata pernambucana para, num futuro próximo, incluí-los no processo eleitoral. Nesse estágio do texto romanesco, Nando torna-se educador com o intuito de manter-se próximo de Francisca. A moça, porém, o rejeita para dedicar-se ao trabalho social. A partir do episódio da alfabetização do trabalhador rural, portanto, o relacionamento entre Nando e Francisca entra num período de indefinição.

## 4.2 O líder Januário

---

<sup>67</sup> Sobre a constituição de 1946, Boris Fausto afirma: “No capítulo referente à cidadania, o direito e a obrigação de votar foram conferidos aos brasileiros *alfabetizados*, maiores de dezoito anos, de ambos os sexos” (FAUSTO, 2010, p. 400 – grifo nosso).

Depois de um dia de aula, Nando, Francisca e Januário encontram-se. Nessa altura do romance, dois espaços são fundamentais: o Engenho Nossa Senhora Auxiliadora e a casa de praia, propriedade do protagonista. No Auxiliadora, Nando entra em contato com os problemas do campo; na casa de praia, Nando recebe os camponeses, se encontra com Francisca e repousa. O episódio a seguir se passa na casa de Nando, localizada na praia de Boa Viagem, no Recife:

— Lugares ou não lugares — disse Januário — eu vou sapecar vinte mil camponeses na rua, em solidariedade aos do Engenho Auxiliadora. Aquele safado do coronel Barreto devia ser sangrado como um porco e enforcado em seguida

— Os camponeses continuam firmes? — disse Nando.

— Firmes, famintos, irredutíveis. Não arredam pé enquanto não receberem todos os salários atrasados e a indenização. O Barreto diz que prefere que o engenho dele nunca mais produza nada a obedecer à lei. E sabem que estourou por lá a varíola?

— Varíola? — disse Francisca. — Mas então é preciso isolar os doentes.

— Os pais das crianças doentes dizem que não se separam dos filhos e o resto do pessoal não avalia o que seja varíola. Ninguém quer arredar pé. O Auxiliadora é capaz de incendiar o estado inteiro.

— Mas não se falou que o vizinho do coronel Barreto queria comprar o Engenho para aumentar o dele e botar tudo em funcionamento conjunto? — disse Nando.

— Conversa — disse Januário. — O Barreto pede um preço absurdo, de propósito, e há todo esse passivo de salários a pagar. Quem é que adquire uma propriedade dessas? Eu vou botar os camponeses na rua. O governador não age, ajo eu (CALLADO, 1984, 387-388).

Preocupado com a situação dos camponeses do Engenho Auxiliadora, e descontente com a morosidade do governo, Januário pretende organizar um protesto. Desde o início, notamos que o episódio se desenrola num ambiente onde impera o tradicionalismo. Em nossa leitura, são indícios desse tradicionalismo: a miséria dos camponeses (desde o Brasil Colonial, o trabalhador rural sofre com a má distribuição fundiária), o egoísmo do coronel Barreto (que prefere perder a sua propriedade a obedecer à lei) e a doença que assola os trabalhadores (desassistidos pelo Estado, os camponeses não estão vacinados).

Januário é, em *Quarup*, um personagem plano quanto à caracterização psicológica e secundário quanto ao enredo. O narrador do romance, assim o caracteriza: “Seu rosto pequeno mas de traços bem acentuados parecia cortado em pedra. Amassada pelo chapéu, até a cabeleira de Januário, em geral esvoaçante, achatara-se contra a cabeça em cachos metálicos, feito um capacete” (CALLADO, 1984, p. 41). No início de *Quarup*, Januário é um

advogado<sup>68</sup> que atua junto aos camponeses por melhorias no âmbito rural: a abertura de sindicatos devidamente legalizados. Após a morte de Levindo, no entanto, Januário abandona os meios diplomáticos e passa a admitir, como forma de ação, a violência: a reforma democrática é substituída pela revolução. Nesse momento, ele torna-se um dos idealizadores, em Pernambuco, das Ligas Camponesas<sup>69</sup>. Por isso, Januário representa, em vida, os ideais de Levindo morto.

De volta ao episódio analisado, o diálogo entre Nando, Januário e Francisca prossegue:

— O governador agiu logo — disse Nando. — Só espera a resolução da Justiça. E a Justiça hoje em dia funciona.

— Sim, mas ainda demora muito. Ah, se o Auxiliadora fosse mais perto do Engenho do Meio! — disse Januário. — Nem os próprios camponeses do Meio querem mais que o Engenho seja desapropriado. Já entenderam que ganhariam seus pedacinhos de terra mas que iam encher as burras do dono com dinheiro do Estado. Vergonha pagar vinte milhões por aqueles hectares de pedra. Os foreiros dos dois engenhos vizinhos vivem no telheiro do Engenho do Meio, discutindo preço de coisas e reforma agrária.

— Os telheiros que Leslie tanto ajudou a criar — disse Francisca (CALLADO, 1984, p. 387-388).

A desapropriação do Engenho Auxiliadora está sendo avaliada pela justiça. Ansioso, Januário quer incitar os camponeses à revolta: ele não quer aguardar a resolução do Estado referente à expropriação do engenho, por isso o seu desapontamento com o governador. Por outro lado, Nando defende o governador frente às investidas de Januário. O governador a que os personagens se referem nesse excerto é, em nossa leitura, Miguel Arraes (1916-2005): advogado e político, filiado ao Partido Social Trabalhista, que administrou o estado de

---

<sup>68</sup> Em nossa leitura, o personagem Januário fora inspirado no advogado, e deputado estadual, Francisco Julião. Em *Tempos de Arraes*, Callado afirma: “Entre a brilhante equipe da educação pela agitação que Pernambuco formou entre seus esquerdistas, seus padres (os esquerdistas) e os comunistas confessos, Julião tem um lugar de honra. Fundou, a 1º de janeiro de 1955, sua Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, e quando seus adversários, para dizerem que a Sociedade tinha caráter subversivo (e tinha mesmo), chamaram-na de liga camponesa, Julião viu logo que o nome era bom e adotou-o. Quando o conheci em 1955 e estudei mais pormenorizadamente seu belo trabalho nos campos então ainda escravos de Pernambuco, Julião parecia fadado, apesar de seu despreparo teórico, a uma ampla liderança do meio rural brasileiro” (CALLADO, 2005, p. 56).

<sup>69</sup> De acordo com Francisco Julião: “Embora date de janeiro de 1955 e tenha se originado em Pernambuco, em um engenho de fogo morto, o Engenho Galileia, no município de Vitória de Santo Antão, a 60 quilômetros do Recife, que se vence em 40 minutos por uma excelente estrada pavimentada entre canaviais, costumamos dizer que a Liga veio de longe, de muitos anos antes, e até séculos. O latifúndio forma, no Nordeste, como por toda parte, uma pântano. Nesse pântano nasce uma flor, grande e bela, como a vitória-régia da Amazônia: A LIGA. Desenvolve-se rapidamente. É a chama na palha seca, chama que se alastra, sobretudo depois que começou a soprar o vento forte que vem de Cuba” (JULIÃO, 2013, p. 125).

Pernambuco entre 1963 e 1964<sup>70</sup>. Durante a sua gestão, Arraes voltou-se para o trabalhador rural, a saber: assegurou o recebimento do salário mínimo (anteriormente, muitos senhores de engenho pagavam o camponês com base em sua produtividade) e do décimo terceiro (antes de Arraes, poucos latifundiários pagavam o décimo terceiro salário ao trabalhador); instituiu a jornada diária de oito horas de trabalho (como recebiam por rendimento, muitos camponeses trabalhavam mais de doze horas por dia) e o fim do cambão (a tabela de remunerações listava o valor a ser pago para cada camponês, em diferentes funções)<sup>71</sup>.

O episódio continua:

— Isto só vai na marra, Nando — disse Januário. — Não tem outro jeito não.

— Pois eu começo a achar que vamos realizar uma espécie de obra-prima da revolução, graças à nossa cordura, Januário.

— Cordura nada — disse Januário. — Moleza.

— Confesso que esta sua mania do sangue pelo sangue só porque tem corrido sangue no resto do mundo acho besteira. — Então — disse Januário — vai contar aos latifundiários que eles têm que dar o pira de suas terras para os camponeses trabalharem terra própria, vai dizer aos usineiros que têm que pagar o décimo terceiro salário, vai anunciar aí nas engenhocas que senhor de engenho que falar em cambão é trancado na cadeia. Depois me conta se eles bateram palmas e puseram o Brasil a progredir aos beijos e abraços.

— Também não é assim! — disse Nando. — Parta do princípio que estes senhores e senhoritos todos do Nordeste viviam acima da lei. Agora, não. E se aceitarem a lei, eles...

— Tá — disse Januário —, tá. Depois você me conta o que é que aconteceu. Vocês vêm me ajudar domingo na Marcha? — Estaremos presentes — disse Nando. — Mas fica na solidariedade aos camponeses. Não transforma a Marcha num ataque ao governador (CALLADO, 1984, 387-388).

Percebe-se que, enquanto Nando quer transformar o país por meio de reformas democráticas, Januário quer substituir as estruturas econômico-sociais do mesmo por meio de uma revolução. Vejamos isto mais detidamente.

<sup>70</sup> Durante a sua carreira política, Arraes foi governador do Estado de Pernambuco em duas oportunidades: entre 1963 e 1964 (seu mandato é encurtado pelo golpe civil-militar) e entre 1995 e 1999 (durante a Nova República, pós-ditadura).

<sup>71</sup> Em *Tempos de Arraes*, Callado afirma: “O governo de Miguel Arraes em Pernambuco é o mais democrático da Federação porque corre todos os riscos inerentes à democracia. [...] Arraes não está apenas preocupado com a Zona da Mata, a zona da cana, onde ferve intensamente a revolução pacífica que elimina o intermediário senhor de engenho entre os camponeses e a usina. Arraes, há um mês, estava no pacato alto sertão pernambucano, discutindo com os governos municipais a aplicação de 1,5 bilhão de cruzeiros em obras destinadas a robustecer a estrutura econômica daquela região seca, de população rarefeita. Homem do sertão, cearense da fronteira de Pernambuco, Arraes pensa tanto nos problemas daquela zona quanto nos problemas mais urgentes e espetaculares da região litorânea. E toca a democracia para a frente, aceitando a colaboração de quem possa prestá-la em termo eficazes. Privado de função política e repressiva, que é das Forças Armadas nos demais estados, o IV Exército vive em férias, passando graxa nos carros de assalto para não enferrujarem. Chega-se assim ao paradoxo de que é num estado pequeno e pouco desenvolvido que mais brilha a democracia no Brasil” (CALLADO, 2005, p. 87-88).

Adepto do reformismo progressista, Nando pretende modificar a sociedade brasileira por meio de políticas públicas inclusivas, levadas a cabo por governos verdadeiramente democráticos (CORBISIER, 1968, p. 98). Nessa altura da ação dramática do romance, Nando defende a transformação da sociedade por meio da educação – luta travada, obrigatoriamente, no campo legal. Não por acaso, na passagem acima, o protagonista rechaça a violência como forma de ativismo social. No contexto brasileiro dos anos sessenta, Roland Corbisier (1968) liga o reformismo progressista à classe média das cidades.

De acordo com Corbisier:

Se as classes dominantes são, normalmente, conservadoras, as classes médias deveriam ser reformistas se não fossem, geralmente, alienadas. Com um status econômico análogo ao das classes operárias, pois não participa da propriedade dos meios de produção, e vive de salários, a classe média constitui uma classe essencialmente ambígua, sociologicamente impura, porque sua equação existencial envolve um permanente compromisso entre um status econômico de classe trabalhadora, e um status social de classe burguesa. A classe média ‘convive’ com a classe dominante e é por ela contaminada, assimilando e procurando reproduzir seu comportamento social, embora seja limitada, nesse propósito, pela sua própria condição de classe assalariada. Compreende-se, assim, que a frustração e o ressentimento, sejam os principais ingredientes psicológicos da classe média que, tendo acesso à classe dominante e conhecendo o bem-estar de que desfruta, não pode evitar o confronto, entre a relativa pobreza, a modéstia de sua vida, e a opulência da classe rica, torne mais aguda e amarga a consciência de suas limitações que não consegue vencer. É essa ambiguidade existencial da classe média que explica a sua alienação ideológica, pois, não participando da apropriação privada dos meios de produção, mas gravitando em torno dos valores da classe dominante, faz, gratuitamente, o jogo dessa classe, cujos interesses, no entanto não coincidem com os seus (CORBISIER, 1968, p. 95 – grifo do autor).

Januário, por sua vez, é partidário da filosofia revolucionária, segundo a qual: é necessário modificar não somente a sociedade brasileira, como também as estruturas sociais do país (CORBISIER, 1968, p.135). Não por acaso, no excerto analisado, Januário defende a violência como forma de atuação política. Para Corbisier, a revolução é, na maioria das vezes, idealizada pela classe trabalhadora<sup>72</sup>. Diz ele: “Assim como a classe dominante é espontânea ou inconscientemente conservadora, assim também a classe trabalhadora é naturalmente revolucionária” (CORBISIER, 1968, p. 95).

---

<sup>72</sup> Para Corbisier: “No que se refere à classe trabalhadora, é evidente que seus interesses a condicionam no sentido da transformação da estrutura social. Vivendo de salário, quer dizer, da alienação do trabalho, não tem outro contato com a classe dominante, senão o da dependência e o da submissão. É uma classe sociologicamente pura, pois se encontra em um dos polos da estrutura social, o que a preserva da ambiguidade característica da classe média. Excluída de qualquer convívio com a classe dominante, não sofre o contágio de suas formas de vida, e só por ter dessa classe uma visão global, de resistência e obstáculo à sua libertação [...] O problema da classe trabalhadora, e de sua posição em face da sociedade, é sempre uma questão de esclarecimento, pois, se para a classe média estão sempre abertas as possibilidades de ascensão social, para a classe trabalhadora enquanto tal, essas possibilidades são praticamente inexistentes” (CORBISIER, 1968, p. 95-96).

De volta ao episódio analisado, ele é importante, em nossa leitura, porque por meio dele conhecemos a forma de militância social aceita por Nando nessa altura da ação dramática do romance. Façamos alguns apontamentos sobre isto.

Ao retornar a Pernambuco, depois de terminada a incursão rumo ao centro geográfico do país, Nando se depara com uma experiência democrática até então inédita no Brasil<sup>73</sup>. Nesse momento, imerso num turbilhão revolucionário, Nando escolhe a militância pacífica como forma de ação política. Não por acaso, no excerto acima analisado, Nando aponta a cordura como uma característica do ser brasileiro. Isto acontece, em nossa leitura, por dois motivos, a saber: a) durante os anos sessenta, frente às reformas democráticas de João Goulart, grande parte da intelectualidade brasileira acreditava no mito da “revolução sem sangue”; b) priorizando a emoção em detrimento da razão, Nando inspira-se no modelo de “homem cordial”, proposto por Sérgio Buarque de Holanda<sup>74</sup>, para idealizar a Revolução Brasileira<sup>75</sup>.

### 4.3 Conversa com Tropeiro

No início dos anos sessenta, Pernambuco coloca em prática um projeto piloto e, por meio de reformas democráticas, os mais pobres passam a ser assistidos. A Revolução

---

<sup>73</sup> Em *Tempos de Arraes*, Callado afirma: “Pernambuco é, neste momento, o maior laboratório de experiências sociais e o maior produtor de ideias do Brasil. É o estado mais democrático da federação. Lá a gente repara, mesmo, que a democracia não tem nada de habitual no Brasil. Dois fatores principais se terão combinado para favorecer o aparecimento desse clima pernambucano de liberdade: um movimento de agitação das massas que preencheu, em poucos anos, o papel da educação que essas massas nunca tinham tido, e a eleição, para o governo do Estado, de um homem do povo. Miguel Arraes é o primeiro homem do povo a dirigir uma das unidades de maior atraso mental e mais arraigadas pretensões aristocráticas do Brasil. Quando falo em atraso mental, diga-se entre parênteses, não estou esquecendo a contribuição pernambucana às letras e graças do país. Estou pensando na inadequação entre essa cultura e o que acontece no estado, na distância entre essas graças e os horrores da realidade social” (CALLADO, 2005, p. 30-31).

<sup>74</sup> Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda (1995) afirma: “Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (HOLANDA, 1995, p. 146-147).

<sup>75</sup> Escrevendo em meados da década de sessenta, Caio Prado Júnior (1977) afirma: “A revolução brasileira se constitui do complexo de transformações em curso ou potenciais, que dizem respeito à estrutura econômica, social e política do país, e que, contidas e reprimidas pela inércia natural a toda situação estabelecida, se desenrolam de maneira excessivamente lenta e não logram chegar a termo. Nem por isso deixam de estar presentes, e se revelam e fazem sentir através de perturbações que agitam a vida do país: desequilíbrios econômicos, desajustamentos e tensões sociais, conflitos políticos de maior ou menor gravidade e repercussão. Cabe precisamente à ação política revolucionária estimular e ativar aquelas transformações implícitas no processo histórico em curso e de que tais perturbações constituem o sintoma aparente e mais diretamente sensível” (JÚNIOR, 1977, p.133).

Brasileira parecia estar próxima e o estado torna-se modelo para toda a federação. O espaço, agora, continua sendo o da casa de praia de Nando, no Recife:

Quem mais vinha conversar com Nando na casinha da praia quando estava na cidade era Manuel Tropeiro.

— Uma coisa eu não entendo, seu Nando. Como é que essa gente dona das terras está pagando lavrador direito? É contra a natureza. Por isso mesmo é que eu sou tropeiro.

— O governador manda a Força Pública ao dono de terra que não paga.

— Isto é bem verdade e Deus guarde o governador, nosso pai. Mas como é que os donos da terra pagaram o salário sem dar tiro? Eu sei que tem uns que não paga no fim do mês e tem quase ninguém que paga o décimo terceiro no fim do ano e aí o governador manda os macacos que pela primeira vez estão com a boa gente do povo, por comando do governador. O que eu não entendo, seu Nando, é como é que de cara esses unhas de fome disseram que sim, que iam pagar muito mais ao pessoal do oito e da enxada? (CALLADO, 1984, p. 399).

Manuel Tropeiro não consegue compreender as mudanças que estão ocorrendo em Pernambuco. Note-se que o não entendimento de Tropeiro está ligado ao ineditismo da situação. Nascido e criado no sertão nordestino, Manuel Tropeiro sofreu, durante toda a vida, com o mandonismo local; de modo que ao buscar referências práticas em fatos precedentes, para assimilar o que está acontecendo, Tropeiro não as encontra<sup>76</sup>.

Manuel Tropeiro<sup>77</sup> é, em *Quarup*, um personagem secundário especial. Assim como Francisca, ele pode ser considerado um personagem guia do herói. Proveniente de uma família pobre do interior, Manuel Tropeiro trabalha guiando comitivas de burros: do sertão para as cidades. De pensamento agudo, Tropeiro tem suas próprias convicções. Não sabia ler nem escrever, mas conhecia a vida e havia elaborado, para ela, uma filosofia própria. Não por acaso, em nossa leitura, Manuel Tropeiro representa, em *Quarup*, o valor da sabedoria

<sup>76</sup> Ademais, Manuel Tropeiro é vítima da ideologia de dominação, naturalizada por uma elite intelectual. Em *A ideologia alemã*, Marx e Engels delimitam a divisão do trabalho como um fato central para o entendimento da ideologia. Para eles, o nascimento da ideologia dominante está sempre ligado à separação: trabalho manual/trabalho intelectual. De acordo com esses pensadores, da divisão do trabalho surgem, automaticamente, duas classes sociais, com diferentes funções. Enquanto o trabalhador manual está ligado à vida prática, o intelectual somente produz ideias, esboços, abstrações. Com o seu trabalho, o intelectual ideólogo justifica as relações de dominação. Após surgir, a ideologia deve ser transposta para o cotidiano. Para Marx e Engels, nesse momento, as ideias de dominação se desprendem de seus produtores – classe intelectual – e se tornam autônomas, impessoais. Passamos assim, a entendermos esse conjunto retórico como algo natural, anterior – e exterior – aos fatos concretos.

<sup>77</sup> Sobre o personagem, Arturo Gouveia opina: “Manuel Tropeiro é elemento de massa e está ligado a veteranos das Ligas Camponesas que lideram a organização da resistência sem necessidade de teorizações e requintes intelectuais, dado o seu caráter de necessidade prática de defender um espaço de dignidade num Sertão já cercado pelos militares. Embora a essa luta se engajem membros do Partido Comunista e outros veteranos de guerra, a liderança está nas mãos de homens populares que não se submetem a hierarquias de representação marxista” (GOUVEIA, 2006, p. 68).



popular<sup>78</sup>. Nando conhece Manuel Tropeiro numa escola do MCP: o camponês era aluno de Francisca. De feição simples - “cara cabocla, cheiro de capim e jaqueta de couro” (CALLADO, 1984, p. 523) - e personalidade singular, Tropeiro conquista o protagonista desde o primeiro contato; em suas próprias palavras: “Manuel Tropeiro não se tinha o direito de decepcionar” (CALLADO, 1984, p. 523).

O episódio continua por meio do discurso direto:

Eu acho mesmo que profissão de gente não acaba nunca. Às vezes fica tão diferente que sem botar tento a gente matina que desapareceu. Profissão de dono de terra vai ter sempre. Só acaba com o mundo.

— O senhor sabe, seu Nando, primo Leôncio também não mudou de profissão. Meu tio pai dele, e o tio dele, quer dizer meu pai, e meu avô e o avô dele era gente desembastada, seu Nando. Gente boa e temente de Deus, seu Nando, disse não tinha dúvida não. Mas era gente jagunça, gente de a-cavalo. E quando tinha um torto a endireitar não adiantava botar a polícia atrás deles não. Era gente de fazer o que tinha que fazer e sumir com a família inteira. Naquele tempo ninguém achava ninguém na caatinga não. A gente acabava botando a justiça de Deus nesta terra, a cavalo (CALLADO, 1984, p. 400-402).

Percebe-se que o pensamento de Manuel é elaborado. Por vezes, até, complexo. Partindo dessas premissas, entendemos que Tropeiro é um personagem plano, com tendência a redondo. Note-se que, na interpretação de Tropeiro, a profissão nasce com a pessoa, independentemente de sua vontade. Conhecedor da filosofia interiorana, Manuel entende que todo ser humano nasce munido de um dom.

Ademais, Manuel se mostra, durante o romance, um exímio contador de histórias: o sábio prosador do sertão. As histórias de Tropeiro baseiam-se numa rica tradição familiar, passada oralmente de uma geração a outra. Não por acaso, no excerto analisado, Manuel revela ser descendente de uma família de cangaceiros. Nas palavras de Tropeiro: líderes a-cavalo, que restauram nesta terra a justiça de Deus<sup>79</sup>.

<sup>78</sup> Além disso, Manuel Tropeiro é, em *Quarup*, a representação do homem novo. Escrevendo sobre o romantismo revolucionário, vigente no Brasil na década de sessenta, Marcelo Ridenti (2014) afirma: “A utopia revolucionária romântica do período valorizava acima de tudo a vontade de transformação, a ação dos seres humanos para mudar a História, num processo de construção do homem novo, nos termos do jovem Marx, recuperados por Che Guevara. Mas o modelo para esse homem novo estava no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior, do ‘coração do Brasil’, supostamente não contaminado pela modernidade urbana capitalista” (RIDENTI, 2014, p. 8-9).

<sup>79</sup> Para caracterizar o cangaço, Eric Hobsbawm (1976) utiliza o termo “banditismo social”. Segundo ele: “O ponto básico a respeito dos bandidos sociais é que são proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, e são considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da Justiça, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e apoiados. É essa ligação entre o camponês comum e o rebelde, o proscrito e o ladrão que torna o banditismo social interessante e significativo. Além disso, ela o distingue de dois outros tipos de crime rural: as atividades de grupos originários do “submundo” profissional ou de meros pilhadores (“ladrões comuns”) e das comunidades para as quais o roubo faz parte da vida normal, como, por

O narrador retoma o episódio:

— E o senhor acha que os donos da terra vão mudar de profissão, seu Nando? Seu Januário diz que a terra é de todo o mundo. Isto não tem dono de terra que concorde. Não tem mesmo. Eu posso aprender a ler tudo quanto é tijolo e enxada que dona Francisca ensina mas isto não tem palavra que ensine não, seu Nando.

— A coisa não é assim, Manuel — disse Nando — do dia para a noite. Por exemplo: pagando salário muito mais alto aos camponeses o dono da terra já dá a eles uma parte muito maior daquilo que a terra rende; obrigado pelo governo a pagar impostos, que antes não pagava, está entregando mais dinheiro ao Estado, que o Estado bota para educar o povo; o povo educado vai exigindo cada vez mais o que devem a ele, uma participação cada vez maior no que a terra produz; as Ligas Camponesas e os Sindicatos já estão avisando os donos da terra que fazem uma verdadeira guerra contra eles se eles não pagarem direito, não se comportarem direito. Vocês são milhares, são milhões e milhões no Brasil inteiro. Guerra eles sabem que perdem. Compreendeu, Manuel?

— Bem, quer dizer, a gente quer tirar esses safados da terra deles de mansinho, não é mesmo? Assim um pouco sem eles repararem no que está acontecendo.

— Se eles compreenderem que é assim que se tem que fazer, que não existe saída para eles, tudo pode ser feito com calma, sem se matar ninguém, sem derramar sangue (CALLADO, 1984, p. 403).

Didaticamente, Nando explica a Manuel Tropeiro as transformações que estavam ocorrendo em Pernambuco. Note-se que, para Nando, o sucesso da revolução democrática era incontornável. Baseando-se num sistema de pensamento dicotômico (nós contra eles), Nando idealiza a vitória dos explorados sobre os exploradores. Em nossa leitura, nessa altura da ação dramática do romance, o protagonista projeta, para o futuro do Brasil, uma utopia política.

Dissertando sobre o assunto, Teixeira Coelho (1985) afirma: “A manifestação mais popular da imaginação utópica tem sido a utopia política. Isto é: o que se pretende, antes de mais nada, é uma outra vida baseada num novo arranjo político da sociedade, firmada em novas estruturas sociais” (COELHO, 1985, p. 18).

Nando acredita na transformação pacífica da sociedade brasileira. Percebe-se em sua explanação, no entanto, um erro primário, qual seja: seu percurso argumentativo não leva em consideração o fator contingência<sup>80</sup>.

---

exemplo, os beduínos. Em ambos os casos, vítimas e atacantes são estranhos e inimigos. Os ladrões profissionais e os pilhadores consideram os camponeses como sua presa, e os sabem hostis. Por sua parte, as vítimas consideram os atacantes como criminosos, segundo seus próprios termos, e não apenas de acordo com que o diz a lei oficial. Seria inimaginável que um bandido social se apossasse da colheita dos camponeses (mas não a do senhor) em seu próprio território, ou mesmo em outros lugares” (HOBSBAWM, 1976, p. 10).

<sup>80</sup> Em outros termos, o planejamento de Nando não leva em consideração possíveis imprevistos futuros. De acordo com Jean Pouillon (1974): “Afirmar que uma relação qualquer é contingente equivale a dizer que ela é sintática. Teria podido ser diferente do que é” (POUILLON, 1974, p. 114). Ainda para Pouillon, o fato contingente: “se apresenta como uma realidade plena, dotada de sentido próprio, independentemente do que a antecede ou do que lhe vem depois” (ibidem).

De volta ao episódio analisado, ele é importante porque é a partir dele que o protagonista começa a assimilar o valor da sabedoria popular. Vejamos isto mais detalhadamente.

Nando convive, durante todo o romance, com pessoas do povo. Ainda no início de *Quarup*, com a história do camponês Nequinho, Nando compreende a crueza da elite senhorial, mas nada faz para minimizá-la. Um pouco à frente, com os cren-acárore do interior do Brasil, o protagonista entende o descaso do Estado para com os mais necessitados, mas ainda não sabe como agir para minorá-lo. No desfecho da obra, por fim, com Manuel Tropeiro, o herói assimila o valor da sabedoria popular e passa a lutar pela transformação pacífica da sociedade. Com o desenrolar da história ficcional, portanto, Nando aproxima-se, de modo progressivo, da causa dos mais vulneráveis. Não por acaso, na opinião do crítico Ferreira Gullar (1967), *Quarup* “descreve um processo de desalienação de um homem, que termina por se transformar em povo, que pode agora ser qualquer um” (GULLAR, 1967, p. 256).

#### 4.4 A tragédia do Engenho Auxiliadora

No nordeste, Nando volta a ter contato com a miséria dos camponeses. A partir de então, o protagonista começa a buscar novos meios para minimizar o sofrimento desses trabalhadores. Enquanto o Engenho Nossa Senhora Auxiliadora está diretamente ligado ao personagem padre Gonçalo; a casa de praia nos remete aos personagens Manuel Tropeiro e Francisca.

Em forma de sumário, o episódio começa:

O Engenho Nossa Senhora Auxiliadora ficava na freguesia de padre Gonçalo, que passava agora a maior parte do tempo consolando aqueles aflitos que morriam de fome e de doença para não perderem meses de salário. Nando, ao lado de Gonçalo, olhou com um arrepio de horror os oito filhos de Totonho Viegas, embolotados de bexigas, barrigudos, sinistros, inchados de um mal vindo de fora mas que agora lhes corrompia a natureza.

— O que é que vai acontecer com eles? — disse Nando.

— O melhor provavelmente seria a morte — respondeu padre Gonçalo.

— Se sobreviverem vão ficar desfigurados.

— E o resto das crianças, e desse povo todo — disse Nando — estão pelo menos vacinados?

— Os estoques do estado eram pequenos e se esgotaram, com o susto espalhado pela notícia de varíola aqui. O resultado é que não estão vacinados os ainda são no

Engenho Auxiliadora. Agora não é nem desejável de um ponto de vista de saúde pública que saiam todos daqui, antes de se saber quem contraiu esse horror.

— E há quem queira sair? — disse Nando.

— Seria o cúmulo tentar impedir alguém de sair do inferno.

Padre Gonçalo fez um gesto evasivo e depois levou a mão à cara como se tentasse jogar fora pela ponta dos dedos a preocupação que lhe desfigurava o rosto forte de caboclo (CALLADO, 1984, p. 417-418).

Convidado por padre Gonçalo, Nando conhece o Engenho Nossa Senhora Auxiliadora, nos arredores do Recife<sup>81</sup>. O narrador, em terceira pessoa, acompanha Nando e Gonçalo. As percepções são, evidentemente, do protagonista. Uma epidemia de varíola se alastrara pela região, padre Gonçalo tenta reconfortar os moribundos e Nando impressiona-se com o que vê<sup>82</sup>. Adepto da Teologia da Libertação, Gonçalo encontra no auxílio aos mais pobres a verdadeira essência do cristianismo.

De acordo com Leonardo e Clodovis Boff (2010): “A Teologia da Libertação encontrou seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres” (BOFF; BOFF, 2010, p. 14).

Em linhas gerais, os autores da nova teologia, inspiraram-se na análise da situação social latino-americana com base na teoria marxista, de meados dos anos cinquenta, e nos ensinamentos do pontificado de João XXIII, com destaque para o concílio Vaticano II<sup>83</sup>.

A doutrina católica anterior a João XXIII, baseada no Concílio de Trento, não priorizava os desassistidos. Desse modo, depreendemos que o surgimento da Teologia da Libertação representa, para a história do catolicismo, uma revolução. Em outros termos: em meio ao tradicionalismo católico de Trento, na América Latina, novas ideias florescem — é a modernidade da Teologia da Libertação.

---

<sup>81</sup> Não raras vezes, Callado utilizou matérias jornalísticas para ajudar a compor os seus textos literários. No início dos anos sessenta ele conheceu, na zona da mata pernambucana, o Engenho da Serra. Neste engenho, a situação dos camponeses e o mandonismo do coronel Alarico Bezerra impressionaram o autor. Em *Tempo de Arraes*, Callado afirma: “Se alguém chegasse, em plena Idade Média e em tempo de peste, a uma aldeola miserável de Portugal não encontraria quadro mais fantástico do que o desses camponeses do Engenho Serra, que morrem de fome e de revolta, alguns cobertos de bexigas” (CALLADO, 2005, p. 45).

<sup>82</sup> Sobre este episódio, em específico, Arturo Gouveia afirma: “Como se vê nessa passagem contundente, os males sociais chegam a desfigurar a espécie humana. A luta contra tamanha opressão não pode ser prejudicada por dramas pessoais que parecem se situar fora da grande revelação histórica que exige urgentes transformações” (GOUVEIA, 2006, p. 107).

<sup>83</sup> De acordo com o *Novo Dicionário de Teologia*: “O Concílio do Vaticano II (1962-1965) abriu a porta para uma visão cristã renovada das condições socioeconômicas mundiais. Para uma boa parte do sacerdócio católico latino-americano envolvida desde sempre com os pobres, assinalou a oportunidade de reexame de respostas seculares passadas (como comunismo, socialismo), anteriormente consideradas oficialmente suspeitas pela Igreja. Esses sinais foram ampliados na Conferência Latino-americana de Bispos (Celam), em Medellín, Colômbia, em 1968” (FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 997).

De volta ao texto romanesco, o episódio prossegue:

Em todo o Auxiliadora [...] havia um cheiro adocicado de cana e de gente que apodrece ao sol. Nando se via diante de uma experiência de hecatombe que fizessem a título de escarmento os países que temem o lento fim do mundo depois de uma guerra apocalíptica. Sentada sobre sua colina como uma sinhá irada que tivesse mandado envenenar os campos e as senzalas, a casa de moradia dos Barreto fechada, trancada, carrancuda. Cá embaixo, das palhoças, saíam os camponeses estrangulados pelo lock-out, pálidos, magros, com apenas de humano um vago ar idiota de comunidade exausta de trabalho que de repente descobre que pode morrer de inércia e que de qualquer forma tal espécie de morte é um meio de enganar o patrão. Os grandes tinham um ar obscuro e torvo de mortos que se recusassem a ficar debaixo da terra e diante de uma meninazinha de imensos olhos na cara escaveirada e com o ventre arredondado de hidropisia Nando teve a impressão de que estava grávida de um monstro ainda menor e mais lamentável. Brincava com outras crianças junto a uma poça d'água, se era brincar aquela fanática concentração em tentar fazer boiar como barcos os torrões de terra duros de sol e que se derretiam como açúcar mascavo nas águas de lama (CALLADO, 1984, p. 419).

Nesse momento, a denúncia social ganha relevo: a falta de paragrafação confere ao excerto um ar de desabafo. O Brasil dos anos sessenta praticamente ignora os oprimidos. Note-se que, nessa passagem, o narrador recorre à nossa história colonial e destaca, por contraste, a casa-grande e a senzala, remetendo à distinção entre o senhor de engenho<sup>84</sup> e os escravos. Não por acaso, as moradias do engenho estão, no episódio acima descrito, estrategicamente distribuídas: a moradia dos Bezerra no alto da colina (a elite, que está acima da hierarquia social) e as cabanas dos camponeses no vale (a base da pirâmide, que sofre com a excessiva exploração).

Escrevendo sobre as relações de poder no Brasil atual, Marilena Chauí (2000) afirma:

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como ‘cultura senhorial’, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência. [...] Porque temos o hábito de supor que o autoritarismo é um fenômeno político que, periodicamente, afeta o Estado, tendemos a não perceber que é a sociedade brasileira que é autoritária e que dela provêm as diversas manifestações do autoritarismo político (CHAUI, 2000, p. 89-90).

Num engenho da zona da mata pernambucana, o qual é representado no episódio da tragédia do Auxiliadora, em meados do século XX, ainda encontramos traços da “cultura senhorial”: relações de “mando-obediência”, gestadas no Brasil Colonial, que se mantêm

---

<sup>84</sup> Sobre o proprietário do Engenho da Serra, Antonio Callado, repórter, escreve: “Alarico Bezerra, que em outros tempos foi homem forte na Secretaria de Segurança do Estado, é uma espécie de latifundiário de literatura de cordel. Fez, contra a aplicação no campo da legislação trabalhista, um lockout rural. Fechou o engenho para que os camponeses partam sem paga nem indenização e todos os esforços do governo Arraes não conseguiram ainda dobrar este velho agarrado a uma civilização da chibata”. (CALLADO, 2005, p. 45 – grifo do autor).

vivas. Destaquemos alguns deles: “o cheiro adocicado de cana e de gente que apodrece ao sol” (desamparados pelo Estado e explorados pelo senhor de engenho, os camponeses estão entregues à sua própria sorte); “Sentada sobre sua colina como uma sinhá irada que tivesse mandado envenenar os campos e as senzalas, a casa de moradia dos Barreto fechada, trancada, carrancuda” (a crueza característica do senhor de engenho, que produz, para manter seus privilégios, sofrimento à base da pirâmide social); na concepção do camponês, a “morte é um meio de enganar o patrão” (durante o período colonial, muitos cativos utilizavam o suicídio coletivo como forma de resistência à escravidão) <sup>85</sup>.

E a finalização do episódio:

— Os meninos do Totonho Viegas estão ali no meio — disse Gonçalo.

Nando já avistara com o horror que sentira da primeira vez os meninos empestados, com seus calombos e suas úlceras. Dois deles faziam bolinhos de terra molhada e não havia compaixão por aquela inocência que afastasse a ideia de que preparavam algum abominável quitute de varíola para distribuir ao mundo inteiro. Gonçalo foi tirando de uma sacola pães que distribuía com lágrimas de raiva mas com um sorriso para as crianças.

— Com ou sem decisão da Justiça, com ou sem processo que lhe mova o Barreto por invasão de propriedade, dentro de quarenta e oito horas o governador desapropria o Engenho — disse Gonçalo.

— Pelo menos essas crianças e os pais deviam estar isolados — disse Nando.

— Totonho e a mulher não saem. Dizem que por causa de perebas não vão perder os atrasados. E o Januário quer colocar esse clã dos Viegas à testa da sua Marcha.

Nando imaginou a cena, a chegada dos empestados às pontes e avenidas, as pessoas fugindo, Januário feito um vingador que enxertasse um distante passado de peste no presente da cidade cruel (CALLADO, 1984, p. 420).

Note-se, no trecho citado, a relação entre a criança, a exploração, a doença e o fim da dignidade humana<sup>86</sup>. Vejamos mais detidamente cada um desses pontos: a) a criança: símbolo da inocência, a criança é, para a doutrina católica de Gonçalo, um ser puro, isto é, isento de pecado. Do mesmo modo, para a cultura ocidental — baseada nos princípios judaico-cristãos —, presenciar o sofrimento de uma criança é sempre mais perturbador; b) a exploração: a

<sup>85</sup> De acordo com Gilberto Cotrim (2016): “Os africanos trazidos para o Brasil e seus descendentes não ficaram passivos à condição escrava. Analisando as formas de resistência empregadas pelos cativos, autores de obras mais recentes mostram que os africanos reagiram à escravidão na medida de suas possibilidades, ora promovendo uma luta aberta contra o sistema, ora até mesmo se ‘adaptando’ a certas condições, mas propondo formas de minimizar seus aspectos mais perversos mediante negociações com os senhores” (COTRIM, 2016, p. 310).

<sup>86</sup> Sobre a situação das crianças que residiam no Engenho da Serra, Callado afirma: “Depois o horror maior, a visita à casa de João Damião e Maria Albina da Silva, que têm oito filhos atacados de bexigas, há um mês. As crianças mais velhas, Severino e Maria de Lourdes, estão cobertas de bexigas no meio daquelas 500 pessoas do engenho, nenhuma vacinada” (CALLADO, 2005, p. 46). E arremata: “O Engenho Serra só produz, hoje em dia, uma vergonha que dá para nós todos. A gente perde a vontade de dizer que é brasileiro” (CALLADO, 2005, p. 47).

família Viegas é brutalmente explorada pelo coronel Barreto e, para piorar ainda mais a situação, os salários dos últimos meses estão atrasados. Percebe-se que, como uma herança, o sofrimento passa, no caso dos Viegas, do pai para os filhos; c) a doença: propositalmente, no excerto analisado, o narrador compara a varíola do Engenho Auxiliadora à peste bubônica da Europa Medieval. Seu objetivo, ao traçar tal paralelo, é demonstrar o atraso histórico que acomete a zona da mata pernambucana<sup>87</sup>; d) o fim da dignidade humana: deformado pela doença, sem salário e vivendo na miséria, o camponês deixa de ter natureza humana e transforma-se numa “coisa”. Note-se assim, na passagem estudada, a desumanização do ser humano.

Elaboraremos, nesse momento, algumas considerações gerais sobre o episódio analisado. Ele é relevante, em nossa leitura, porque é por meio dele que o protagonista começa a compreender a urgência da questão social. Vejamos isto mais detalhadamente.

Defronte do sofrimento das crianças do Engenho Nossa Senhora Auxiliadora, Nando compreende a agonia dos camponeses da zona da mata pernambucana. Note-se que, no episódio da tragédia do Engenho Auxiliadora, o narrador faz questão de descrever, de modo detalhado, a aflição dos camponeses<sup>88</sup>: empestados de úlceras e calombos, os filhos de Totonho Viegas brincam com bolinhos de terra. Isto acontece, como dissemos no segundo capítulo desta dissertação, porque é somente por meio do choque com a violência que o herói de *Quarup* assimila a complexidade do mundo que o cerca. Nesse momento, inserido numa nítida “situação limite”, o protagonista passa a entender a urgência da questão social<sup>89</sup>.

#### 4.5 A organização da marcha camponesa

---

<sup>87</sup> Os intelectuais humanistas, do início da Idade Moderna, criaram a expressão “período das trevas” para se referirem à Idade Média (DE AQUINO et al., 2006, p. 595). Para Jacques Le Goff, porém, tal termo é errôneo: “Esta longa Idade Média é, para mim, o contrário do hiato visto pelos humanistas do Renascimento e, salvo raras exceções, pelos homens das luzes. É o momento da criação da sociedade moderna, de uma civilização moribunda ou morta sob as formas camponesas tradicionais, no entanto viva pelo que criou de essencial nas nossas estruturas sociais e mentais. Criou a cidade, a nação, o Estado, a universidade, o moinho, a máquina, a hora e o relógio, o livro, o garfo, o vestuário, a pessoa, a consciência e, finalmente, a revolução. Entre o neolítico e as revoluções industriais e políticas dos últimos dois séculos, ela é, pelo menos para as sociedades ocidentais, não um vazio ou uma ponte, mas um grande impulso criador cortado por crises, graduado por deslocamentos no espaço e no tempo, segundo as regiões, as categorias sociais, os setores de atividade, diversificada nos seus processos” (LE GOFF, 1979, p. 12).

<sup>88</sup> Em muitas passagens, os relatos que o narrador faz da angústia dos camponeses, chegam a parecer caricaturais.

<sup>89</sup> Tem razão Ferreira Gullar quando diz que Quarup narra um processo de desalienação do herói. Recorrentemente, Nando passa da idealização para a apreensão crítica construída no enfrentamento da realidade concreta com o qual toma contato. A passagem, porém, se dá sempre mediante um choque.

Na zona rural do Recife, Nando acompanha uma reunião das Ligas Camponesas: líderes de todo o nordeste estão presentes. Preocupado com a situação política do Brasil, Januário quer colocar os lavradores na rua. Em Brasília, o presidente João Goulart perde, cada vez mais, espaço político.

O episódio começa:

Estavam na sede da Liga, Severino Gonçalves, líder da Liga de Jaboatão, Bonifácio Torgo, da Liga de Goiana, o Hermógenes, de Pesqueira, o Libânio, de Vitória de Santo Antão, o João Trancoso, do Cabo. Januário disse:

— A gente vai ter que alterar um pouco a história da Marcha. A Marcha é a mesma, naturalmente, mas vai ter outro motivo. E se realizar num outro dia. Como a situação política está grave a gente vai esquecer que o governador ainda não quis dizer quem é que comprou o Auxiliadora. A Marcha vai ser de apoio ao governador.

Houve um movimento entre os camponeses e Libânio sorriu largo enquanto Bonifácio Torgo dizia, como quem aplaude em comício:

— Muito bem.

— Muito bem o quê? — disse Januário.

— A gente virar a Marcha para a favor do governador. A gente ia marchar, seu Januário, porque vosmicê disse que era o que a Liga Camponesa tinha que fazer. Mas o pé da gente ia marchar contra o governador pedindo a Deus que estivesse andando para trás.

— Bem falado — disse João Trancoso. — Andando de recuo. Eu tenho certeza que o governador conta tudo que a gente quiser do Auxiliadora.

— Ah, que conta é certo como essa luz que alumia a gente — disse Libânio

Januário, um tanto atarantado com o coro dos seus liderados, franziu primeiro os sobrolhos. Depois desanuviou a cara, sorriu:

— Eu espero que vocês tenham entendido bem o que é que eu desejava conseguir com a Marcha ao Palácio para pedir satisfações ao governador. Não era romper com ele, ficar ao lado dos inimigos dele. Era empurrar ele a denunciar esses milhares de americanos xeretas que estão aumentando mais a população do Nordeste do que vocês, que fazem filho nas mulheres o tempo todo (CALLADO, 1984, p. 433-434).

Diante das circunstâncias, Januário deixa pra trás desentendimentos passados e resolve organizar uma marcha em apoio ao governador. Os camponeses, simpáticos à administração do estado, aprovam a resolução. Pernambuco passa, nesse momento, por um período delicado de sua história. Destaque para o embate entre dois grupos políticos distintos, quais sejam: as forças progressistas, que incluíam os trabalhadores das Ligas Camponesas, os padres da Teologia da Libertação e os voluntários do MCP, que defendiam as políticas inclusivas do governador e os avanços sociais alcançados pelos trabalhadores do estado; e as forças conservadoras, que abrangiam os senhores de engenho, o governo dos EUA e parte do



exército — contrários à administração do estado, porque queriam a manutenção do antigo *status quo*.

Percebe-se, nessa passagem do romance, um entrelaço entre a modernidade defendida pelas forças progressistas e o tradicionalismo apoiado pelas forças conservadoras. Se, por um lado, para as forças progressivas, as políticas do governador significavam avanços sociais e isonomia jurídica, por outro, para as forças conservadoras, as determinações da administração do estado representavam o fim dos privilégios de classe e do protecionismo jurídico. Enquanto as forças progressistas militam pela transformação democrática da sociedade (a modernidade nos remete ao futuro), os conservadores queriam a manutenção da desigualdade social (o tradicionalismo, por sua vez, liga-se ao passado).

#### O episódio prossegue:

Januário brandiu no ar um papel.

— ... agora a coisa é outra. Eu estava de cara feia para o governador e o governador estava de cara feia para o presidente da República, que tinha ciúme do prestígio do governador. Mas agora eu estou com o governador e o governador está com o presidente porque os reacionários do Brasil inteiro querem derrubar o presidente e o governador, porque os dois são amigos do povo. Este papel é uma cópia de uma carta do governador a todos os outros governadores do Nordeste denunciando a eles que as coisas ficaram pretas e que se nós todos não nos unirmos amanhã estamos com o país debaixo de uma ditadura de milico e gringo.

— Nunca jamais, seu Januário — disse Libânio. — Nem na pura imaginação.

— Ou vem a luta de verdade e o Jango tem a maioria das Forças Armadas a favor, ou derrubam ele e nós estamos fritos — disse Januário. — Porque pela carta do governador a gente vê que a coisa já está com os canhões. Saiu da conversa.

— Ah — disse o Torgo —, brigar a gente briga, seu Januário. Ainda mais que é para brigar a favor das Ligas e do governador (CALLADO, 1984, p. 434-436).

Receoso com os últimos acontecimentos, o governador escreve uma carta alertando os políticos do nordeste acerca do avanço, na região, das forças conservadoras<sup>90</sup>. A instabilidade

---

<sup>90</sup> De acordo com Tereza Rozowykwit (2006): “Mesmo diante da promessa do almirante Dias Fernandes de que o golpe não encontraria respaldo nas Forças Armadas de Pernambuco, Arraes, na noite do dia 31 de março, escreveu um manifesto e encaminhou a todos os governadores do Nordeste. Nele, o governador dizia: ‘Empenhados em prosseguir através desse caminho tradicional de pacifismo e compreensão que até hoje tem caracterizado a conduta do povo brasileiro, é preciso que nossos irmãos não se deixem envolver por forças em desespero. Essas forças, que há muito procuram obstaculizar o desenvolvimento econômico-social do país, concorrem para acentuar a diferença de nível de vida entre o Nordeste e o Centro-Sul. Opondo-se à transformação das estruturas institucionais, procurando preservar os privilégios de poucos, em detrimento de milhões de brasileiros’. Continuando, propunha que os governadores nordestinos expressassem o sentimento de repulsa à quebra da legalidade democrática e afirmassem que, a qualquer preço, estariam determinados a preservar ‘seus legítimos direitos’. Na oportunidade, sugeriu que os governadores manifestassem apoio a João Goulart e ao seu projeto de prosseguir com as reformas” (ROZOWYKWIAT, 2007, p. 73).

do governo de João Goulart é evidente: chegamos numa encruzilhada histórica. Note-se, no excerto acima descrito, o protagonismo, dado pelo narrador, ao tempo histórico.

De acordo com Benedito Nunes (1995):

*O tempo histórico* representa a duração das formas históricas de vida, e podemos dividi-lo em intervalos curtos ou longos, ritmados por fatos diversos. Os intervalos curtos do *tempo histórico* se ajustam a acontecimentos singulares: guerras, revoluções, migrações, movimentos religiosos, sucessos políticos. Os intervalos longos correspondem a uma rede complexa de fatos ou a um processo (formação da cidade grega, desenvolvimento do feudalismo, advento do capitalismo, por exemplo) (NUNES, 1995, p. 21 – grifos do autor).

Interessam-nos, por hora, os intervalos curtos do tempo histórico. Em sua explanação, Januário esboça, para o futuro do Brasil, dois cenários possíveis, a saber: 1º cenário: uma parcela do exército se volta contra o governo de João Goulart e uma guerra civil se inicia. Com o apoio da maioria das forças armadas, Jango consegue vitória e as reformas democráticas prosseguem; 2º cenário: uma parcela das forças armadas se volta contra o governo de João Goulart e, com o apoio de setores reacionários da sociedade, organiza um golpe civil-militar. Sem apoio político, João Goulart é obrigado a deixar a presidência e as reformas democráticas são suspensas.

De volta ao episódio analisado, ele é importante porque delimita um marco na trajetória do protagonista: Nando está prestes a adentrar o “Mundo de Levindo”. Vejamos isto mais detidamente.

Nando é incitado a retornar ao Recife, inicialmente, para acompanhar Francisca. Sua pretensão era dar continuidade ao relacionamento amoroso começado com a moça no Xingu. Em pouco tempo, porém, o herói conhece o Engenho Auxiliadora e é conquistado pela causa social. De modo que, nessa fase da ação dramática do romance — o episódio da organização da marcha camponesa —, diferentes forças centrípetas atraem Nando para o “Mundo de Levindo”; são elas: a) o sofrimento dos camponeses da zona da mata pernambucana, que impulsiona Nando para a mobilização social; b) a situação do país, e em especial de Pernambuco, que incentiva Nando a agir politicamente; c) a aproximação do “Mundo de Levindo”, por meio do qual Nando pensava estar atraindo para si o amor de Francisca.

E mais: ao aproximar-se do “Mundo de Levindo”, nessa altura do texto romanescos, Nando mostra-se coerente com o duplo compromisso moral contraído por ele na vereda das orquídeas, qual seja: manter vivo o seu amor por Francisca e tornar o Brasil um país mais justo.

#### 4.6 O último encontro entre Nando e Francisca

A revolução democrática, gestada em Pernambuco pelo governador, pelas Ligas Camponesas e pelos padres da Teologia da Libertação, está ameaçada: foças reacionárias planejam um golpe civil-militar contra o presidente João Goulart. Depois de uma reunião na sede das Ligas Camponesas, Nando volta para a casa e encontra Francisca:

Tanto Nando como Otávio trabalharam intensamente para reforçar a Marcha de Januário. Sentiam, ambos, que a situação ia se resolver no Rio e em São Paulo mas que o modelo do Brasil futuro estava em Pernambuco e que portanto Pernambuco, se houvesse luta, devia dar uma contribuição toda especial à vitória. E para Nando era agora indispensável configurar o mundo exterior, onde se inseria o outro. Francisca tinha dito, quando mudava o curativo:

— Acho que estou ficando catimbozeira, macumbeira, sei lá, supersticiosa.

— Por quê? — disse Nando.

— O sacrifício de Levindo está dando resultados, Nando. Não foi em vão não.

— Ué, o que é que isto tem de macumba?

— *Isto*, não. Isto não tem.

— Então o que é que tem?

— É o fato de que isto faz a lembrança dele se adoçar dentro de mim. Não é que ela comece a se apagar não. Ao contrário. Vai ficando até mais nítida. Mas ao mesmo tempo fica mais tranquila, carinhosa. Sossegada, sabe? Minha avó dizia que as almas penadas que têm quem reze por elas um belo dia *sossegam*.

Nando sentiu o coração cerrado, batendo forte no peito (CALLADO, 1984, p. 437-438).

Nando e Otávio trabalham para que a marcha, organizada por Januário, tenha sucesso. Otávio Cisneiros é, em *Quarup*, um personagem secundário quanto ao enredo e plano quanto à caracterização psicológica. Fisicamente, o narrador o define como “cinquentão, forte, cabelos grisalhos, autoritário” (CALLADO, 1984, p. 93). Membro do Partido Comunista, Otávio conhece Nando no Rio de Janeiro: este, ainda padre, idealizava organizar uma prelazia às margens do rio Xingu. Com um passado heroico, havia participado da Coluna Prestes e da Intentona Comunista de 1935, Otávio pretendia transformar o Brasil por meio de uma revolução. Por isso mesmo, admitia a violência como meio de ação política.

De volta ao episódio analisado, note-se no excerto acima citado que, pela primeira vez no romance, Nando concebe a vida coletiva e a trajetória individual como dois elementos indissociáveis. Nessa altura da ação dramática da obra, portanto, Nando compreende a

interdependência do coletivo e do individual. Em outros termos: a partir deste ponto, a ideia do entrelaçamento entre o coletivo e o individual, que nasceu na vereda das orquídeas, ganha, para o protagonista, concretude.

O diálogo entre Nando e Francisca prossegue:

— Você sabe que a situação política anda de mal a pior? O que de menos ruim se pode esperar é que de fato se trave a luta e que Jango tenha tropa para resistir. O melhor que se pode esperar, como você vê, é guerra civil.

— Eu sinto, Nando, sinto em mim que nada pode destruir o que começamos a criar aqui em Pernambuco. Ninguém vai querer interromper o trabalho que fizemos.

— Por favor, Francisca, não se deixe levar demais pelo que você acha justo e certo. E pelo que você deseja que aconteça.

Nando só desejava realmente tomar Francisca nos braços, cobrir Francisca de beijos, mas ficou imóvel, cauteloso como quando deixava numa orla de bosque um machado para índio.

Percebe-se nessa passagem, em primeiro lugar, uma nítida diferença de tom entre as explicações de Nando e as de Francisca. Enquanto Francisca mostra-se otimista quanto à inevitabilidade da revolução democrática, Nando revela-se cauteloso. Ele ainda idealiza a transformação democrática da sociedade, mas, diante da grave situação política do país, prefere evitar o otimismo exagerado. Isto acontece, em nossa leitura, porque Nando quer proteger Francisca de uma possível frustração.

Além disso, note-se que Nando ainda carrega consigo alguns resquícios de sua vida como sertanista. Em forma de sumário, diz o narrador: “Nando só desejava realmente tomar Francisca nos braços, cobrir Francisca de beijos, mas ficou imóvel, cauteloso como quando deixava numa orla de bosque um machado para índio”. Isto acontece, em nossa leitura, porque o aprendizado do herói de *Quarup* é cumulativo. Como já apontamos no terceiro capítulo desta dissertação, Nando nunca abandona completamente a sua vida pregressa.

O episódio continua:

— Você deseja a mesma coisa, não? – disse Francisca.

— Claro que desejo — disse Nando.

— E você não sente que esse mundo que desejamos está firme em suas raízes?

— Está, meu bem, mas é um mundo ainda tão pequeno dentro do mundo inteiro em volta dele! Eu não quero nem por um segundo tirar o teu ânimo e esta certeza, que eu também tenho, de que este mundo será criado. Mas pode demorar mais do que a gente pensa, é só isto. Por outras palavras, Francisca, eu só peço a Deus que você não perca a esperança se houver algum revés.

— Não perco, Nando. São essas coisas que a gente sente, sabe? Eu sinto outra vez minha alegria de outros tempos, uma alegria boa, tranquila.

Nando tomou as mãos de Francisca, olhou bem de perto o doce rosto. Ele veria no dia seguinte o que é que os acontecimentos reservavam ao Brasil. Puxou-a para si de leve, experimentalmente, quase de forma imperceptível. Sentiu que pelos dedos de Francisca escorria para seus próprios dedos aquela meiguice espontânea e natural ao corpo dela como o calor ao corpo de qualquer outro animal. Mas Francisca não se deixou ir. Sorriu à moda antiga mas ficou no mesmo lugar, dizendo levemente que não com a cabeça (CALLADO, 1984, p. 438-439).

Note-se nessa passagem que, de maneira proposital, a descrição do narrador nos remete ao episódio da vereda das orquídeas. O desfecho agora, no entanto, é distinto: Francisca, com sutileza, rejeita o herói. Nando e Francisca ainda não sabem, mas esse seria o último contato entre os dois. Note-se que em nenhum momento Nando desiste de Francisca. O protagonista a ama, da primeira a última página da obra: mesmo quando impossibilitado de encontrá-la fisicamente, Nando a ama em memória — uma paixão, verdadeiramente, para a vida.

De volta ao episódio do último encontro entre Nando e Francisca, ele é importante, em nossa leitura, porque é por meio dele que Nando começa a compreender que o sucesso de sua vida individual depende, obrigatoriamente, da transformação coletiva da sociedade. Vejamos isto mais detidamente.

Nando conhece Francisca num mosteiro de Olinda, no início do romance, e somente a reencontra no Xingu, em meio aos preparativos para a expedição rumo ao centro geográfico do país. Na vereda das orquídeas, Nando e Francisca se amam pela primeira vez e, juntos, decidem voltar a Pernambuco. A partir deste ponto, em nossa leitura, o relacionamento entre Nando e Francisca passa a representar a ligação entre o amor erótico e o amor revolucionário. Proveniente do movimento de contracultura<sup>91</sup>, a ideia da fusão da vida pública com a vida

---

<sup>91</sup> De acordo com Carlos Alberto M. Pereira (1989): “Podemos entender por contracultura duas coisas até certo ponto diferentes, ainda que muito ligadas entre si. E, quando alguém usa o termo, é possível que esteja se referindo a uma ou a ambas as coisas. De um lado, o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimento de rebelião da juventude e que marcaram os anos 60: o movimento hippie, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante. E tudo isso levado à frente com um forte espírito de contestação, de insatisfação. De experiência, de busca de uma outra realidade, de um outro modo de vida. Trata-se, então, de um fenômeno datado e situado historicamente e que, embora muito próximo de nós, já faz parte do passado. Hoje, mesmo quando nos vemos diante de um outro destes elementos, eles já não têm o mesmo sentido de antes, ou pelo menos não com aquela força. De outro lado, o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição à esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, ‘rompe com as regras do jogo’ em termos de modo de se fazer oposição à uma determinada situação. Aquela postura ou posição de crítica radical em face da cultura tradicional [...]. Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social” (PEREIRA, 1989, p. 20-22)

privada — segundo a qual o bem-estar individual está intimamente associado à transformação coletiva da sociedade<sup>92</sup> — foi utilizada no Brasil, em meados da década de sessenta, pelos intelectuais do romantismo revolucionário<sup>93</sup> (RIDENTI, 2014, p. 34).

Enquanto o amor erótico liga-se ao projeto individual, o amor revolucionário nos remete ao plano coletivo. Do amor erótico depreendemos o interesse individual e do amor revolucionário o espírito de comunidade. Em *Quarup*, o amor erótico é representado pela figura de Francisca e o amor revolucionário é simbolizado pelas reformas democráticas. Sabe-se que, nessa altura da ação dramática do romance, o amor erótico interessa para Nando tanto quanto o amor revolucionário. O pressuposto, levado a cabo pelo protagonista, que corrobora essa ideia, é o de que não é possível sentir-se plenamente realizado num mundo onde imperam as injustiças sociais.

#### 4.7 O golpe civil-militar

Recife, 1964: o espaço é o do centro histórico da cidade. Para Nando, mais do que nunca, o sucesso de seu projeto individual depende da modificação do coletivo. Para Januário, a presença de milhares camponeses nas ruas, marchando a favor do governador, será decisiva para a retomada da revolução democrática.

Em forma de sumário, o episódio começa:

Não foram muitos os camponeses que no dia 1º de abril conseguiram finalmente chegar à estação da Rede Ferroviária, a antiga Great Western dos ingleses. Em sua maioria os chefes de Liga nem tinham vindo de casa e sim das casas de associados menos conhecidos ou mesmo de cidades vizinhas porque a tropa do IV Exército andava alerta nos últimos dias, olho nas Ligas e Sindicatos. Mesmo assim os líderes principais vieram. Dos trinta ou quarenta mil homens com que Januário contava, chegaram só uns três mil. Apesar de ter vindo a maioria a pé, disfarçada, não vê que os camponeses iam vir ao Recife para formar a Guarda do governador assim como quem vai cortar cana ou plantar macaxera. Vieram muito bem postos em suas roupas grossas mas brancas, chapéus de feltro ou palha de carnaúba, sandália japonesa, caneta-tinteiro no bolso e rádio transistor pendurado na mão pela alça. Traziam em suas pessoas, em seus pés e bolsos, os frutos do salário do Estatuto, do salário criado pelo governador. Nando, Otávio e padre Gonçalo se espalhavam pela praça. Haviam combinado com Januário acompanhar, cada um, cerca de um quarto da massa que se concentrasse, para que Januário viesse com o último grupo e já encontrasse os demais cercando o Palácio para o mutirão cívico de salvar o governador. Mas ainda que muitos outros camponeses conseguissem chegar à praça, jamais chegariam ao

<sup>92</sup> Em *A era dos extremos*, Eric Hobsbawm pontua que um dos *slogans* do movimento de maio de 1968, na França, era: “Quando penso em revolução quero fazer amor” (HOBSBAWM, 2008, p. 326).

<sup>93</sup> Em *Pessach: a travessia*, Carlos Heitor Cony conta a história de Paulo Simões, que depois de se apaixonar por uma jovem revolucionária, e após uma série de fatos contingentes, acaba entrando para a luta armada no sul do Brasil.

número de que falava Januário. Porque mal o núcleo inicial começara a engrossar diante da estação da Great Western, parte do destacamento armado que ocupava a estação se movera para fora. Um jovem tenente, nervoso, magro e atlético tinha ido ao grupo de então uns vinte talvez, presente já Bonifácio Torgo.

— O que é que vocês estão fazendo aí? — disse o oficial. — A ordem é circular.

— A gente está trazendo mercadoria para o Mercado, sim senhor — disse Bonifácio Torgo.

— Pois então toquem para o Mercado (CALLADO, 1984, p. 439-440).

No dia combinado por Januário, três mil camponeses chegam à Estação da Rede Ferroviária para a marcha. Na realidade os números calculados pelas lideranças sociais eram superestimados. Note-se, nessa passagem que, no cotidiano do camponês, as melhorias são visíveis. Em nossa leitura, são símbolos desse avanço social: as roupas brancas (com vestimentas limpas, símbolos da dignidade conquistada, os camponeses desejam a paz), a sandália japonesa (no Brasil Imperial, o calçado nos pés era um símbolo de liberdade para os escravos alforriados)<sup>94</sup>, a caneta-tinteiro (depois da revolução proporcionada pelo método Paulo Freire, alguns camponeses sabem ler e escrever), e o rádio transistor (com um salário justo, os camponeses podem consumir produtos de tecnologia).

#### O narrador retoma o episódio:

A sereia de viaturas do Exército já soava dos lados da Ponte Velha e até mesmo um tanque deixara a linha que formavam em torno do Palácio para vir à praça da Estação Ferroviária. Era evidente que a Marcha não teria sequer início quando o destacamento do tenente pôs um cinto verde-oliva no grupo maior dos camponeses agrupados em torno de Januário e Nando. O tenente falou direto a Januário:

— Seu nome aí? — Fidel Castro — disse Januário.

— O senhor está preso — disse o tenente.

— Preso por quê? Já começou a ditadura?

— Já parou a bagunça, como esta que você fazia aqui. E fala com respeito. Segurem ele, soldados. Januário marchou para o tenente mas os soldados já o retinham [...].

De duas viaturas do Exército tinha saltado tropa para cercar os camponeses e apenas os fazerem sentar, à espera de ordens superiores. Aquele pequeno mar branco e enchapelado, que tinha começado a se desfazer em pontas que buscavam o caminho do palácio, foi nitidamente represado, arrumado como lagoa, imobilizado. Não dava nem para encher a praça. Quando o coronel Ibiratinga chegou balançou a cabeça afirmativamente, satisfeito (CALLADO, 1984, p. 442-443).

<sup>94</sup> De acordo com Luiz Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux (2008): “Os documentos registram e as fotografias da época [Brasil Império] ilustram: um escravo de ganho – dono de um pecúlio tirado da renda obtida para seu senhor no serviço de terceiros – podia ter meios para vestir calças bem-postas, paletó de veludo, portar relógio de algibeira, anel com pedra. Chapéu-coco e até fumar charuto em vez de cachimbo. Mas tinha de andar descalço. Nem com tamancos, nem com sandálias. De pé no chão. Para deixar bem exposto o estigma indifereçável do seu estatuto de cativo. Uma das astúcias dos escravos fugidos no Rio consistia em arranjar sapatos, calçá-los, e misturar-se aos negros e mulatos livres e libertos que circulavam pela cidade. Anúncio sobre fuga de escravo advertia: ‘anda calçado para fingir que é forro’” (ALENCASTRO; RENAUX, 2008, p. 79)

Dezenas de soldados, apoiados por viaturas do exército e por um tanque de guerra, interceptam a marcha: à manifestação pacífica, as forças armadas do Estado respondem com a brutalidade das armas. Percebe-se, nesse excerto, uma desproporção de forças: os camponeses, desarmados, são impedidos de protestar por um tanque de guerra.

Ato contínuo, os camponeses são cercados pelo aparato militar. Note-se, nesse momento, que um “cinto verde-oliva” represa um “pequeno mar branco enchapelado”. Enquanto o “cinto verde-oliva” representa o poder opressor das forças armadas (a metáfora do cinto é aqui usada como significante de retenção), o “pequeno mar branco enchapelado” representa os camponeses (vestidos de branco e de chapéu de feltro, os lavradores observam a situação).

Um pouco mais à frente, diz o narrador: “Aquele pequeno mar branco e enchapelado, que tinha começado a se desfazer em pontas que buscavam o caminho do palácio, foi nitidamente represado, arrumado como lagoa, imobilizado”. Observe-se, nesse excerto, que o mar (índice de movimento, sucessão) é transformado em lago (símbolo da imobilidade, estagnação). Leia-se dessa passagem: a força bruta do exército brasileiro barra a revolução pacífica.

O episódio continua:

O tenente buscou os olhos de Januário, que mirava a distância. Ia fazer alguma coisa ao coronel, contar talvez o desafio que lhe fizera Januário um momento antes mas o coronel fitava Nando, sentado entre camponeses.

— O importante não é pegar apenas o chefe, tenente, e sim os chefes. O chefe ostensivo é às vezes um primário. A cidade está na mais perfeita tranquilidade. Guarde os camponeses aqui mesmo durante alguns minutos. Eu tinha meu pessoal infiltrado nas Ligas e Sindicatos e em breve saberemos quem são, aqui, os cabeças de grupo [...].

Nando e Januário foram presos separadamente, em dois carros do Exército. Do seu carro, encostado bem perto, Nando quase viu o silêncio mortal que desceu sobre o grupo de camponeses agora sentados na rua, nas calçadas, encostados nos muros. Abandonados. Um deles, distraído, com o indicador fez girar o pequeno disco do transistor. A vizinha entrou no ar:

— O último comunicado do comando do IV Exército diz que reina a mais completa ordem em todo o país.

O soldado mais perto olhou o camponês, que com o indicador desligou o rádio. Mais adiante um outro tinha ligado o seu. Ouviu-se baixinho o dobrado militar, que ficou um pouco mais alto com outros dois rádios ligados. Tacitamente os soldados se entreolharam, olharam na direção do tenente, que não pareceu se incomodar. Depois da música mais um comunicado:

— O general Mourão Filho, comandante da tropa insurgida em Minas Gerais, não precisou disparar um único tiro contra os contingentes do I Exército. É que o



Exército Nacional está unido contra o comunismo que queria implantar no país o presidente João Goulart. Nas pontes do Paraíba, em Areal, em Petrópolis os rebeldes e o pretense “dispositivo militar” do presidente da República confraternizaram. O esperado choque foi um encontro de amigos, de camaradas de farda. Nem o I Exército da Guanabara e nem o II de São Paulo, comandado pelo general Kruehl, se dispuseram a derramar o sangue de seus irmãos e em seguida de todos os brasileiros. O IV Exército já depôs o governador do estado de Pernambuco. O próprio general Mourão, que fuma cachimbo, denominou sua gloriosa marcha de libertação do Brasil Operação Popeye (CALLADO, 1984, p. 442-443).

O governador é deposto por um golpe-civil militar<sup>95</sup> e os avanços sociais proporcionados pela a revolução democrática são anulados. Nesse momento, o narrador cede a voz ao locutor de uma estação radiofônica e este descreve a situação. Note-se a simbologia dessa passagem: o golpe civil-militar de 1964, gestado por setores reacionários da sociedade brasileira, é anunciado pelo rádio transistor de um camponês, índice dos avanços proporcionados pela legislação trabalhista.

De acordo com Florestan Fernandes (2005), o golpe civil-militar de 1964 conseguiu unificar a burguesia nacional (FERNANDES, 2005, p. 256), submeter a economia brasileira às regras do imperialismo estrangeiro (FERNANDES, 2005, p. 257) e perpetuar o domínio burguês, essencialmente conservador e autoritário (FERNANDES, 2005, p. 257-258).

Assustada com as reformas de base<sup>96</sup> propostas por João Goulart, parte da burguesia brasileira patrocina o golpe civil-militar. Em nossa leitura, o golpe civil-militar de 1964 representa, em *Quarup*, a vitória do tradicionalismo. Na contramão da revolução democrática, o golpe civil-militar pretende proteger os interesses das elites em detrimento da justiça social.

---

<sup>95</sup> Golpes de Estado são recorrentes na história do Brasil. Entendemos por golpe de Estado: a quebra abrupta da normalidade constitucional. Citaremos, neste espaço, alguns deles: a) 1823: D. Pedro I dissolve a assembleia nacional constituinte e outorga a sua própria constituição; b) 1840: apoiado pelo partido Liberal D. Pedro II, na época com quinze anos incompletos, chega ao trono; c) 1889: parte da classe militar, liderada por Deodoro da Fonseca (1827-1892), derruba o imperador D. Pedro II para instituir a República da Espada (1889-1894); d) 1891: Floriano Peixoto (1839-1895) contraria a constituição republicana e assume a presidência do Brasil; e) 1930: Getúlio Vargas (1882-1954) depõe Washington Luís (1869-1957), representante da oligarquia paulista, para chegar ao comando do Brasil; f) 1937: o mesmo Getúlio Vargas impõe ao povo brasileiro o Estado Novo (1937-1945); g) 1945: parte da classe militar, no contexto pós Segunda Guerra Mundial, derruba Getúlio Vargas; h) 1964: parte das forças armadas, com o apoio de setores conservadores da sociedade, depõe João Goulart (1918-1976); i) 2016: apoiado pelo poder judiciário o parlamento brasileiro aprova o *impeachment* de Dilma Rousseff.

<sup>96</sup> De acordo com Thomas Skidmore (1982): “Desde o início de sua presidência, em 1961, Jango insistira sobre a necessidade de ‘reformas estruturais’ no Brasil. Mencionou diversos setores necessitados da reforma – tais como educação e habitação. Referia-se mais insistentemente, porém, a modificações do sistema fiscal e da estrutura agrária. Sugeriu que para realizar esta última, necessitava de uma emenda constitucional, de vez que a Constituição de 1946 exigia que a expropriação da terra fosse previamente compensada por uma ‘rápida e adequada indenização’. Em outras palavras, a indenização deveria ser em dinheiro paga adiantadamente” (SKIDMORE, 1982, p. 288-289).

Nos arredores do Recife, as primeiras vítimas do golpe de abril de 1964 são os camponeses<sup>97</sup>. Ainda no início do excerto acima citado, Ibaratinga — símbolo máximo da repressão militar —, se dirigindo a um soldado, diz: “Guarde os camponeses aqui mesmo durante alguns minutos”. Note-se que, na oração do coronel Ibaratinga, os trabalhadores são transformados em objetos<sup>98</sup>. Propositalmente, os camponeses são como que “coisificados” pelo coronel<sup>99</sup>.

E a finalização do episódio:

Os camponeses do grupo do Hermógenes e os que estavam mais por perto tremeram de raiva e bem que quiseram dizer alguma coisa e um deles se lembrou da frase inteira da Lição 74, a qual disse em voz alta:

— Isto não é democracia, governo do povo?

— Que é que tu está falando aí? — berrou um soldado na cara dele.

Feito menino que assobia no escuro o camponês saiu com o resto da lição:

— Cra, cre, cri, cro, cru. Escravo [...].

Foram tocados para dentro dos carros aos empurrões por soldados pálidos que por desconhecerem a Lição 74 acreditavam na súbita loucura daqueles homens um momento atrás tão silenciosos e mansos.

— DECRETO, CRISE, LUCRO!

— O BRASIL CRESCE COM CRISES MAS CRESCE. DEMOCRACIA. CRA, CRE, CRI, CRO, CRU!

Dois tintureiros cheios de camponeses aos berros saíram pelas pontes e fizeram muita gente voltar a cabeça com aquele ruído de propaganda eleitoral ou comercial que brotava dos carros herméticos:

— ESCRAVO, ESCRAVO, ESCRAVO! DEMOCRACIA! CRISE! CRA! CRU!  
(CALLADO, 1884, p. 445-446).

<sup>97</sup> Nas palavras de Darcy Ribeiro (1985): “Para o povo, o golpe foi cruento. Principalmente para os camponeses das ligas do Julião, assaltados e assassinados em seus ranchos, em atos de pura crueldade, pelas polícias regionais e pelos jagunços dos senhores de engenho, a fim de demonstrar ao povo nordestino que seu destino é o cambão” (RIBEIRO, 1985, p. 189).

<sup>98</sup> Em *As origens do Totalitarismo*, Arendt coloca como pré-condição para o domínio totalitário, a eliminação das individualidades. Nas palavras da autora: “Morta a pessoa moral, a única coisa que ainda impede que os homens se transformem em mortos-vivos é a diferença individual, a identidade única do indivíduo [...] Porque destruir a individualidade é destruir a espontaneidade, a capacidade do homem de iniciar algo novo com os seus próprios recursos, algo que não possa ser explicado à base de reação ao ambiente e aos fatos. Morta a individualidade, nada resta senão horríveis marionetes com rostos de homem [...]” (ARENDR, 1989, p. 504-506).

<sup>99</sup> De acordo com Édison José da Costa: “O golpe militar de 1964, institucionalizando a violência e a tortura como instrumentos de intimidação e controle, assinala o cair da noite sobre a nação, o fechamento dos respiradouros e frestas. A interrupção do processo constitucional através do qual as aspirações nacionais conheciam amadurecimento abre caminho para a barbárie, para a noite da insanidade e do terror” (COSTA, 1988, p. 140).

Diante da rudeza dos militares, alguns camponeses lembram-se dos ensinamentos do método Paulo Freire. Educados pelo MCP, os lavradores exigem espaço político. Nesse momento, porém, um soldado grita na cara do camponês que estava tentando exercer a sua cidadania. O grito do soldado, nessa altura da ação dramática do romance, indicia a repressão política violenta<sup>100</sup>. Sabe-se que, durante a ditadura civil-militar, a tortura psicológica foi um procedimento utilizado pelos agentes de repressão, para obterem confissões forçadas dos presos políticos<sup>101</sup>.

O episódio segue e os camponeses continuam a reverberar os ensinamentos da lição 74. Um lavrador lembra-se da palavra escravo. Da passagem, leia-se: o golpe civil-militar pretende reforçar a “cultura senhorial”. Nesse momento, alguns camponeses são presos, aos empurrões, por soldados que ignoravam o método Paulo Freire. Os empurrões perpetrados pelos militares, nessa altura do romance, indiciam a tortura física<sup>102</sup>. Note-se que, durante o Regime Militar (1964-1985), a tortura física tornou-se uma política de Estado<sup>103</sup>.

Além disso, percebe-se que no episódio do golpe civil-militar o narrador mantém-se distante do protagonista. É o que Pouillon chama de visão de “fora”: “O ‘fora’ é a conduta, na

---

<sup>100</sup> *Projeto Brasil: Nunca Mais*: “Reza o artigo 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada pelo Brasil: Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante. Em vinte anos de Regime Militar este princípio foi ignorado pelas autoridades brasileiras. A pesquisa revelou quase uma centena de modos diferentes de tortura. Mediante agressão física, pressão psicológica e utilização dos mais variados instrumentos, aplicados aos presos políticos brasileiros. A documental processual recolhida revela com riqueza de detalhes essa ação criminoso exercida sob o auspício do Estado” (ARQUIDICOESE DE SÃO PAULO; ARNS, 2011, p. 35 – grifo do autor).

<sup>101</sup> *Projeto Brasil: Nunca Mais*: “A tortura foi indiscriminadamente aplicada no Brasil, indiferente a idade, sexo ou situação moral, física e psicológica em que se encontravam as pessoas suspeitas de atividades subversivas. Não se tratava apenas de produzir, no corpo da vítima, uma dor que a fizesse entrar em conflito com o próprio espírito e pronunciar o discurso que, ao favorecer o desempenho do sistema repressivo, significasse sua sentença condenatória. Justificada pela urgência de se obter informações, a tortura visava imprimir à vítima a destruição moral pela ruptura dos limites emocionais que se assentam sobre as relações efetivas de parentesco. Assim, crianças foram sacrificadas diante dos pais, mulheres grávidas tiveram seus filhos abortados, esposas sofreram para incriminar seus maridos” (ARQUIDICOESE DE SÃO PAULO; ARNS, 2011, p. 44).

<sup>102</sup> Depoimento de Augusto César Salles Galvão para o *Projeto Brasil - Nunca Mais*: “O pau de arara consiste numa barra de ferro que é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o ‘conjunto’ colocado entre duas mesas, ficando o corpo do torturado pendurado a cerca de 20 ou 30 cm do solo. Este método quase nunca é utilizado isoladamente, seus ‘complementos’ normais são eletrochoques, a palmatória e o afogamento” (ARQUIDICOESE DE SÃO PAULO; ARNS, 2011, p. 35).

<sup>103</sup> *Projeto Brasil: Nunca Mais*: “O emprego sistemático da tortura foi peça essencial da engrenagem repressiva posta em movimento pelo Regime Militar que se implantou em 1964. Foi, também, parte integrante, vital, dos procedimentos pretensamente jurídicos de formação da culpa dos acusados. [...] No topo existiam os Atos Institucionais, o SNI, o Conselho de Segurança Nacional, as altas esferas de poder. Na porção intermediária da pirâmide, toda a estrutura jurídico-política de repressão e controle: LSN, Lei de Imprensa, inúmeros instrumentos legais de exceção. Pouco acima da base, a Justiça Militar ‘legalizando’ as atrocidades dos inquiridos, ignorando as marcas e laudos das torturas, transformando em decisões judiciais aquilo que os órgãos de segurança arrancavam dos presos políticos mediante pressões que iam da intimidação para que confessassem até ao limite dos assassinatos seguidos de desaparecimento dos cadáveres” (ARQUIDICOESE DE SÃO PAULO; ARNS, 2011, p. 239-240).

medida em que é materialmente observável. É também o aspecto físico do personagem; assim como o meio em que ele vive” (POUILLON, 1974, p. 74). De longe, acompanhamos, com o narrador, as ações de Nando e toda a conjuntura do golpe civil-militar no Recife. Nessa altura da ação dramática do romance, os acontecimentos políticos do país influem diretamente na trajetória do protagonista. Nando, por sua vez, pouco pode fazer: sabe-se, nesse momento, que o golpe civil-militar frustra as suas idealizações e projetos.

Em nossa leitura, desde o retorno de Nando para o Recife, o narrador concebe o seu projeto de educar os camponeses da zona da mata pernambucana, para incluí-los politicamente, como impraticável. Percebe-se que, no episódio do golpe de 1964, os camponeses utilizam a lição 74 para protestarem contra a brutalidade dos militares. Com efeito, defronte das armas de fogo, a educação perde a sua força geradora. Diante do poder imperativo da conjuntura política, o projeto do protagonista, de transformar democraticamente a sociedade pernambucana, é destruído. Do mesmo modo, nessa altura da ação romanesca, a idealização de Nando de casar-se com Francisca é, para o narrador, igualmente inconcebível<sup>104</sup>.

De volta ao episódio do golpe civil-militar, depreendemos que ele é relevante porque demarca os últimos momentos de Nando numa importante fase de sua vida. Note-se que o episódio do golpe civil-militar traz consigo duas contingências significativas para a trajetória do protagonista, a saber: a) ele sinaliza o fim do relacionamento concreto entre Nando e Francisca. Nos primeiros meses após o golpe, Francisca é mandada pelo pai, em exílio, para a Europa; b) ele demarca o fracasso da revolução democrática. Assim como Francisca, Nando acreditava numa modificação pacífica da sociedade. Para tanto, o protagonista aposta no poder da educação. Com o golpe de Estado, entretanto, a revolução democrática é abortada. Vejamos mais detidamente cada ponto.

Com o golpe civil-militar, Nando é preso e na cadeia fica sabendo, por meio de um delegado, que Francisca havia viajado para a Europa. Nesse momento, o relacionamento

---

<sup>104</sup> Comentando o episódio em que Francisca alfabetiza os camponeses por meio do método Paulo Freire, Giselle Larizzatti Agazzi (2004) afirma: “O foco narrativo, oscilando entre a onisciência e o narrador observador, flagra o descompasso entre essa presença ausente de Francisca, fugidia às mãos de Nando e fiel à memória de Levindo, e o desnível entre o que ocorre de fato e o que o ex-padre acredita estar acontecendo. Sua crença de que um dia irá casar-se com Francisca carece de consistência, assim como sua crença de que a Revolução Pacífica já se iniciara no Brasil, a partir de Pernambuco. Em ambos os casos, Nando não percebe o que se desenvolve contra suas expectativas, ou no espírito da mulher, ou na forte oposição dos militares contra o governador daquele estado. [...] Sua cegueira só será rompida quando for preso e torturado, quando sentir a dor dos outros camponeses perseguidos e quando Francisca afastar-se definitivamente dele. Nando vive, assim, a marcha e os impasses da utopia socialista” (AGAZZI, 2004, p. 87-89).

concreto entre Nando e Francisca torna-se, uma vez mais, inviável. Impedido de ter a moça em seus braços, Nando assume a responsabilidade de dar prosseguimento ao sonho de Francisca. A partir desse ponto, o protagonista de *Quarup* passa a priorizar, tão somente, a implantação do “Mundo de Levindo” no país.

Ainda na cadeia, Nando presencia a tortura de alguns camponeses por agentes de repressão<sup>105</sup>. Nesse momento, o protagonista compreende que os avanços obtidos pela revolução democrática estavam ameaçados. Impedido pelas circunstâncias históricas de dar continuidade ao sonho de Francisca, Nando começa a analisar novas formas de atuação política. A partir dessa fase do romance, incitado por Manuel Tropeiro, Nando passa a admitir a utilização da violência como meio de transformação social.

#### 4.8 Conclusão parcial

Depois de chegar ao centro geográfico do Brasil, Nando decide voltar para o Recife para acompanhar Francisca. É o início da terceira fase de aprendizado do herói. Como educador Nando pretende conceder o direito do voto aos camponeses da zona da mata pernambucana. Nesse momento, Nando reencontra Januário (e, por meio dele, as Ligas Camponesas) e conhece padre Gonçalo (e, por meio dele, a Teologia da Libertação) e Manuel Tropeiro (e, por meio dele, a sabedoria popular). Nessa altura da ação dramática do romance, vivendo no interior de um turbilhão revolucionário, Nando apoia a transformação pacífica da sociedade.

O capítulo segue, e Nando é convidado por Padre Gonçalo para conhecer a situação em que viviam os lavradores do Engenho Nossa Senhora Auxiliadora. É a partir deste ponto que o protagonista começa a compreender a complexidade da questão social no Brasil. Na sequência, o herói aproxima-se ainda mais de Januário e o auxilia na organização da marcha

---

<sup>105</sup> Na sequência do romance, indignado com a tortura dos camponeses, Nando questiona o coronel Ibaratinga: “- Coronel – disse Nando – aquele seu porão me dá vergonha de ser brasileiro” (CALLADO, 1967, p. 464). Ao que o coronel responde: “-Vergonha eu só tenho de precisar fazer o que eu faço num porão. Eu faria o mesmo em salas de vidro, para que todos vissem da rua, ao passar, que este país defende sua herança cristã” (ibidem). Note-se que doze anos antes da publicação do importante conto *A casa de vidro*, de Iván Angelo, Ibaratinga já planejava torturar pessoas numa redoma de vidro. O antagonista de Nando se mostra, nesse diálogo, um personagem tipo, isto é, “um personagem reconhecido por características típicas, invariáveis, quer sejam elas morais, sociais, econômicas ou de qualquer outra ordem” (GANCHO, 2004, p.16). Em nossa leitura, Ibaratinga representa, para a economia da narrativa, o tradicionalismo naturalizado em nossa sociedade. Em *Quarup*, frente ao avanço das ideias modernas (no governo de João Goulart, muitos camponeses conquistam direitos civis), Ibaratinga defende a manutenção do antigo *status quo* (projeto conservador e antidemocrático, que beneficia uma pequena elite senhorial).

camponesa. Nesse estágio do texto romanesco, três motivos distintos atraem Nando para o “Mundo de Levindo”, a saber: o sofrimento dos camponeses, a situação política do país e o seu amor por Francisca.

Um pouco mais à frente, Nando encontra-se com Francisca pela última vez. É a partir desta passagem que o protagonista começa a compreender que o sucesso de sua vida individual depende, necessariamente, da transformação coletiva da sociedade. Em abril de 1964, com o apoio de uma elite conservadora, os militares chegam ao poder: o governador é derrubado, a revolução democrática é abortada e Francisca é mandada para o exílio. Nessa fase do romance, Nando começa a reavaliar a sua trajetória. Todas as tentativas pacíficas de transformação social haviam fracassado. A partir de então, o herói passa admitir a violência como forma de luta política.

Do sacerdócio num mosteiro de Olinda ao movimento de guerrilha no interior de Goiás, Nando percorre um longo caminho de autoconhecimento. No início do livro, Nando é padre e sua posição é conservadora (a visão do dominante). No meio do romance, Nando viaja para o Xingu e na vereda das orquídeas relaciona-se com Francisca (o protagonista se encontra com e em Francisca, e passa a reconhecer o “outro”). No final da obra, Nando torna-se educador para, em seguida, diante das circunstâncias históricas do Brasil, aderir à luta armada (a perspectiva crítica). A jornada de Nando em *Quarup*, portanto, vai da alienação completa (subordinado à ideologia dominante) ao extremismo político (opção pela luta armada num contexto de ditadura e repressão política violenta).

Desse modo, em sua terceira fase de aprendizagem, ambientada no Brasil dos anos sessenta do século XX, Nando milita pela implantação da modernidade. Por meio da Teologia da Libertação, representada no romance por Gonçalo, setores da Igreja Católica se aproximam dos mais pobres. Atitude semelhante têm as Ligas Camponesas, que organizam os mais humildes na busca por direitos sociais. Inserido nesse turbilhão revolucionário, Nando age para transformar a realidade que o cerca. Note-se que a modernidade é dinâmica, nos remete ao futuro e indicia justiça social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrevendo acerca da filosofia de Walter Benjamin (1892-1940), Maria João Cantinho (1998) afirma que somente uma crítica alegórica pode abarcar a obra de arte em toda a sua complexidade (CANTINHO, 1998, p. 84). Baseando-se em Benjamin, Cantinho escreve que, como um colecionador, o alegorista procura esclarecer o presente com base em fragmentos passados<sup>106</sup>. Desse modo, a alegoria tem o poder de dizer uma coisa, para significar outra (CANTINHO, 1998, p. 95). Partindo desses pressupostos, concluímos que a jornada de Nando em *Quarup* pode ser interpretada, de maneira alegórica, como o périplo de um Brasil que busca, na democracia, justiça social. Vejamos, mais detidamente, como isto acontece.

No segundo capítulo desta dissertação, mostramos que Nando, como padre, conhece a situação social dos mais pobres. Desse ciclo de aprendizado do herói, lê-se: o estatuto da escravidão, naturalizado em nossa sociedade, transformou o trabalhador brasileiro num mero “objeto falante”<sup>107</sup>. Acima da pirâmide social, uma elite semicolonial projeta sempre investir

---

<sup>106</sup> De acordo com Maria João Cantinho (1998): “As leis que presidem à construção alegórica são as da dispersão e as da separação, leis que destroem e fragmentam a unidade. Tudo aquilo que cai sob o olhar alegórico se transforma imediatamente em fragmento, em ruína, em áridos *rebus*. O olhar alegórico nasce do (re) conhecimento dessa violência dialética e dilaceradora que habita o próprio cerne das coisas, daí que tudo aquilo sobre o qual ele cai se lhe revele esquartejado, separado definitivamente, reenviando esse que olha para a dissipação imediata da organicidade do seu objeto, transformando-o em ruína e é justamente por isso, que a *ruína* se converte na matéria-prima da alegoria (tomada como o seu elemento pregnante), na sua ‘*pedra de toque*’, sendo o resultado daquilo que o tempo destruiu: o inteiro, o contínuo, o todo simbólico” (CANTINHO, 1998, p. 108 – grifos da autora).

<sup>107</sup> Referindo-se ao período republicano da história de Roma, Rubim Santos Leão de Aquino (2006) afirma: “Os escravos constituíam uma mercadoria como qualquer outra: eram vendidos nos mercados, proporcionando enormes lucros aos traficantes romanos. No Direito Romano, o escravo era uma peça. Varrão, escritor latino do século I a.C., classifica o equipamento da fazenda como falantes, não falantes e mudos, isto é, escravo, gado e arados. O escravo pode ser comprado, vendido ou alugado, casado ou não [...], alimentado, vestido e, em geral,

pouco e ganhar muito, objetivando, assim, a maximização de seus lucros; na base da pirâmide, por sua vez, representando o último estamento, o trabalhador é excessivamente explorado e não tem direitos civis. Note-se que enquanto a elite senhorial perpetua-se como classe dominante, o Estado mantém-se inerte em relação aos direitos civis da maioria da população.

No terceiro capítulo deste trabalho acadêmico, mostramos que Nando, como sertanista, compreende a indiferença do Estado frente aos mais humildes. Desse ciclo de aprendizado, lê-se: a desigualdade jurídica, naturalizada em nossa sociedade, transformou o pobre brasileiro numa entidade invisível. Buscando prosperidade para os seus negócios e a manutenção do *status quo*, a elite senhorial faz um conluio com o Estado brasileiro, ambicionando afastar o trabalhador de seus direitos e dos centros de poder. Uma vez realizado, esse conluio passa a significar - para os mais pobres - uma barreira que impede a ascensão social, e para os mais ricos um trampolim que garante benefícios e privilégios sistemáticos.

Em *Quarup*, o sofrimento dos mais pobres (proveniente da exploração da elite e da falta de auxílio do Estado) liga-se ao tradicionalismo arraigado em nossa história. Proveniente do colonizador português, que açoitava os seus escravos e confundia o público com o privado<sup>108</sup>, o tradicionalismo de feição conservadora tornou-se, em pouco tempo, parte constituinte da cultura brasileira. Para perpetuar o *status quo*, nossa elite senhorial elaborou um projeto de dominação em longo prazo. Reprimido pela crueza do conservadorismo, Nando descobre, em Francisca a sua verdadeira essência. Nesse momento, o protagonista constata que os mais humildes precisam ser mobilizados por melhorias sociais.

Com efeito, no quarto capítulo deste estudo, Nando, como educador, entra em contato com a militância social. Desse estágio de aprendizado do protagonista, lê-se: num movimento de reação, gestado pela conjuntura política interna e inspirado pela Revolução Cubana, o povo

---

punido ao gosto de seu dono. Tudo o que ganha pertence legalmente ao seu proprietário. Filho de mãe escrava é propriedade do seu senhor” (DE AQUINO, 2006, p. 340).

<sup>108</sup> De acordo com Sérgio Buarque de Holanda (1995): “No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera, por excelência dos chamados ‘contatos primários’, dos laços de sangue e de coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas” (HOLANDA, 1995, p. 146).



torna-se agente de sua própria história. Expropriados por uma elite senhorial e desassistidos pelo Estado, os mais pobres exigem direitos trabalhistas, o que significaria o fim de um círculo vicioso de exploração, e projetam reformar o Estado brasileiro, tornando-o mais democrático. Vislumbra-se nessa altura romance, portanto, um país mais justo para todos.

Em *Quarup*, a luta do povo por reformas democráticas faz referência à modernidade nascente em nossa história. Idealizada pelos setores progressistas da sociedade brasileira dos anos sessenta do século XX, que entendiam que a desalienação do trabalhador era uma pré-condição para a democracia real, a modernidade tornou-se em pouco tempo, um imperativo para parte de nossa intelectualidade. Também o povo nesse período começa a se organizar e a defender as ideias modernas. Nesse momento, no entanto, o golpe-civil militar de 1964 é deflagrado, Nando é preso e o projeto da revolução democrática (idealizado pelo protagonista e por Francisca) é abortado<sup>109</sup>.

Em nossa leitura, o golpe civil-militar de 1964 representa, em *Quarup*, o triunfo do tradicionalismo conservador sobre a modernidade democrática. Nessa altura do romance, portanto, a luta dos mais pobres (a revolução democrática não possuía uma organização sistemática) é superada pela ação de força (o golpe militar) e pelo planejamento jurídico burocrático dos mais ricos (esboçado num projeto de poder a longo prazo). Além disso, o golpe civil-militar de 1964 também pode ser entendido, a partir das ações repressivas e violentas registradas no romance, como uma vitória do autoritarismo sobre a democracia. O romance demonstra que, buscando manter-se no poder por meio da perpetuação do tradicionalismo conservador em nossas relações sociais, a elite senhorial brasileira é historicamente simpática a regimes de governo autoritários, violentos e antidemocráticos.

Não por acaso, a quebra da normalidade constitucional por meio de golpes de Estado tem sido um fato recorrente na história brasileira<sup>110</sup>. Percebe-se que, recorrentemente, os governos são minados por projetos autoritários. Com base nisso que *Quarup* mostra, chegamos a uma última consideração: da ficção para a realidade concreta, devemos entender

---

<sup>109</sup> Sem um plano emergencial, a revolução democrática idealizada por Nando fracassa. Em alguns trechos de *Quarup*, Nando afirma que o Brasil sofre de ejaculação precoce, isto é, todos os nossos projetos políticos são pensados em curto prazo. Diz o protagonista: “O Brasil faz planos de governo de cinco anos que duram cinco meses e planos de três anos que duram três dias. Presidentes eleitos por cinco anos possuem a pátria em sete meses, abotoam a braguilha e vão embora. E há presidentes que duram dois dias” (CALLADO, 1984, p. 537).

<sup>110</sup> Em 2016, por exemplo, um golpe jurídico-parlamentar, organizado por setores conservadores de nossa sociedade, destituiu a presidente Dilma Rousseff (2011-2016).

o percurso de Nando, o herói-protagonista de *Quarup*, como uma alegoria aberta que ainda ecoa na consciência de cada brasileiro<sup>111</sup>.

Estudando a alegoria na obra de Walter Benjamin, Maria João Cantinho afirma: “O movimento alegórico permite a realização da petrificação do tempo em história petrificada, mediante a linguagem, isto é, mediante a escrita” (CANTINHO, 1998, p.109). Ainda baseando-se em Benjamin, Cantinho escreve que o olhar do alegorista, como o da Medusa, petrifica a beleza de seu objeto, salvando-o da efemeridade (CANTINHO, 1998, p. 117). De fato, *Quarup*, também petrifica o tempo (o contexto sócio-político dos anos sessenta do século XX e o golpe civil-militar de 1964), transformando-o em história petrificada. Sob o olhar da medusa, portanto, o périplo de Nando é petrificado e, por isso mesmo, aos olhos do leitor que lhe dá ânimo, torna-se exemplar.

---

<sup>111</sup> Sabe-se em *Quarup* que Nando pretendia, por meio da consolidação da democracia, construir um Brasil mais justo. Saindo da ficção dos anos sessenta e adentrando o cenário político do início dos anos dois mil, concluímos que o projeto de Nando mantém-se vivo. Ainda hoje, milhares de brasileiros lutam pela consolidação de nossa democracia e por justiça social. Atesta-se, desse modo, a atualidade do romance *Quarup*, publicado, originalmente, em 1967.

## Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi; Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AB'SABER, A. N. et al. *Época colonial: do descobrimento à expansão territorial*. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

AGAZZI, G. L. Um romance de aprendizagem da realidade brasileira em tempos de alienação. *Brazilian Cultural Studies*, São Paulo, v.1, n.2, 2010. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/bcs/index.php/bcs/article/view/59/39>> Acesso em: 5 de outubro de 2017, 22:20.

\_\_\_\_\_. *Um país emaranhado: o projeto ficcional de Antônio Callado*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em <http://pos.fflch.usp.br/node/46839>> Acesso em: 12 de agosto de 2017.

AGOSTINHO, P. *Kwarìp: mito e ritual no Alto Xingu*. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: *História da vida privada no Brasil – Volume 2*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARQUIDICOESE DE SÃO PAULO; ARNS, D. P. E. *Brasil: nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

- ARRIGUCCI, D. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ÁVILA, H. M. Quarup de Antonio Callado: entre a natureza e a história. In: ÁVILA, H. M. *Da urgência à aprendizagem – sentido da história e romance brasileiro dos anos sessenta*. Londrina: Editora UEL, 1997.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BARBOSA, L. R. *Movimento de Cultura Popular: impactos na sociedade pernambucana*. Recife: Linceu, 2009.
- BARTHES, R. Efeito de real. In: TODOROV, T; BREMOND, C. *Literatura e semiologia*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BASTOS, E. R. *As ligas camponesas*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BENDER, M. B. Quarup: uma alegoria do Brasil. *Revista Tabuleiro de Letras*, Guanambi, v. 3, n.1, 2012.
- BENJAMIN, W. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- \_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- \_\_\_\_\_. *A Origem do Drama Trágico Alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Bíblia de Jerusalém*. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, L. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- BOFF, L; BOFF, C. *Como fazer teologia da libertação*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BORGES, M. J. S. *As configurações intensivas do tempo e a concepção crítica de história e memória em Quarup, de Antonio Callado*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102405>> Acesso em: 6 de outubro de 2017, 18:00.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 51 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.
- BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo – a experiência vivida*. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- BRANDÃO, C. R. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- CALLADO, A. A. *Antonio Callado: fotobiografia*. Recife: Cepe, 2013.
- CALLADO, A. *Quarup*. 12 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Trad. Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Esqueleto na lagoa verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Entre o Deus e a vasilha: ensaio sobre a reforma agrária brasileira, a qual nunca foi feita*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Antonio Callado, repórter*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Os industriais da seca e os "Galileus" de Pernambuco: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.
- CAMINHA, P. V. *Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. Lisboa: Parque Expo 98, 1997.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 8 ed. São Paulo: TA Queiroz; Publifolha, 2000.
- CANDIDO, A et al. *A personagem de ficção*. 13 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CANTINHO, M. J. *O Anjo Melancólico*. Ensaio Sobre o Conceito de Alegoria, 1998.
- CASTRO, J. *Geografia da fome - o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- CHAUI, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COSTA, E. V. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 8 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- COELHO, T. *O que é utopia*. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- CORBISIER, R. *Reforma ou revolução?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

- COTRIM, G. *História global, volume único*. 11 ed. São Paulo: Saraiva, 2016.
- DA COSTA, E. J. *Quarup, tronco e narrativa*. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.
- DA SILVA, J. G. *O que é questão agrária*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DAVIDOFF, C. H. *Bandeirantismo: verso e reverso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DE AQUINO, R. S. L et al. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. Rio de Janeiro: Editora. Ao Livro Técnico, 2006.
- \_\_\_\_\_. *História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2008.
- DE SOUZA, L. S. Estrutura pós-colonial de Quarup, de Antonio Callado. *Revista A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 9, n.1, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1545>> Acesso em: 5 de outubro de 2017, 22:00
- DIAS, G. R.; ROCHA, R. C. Estupefação e o esmaecimento do projeto utópico na ficção de 70: Quarup. *Revista Ícone*, São Luís de Montes Belos, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.prp2.ueg.br/06v1/conteudo/pesquisa/ini-cien/eventos/sic2007/flashsic2007/arquivos/resumos/resumo06.pdf>> Acesso em: 5 de outubro de 2017, 21:45.
- DRESSEL, H. Espera ou ação: na engrenagem da culpa. In: LEITE, L. C. M; DIMAS, A; ZILLY, B. (Org.). *Brasil, País do Passado*. São Paulo: Edusp, 2000.
- FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2001.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. 13 ed. São Paulo: Edusp, 2010.
- FERGUSON, S. B; WRIGHT, D. F. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5 ed. São Paulo: Globo Livros, 2005.
- FILHO, P. H.. O romance justificado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 48, set. 1968.
- FIORI, E. M. Prefácio: aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Trad. Sergio Alcides. São Paulo: Globo Livros, 2003.
- FRANCO JUNIOR, A. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T. (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREUD, S. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FRYE, N. *Anatomia da crítica*. Trad. Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações, 2014.

GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

GASPARI, E. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, E. *A ditadura escancarada*. 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. 3 ed. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1989.

GOUVEIA, A. *Literatura e repressão pós-64: o romance de Antonio Callado*. João Pessoa: Ideia, 2006.

GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 5 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramos, Expressão Popular, 2014

GULLAR, F. Quarup ou ensaio de deseducação para brasileiro virar gente. *Revista Civilização Brasileira*, v. 15, Rio de Janeiro, 1967.

GUIMARÃES, H. S.; LESSA, A. C. *Figuras de linguagem*. São Paulo: Atual, 1988.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

HANSEN, J.A. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. *Bandidos*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1976.

HOLANDA, S. B. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: TA Queiroz; Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOORNAERT, E. et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

HUIZINGA, J. *O outono da Idade Média*. Trad. Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JABLONSKI, J; CAMARGO, W. A. O discurso romanesco e a obra Quarup. *Revista Tempo da Ciência*, Toledo, v. 12 n.24, 2005. Disponível em: e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/download/447/362> Acesso em: 5 de outubro de 2017, 21:30.

JULIÃO, F. *Cambão: a face oculta do Brasil*. Recife: Edições Bagaço, 2013.

\_\_\_\_\_. *Que são as ligas camponesas?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

JÚNIOR, C. P. *A revolução brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

KOSHIYAMA, A. M. *O tempo de Levindo: ficção e história no romance Quarup*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

LE GOFF, J. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1979.

LEITE, L. C. M. *O foco narrativo ou a polêmica em torno da ilusão*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: LEITE, L. C. M; LAFETÁ, J. L; ZILIO, C. (Org.). *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.

LOKENSARGARD, M. A. A teorização do Brasil e a opção heroica em Quarup. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 34, n.1, 1999. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14929>> Acesso em: 5 de outubro de 2017, 21:30.

LOPEZ, L. R. *História do Brasil Imperial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LUKÁCS, G. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2000.

MAAS, W. P. M. D. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MARTINELLI, M. *Antonio Callado, um sermonário à brasileira*. São Paulo: Anablume, 2006.

MARTINS, W. O ópio dos intelectuais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 44, nov. 1967.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



- MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- NEGRÃO, L. N. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://xa.yimg.com/kq/groups/21761352/1857892113/.../Negrão+-+messianismo.pdf>> Acesso em: 7 de outubro de 2017, 17:30.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NUNES, B. *O tempo na narrativa*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- PRADO, P. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 10ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- PELLEGRINO, H. O nascimento do herói novo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 4, ago. 1967.
- PEREIRA, C. A. M. *O que é contracultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- PINTO, C. F. Quarup. In: *A viagem do herói no romance de Antonio Callado*. Brasília: Thesaurus, 1985. LEITE, L. C. M. *Antonio Callado e os longes da pátria*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- POUILLON, J. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, Editora Da Universidade de São Paulo, 1974.
- PROENÇA FILHO, D. *Estilos de época na literatura*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- REIS, C; LOPES, A. C. M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- RIBEIRO, D. *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIDENTI, M. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- ROZOWYKWIAT, T. *Arraes*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- SANTOS, F. V. *Callado no lugar das ideias – Quarup: um romance de tese*. Rio de Janeiro: Caetés, 1999.
- SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970. Disponível em [stoa.usp.br/alexccarneiro/files/1/4529/sartre\\_exitencialismo\\_humanismo.pdf](http://stoa.usp.br/alexccarneiro/files/1/4529/sartre_exitencialismo_humanismo.pdf)> Acesso em: 11 de outubro de 2017, 14:00.

\_\_\_\_\_. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 24 ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SCHWARZ, R. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: *Revista de Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, v. 20 n.1, 2008. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf)> Acesso em: 11 de outubro de 2017, 12:00.

\_\_\_\_\_. Walter Benajmin e os sistemas de escritura. *Revista Remate de Males*, Campinas, v.22 n.2, 2012. Disponível em: [revistas.iel.unicamp.br/](http://revistas.iel.unicamp.br/)> Acesso em: 7 de outubro de 2017, 17:30.

SERBIN, K. P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVERMAN, M. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SKIDMORE, T. E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Trad. Ismenia Antunes Dantas. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

SODRÉ, N. W. O momento literário. *Revista Civilização Brasileira*, v. 15, Rio de Janeiro, p. 213-228, set. 1967.

VILLAS BÔAS, O; VILLAS BÔAS, C. *A marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VINAR, M; VINAR, M. *Exílio e tortura*. Trad. Waldir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.

WOOD, J. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



## TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 22,05,18

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do autor